

Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas

SAÚDE ALAGOAS

Análise da Situação de Saúde

2 0 1 4

3ª REGIÃO

Maceió - AL
2014

Governo de Alagoas
Secretaria de Estado da Saúde
Superintendência de Vigilância em Saúde
Diretoria de Análise da Situação de Saúde

Saúde Alagoas
Análise da Situação de Saúde

GOVERNADOR DO ESTADO
Teotônio Brandão Vilela Filho

VICE-GOVERNADOR
José Thomaz Nonô

SECRETÁRIO DE ESTADO DA SAÚDE
Jorge de Souza Villas Bôas

SECRETÁRIA ADJUNTA DE ESTADO DA SAÚDE
Julia Maria Fernandes Tenório Levino

CHEFE DE GABINETE
Antônio de Pádua Cavalcante

SUPERINTENDÊNCIA DE VIGILÂNCIA À SAÚDE
Sandra Tenório Accioly Canuto

DIRETORIA DE ANÁLISE DA SITUAÇÃO DE SAÚDE
Herbert Charles Silva Barros

DIRETORIA DE LABORATÓRIO DE SAÚDE PÚBLICA
Telma Machado Lisboa Pinheiro

DIRETORIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE
Eliana Cavalcante Padilha

DIRETORIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE AMBIENTAL
Maria Elisabeth Vieira da Rocha

DIRETORIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR
Gardênia Souza Freitas de Santana

DIRETORIA DE VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA
Cleide Maria da Silva Moreira

DIRETORIA DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA
Paulo Bezerra Nunes

2014 – Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas

Todos os direitos reservados.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou para qualquer fim comercial.

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é de seus autores e suas respectivas Áreas Técnicas.

Este editorial pode ser acessado na íntegra no site da Secretaria de Estado da Saúde:
<http://www.saude.al.gov.br>

1ª Tiragem: Ano V (Vol. V) – 300 exemplares

Elaboração, edição e distribuição:

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE ALAGOAS - SESAU
Superintendência de Vigilância em Saúde - SUVISA
Diretoria de Análise da Situação de Saúde - DIASS
Coordenação Técnica, Produção e Organização: DIASS
Avenida da Paz, nº 1068. Salas: 201, 202 e 203 – Jaraguá
CEP: 57022-050 – Maceió/ Alagoas

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação:

David Silva de Lima – DIASS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
PERFIL DEMOGRÁFICO, DETERMINANTES E CONDICIONANTES DE SAÚDE.....	9
ASPECTOS DEMOGRÁFICOS.....	10
População residente	10
População residente segundo sexo	11
Pirâmides etárias	11
Taxa específica de fecundidade.....	13
Índice de envelhecimento	17
Razão de dependência.....	18
DETERMINANTES E CONDICIONANTES DE SAÚDE	19
Aspectos Socioeconômicos	19
Índice de GINI	19
Taxa de Analfabetismo	20
Taxa de Desemprego	21
Taxa de Trabalho Infantil	22
População com baixa renda	22
Situação de saneamento e moradia	23
Aglomerados Subnormais.....	23
NATALIDADE	27
TIPO DE PARTO	29
BAIXO PESO AO NASCER.....	32
PREMATURIDADE	35
MÃES ADOLESCENTES	39
CONSULTA PRÉ-NATAL	41
ESCOLARIDADE	44
ANOMALIAS CONGÊNITAS.....	44
APGAR.....	46
MORBIDADE.....	49

DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS	50
Áreas endêmicas.....	50
Dengue.....	50
Esquistossomose	54
Doença de Chagas, Leishmaniose Tegumentar Americana e Leishmaniose Visceral	56
Hanseníase.....	57
Tuberculose	60
Sífilis congênita/gestante	65
AIDS	68
Tétano Acidental.....	70
Meningites.....	71
Hepatites virais	72
AGRAVOS A SAÚDE	73
Escorpionismo	73
Ofidismo	74
DOENÇAS E AGRAVOS RELACIONADOS AO TRABALHO	75
Acidente de trabalho com exposição à material biológico	75
Acidente de trabalho grave	77
Demais doenças e agravos relacionados ao trabalho	78
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, SEXUAL E OUTRAS VIOLÊNCIAS	79
VACINAÇÃO	81
MORBIDADE HOSPITALAR	83
INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS À ATENÇÃO PRIMÁRIA (ICSAP)	86
DOENÇAS RELACIONADAS AO SANEAMENTO AMBIENTAL INADEQUADO (DRSAI).....	91
DOENÇAS E AGRAVOS RELACIONADOS AO TRABALHO (DART)	93
DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS (DCNT)	96
MORTALIDADE.....	107

ELABORADORES

Saúde Alagoas: Análise da Situação de Saúde

Capítulo 1 – Perfil demográfico, determinantes e condicionantes de saúde

Rívia Rose da Silva Machado

Capítulo 2 – Natalidade

Merielle de Souza Almeida

Capítulo 3 – Morbidade

Bruno Souza Lopes

Capítulo 4 – Morbidade Hospitalar

Herbert Charles Silva Barros

Capítulo 5 – Mortalidade

Anderson Brandão Leite

APRESENTAÇÃO

A Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas apresenta o livro **Saúde Alagoas 2014, ano 5º: Análise da Situação de Saúde**, publicação preparada e organizada com muito carinho pela Superintendência de Vigilância em Saúde, através da Diretoria de Análise da Situação de Saúde, abordando indicadores relevantes, que irão servir de subsídio para o planejamento baseado em evidências.

A vigilância em saúde tem por objetivo a observação e análise permanentes da situação de saúde da população, conjunto de ações destinadas a controlar determinantes, riscos e danos à saúde de populações que vivem em determinados territórios, garantindo a integralidade da atenção.

A situação atual não nos permite mais propor ações e metas sem demonstrarmos as reais necessidades, pois, se permanecermos nessa prática arcaica, estaremos replicando formas errôneas que deixarão o planejamento fadado ao fracasso e a população cada vez mais vulnerável.

Com isso, espera-se que técnicos e gestores utilizem este instrumento como um dos balizadores de suas programações plurianuais e anuais, refletindo com maior fidedignidade a realidade local e regional.

Que estes livros não se tornem a única fonte de análise de indicadores, mas um indutor para a busca, aprimoramento e utilização de todas as fontes de dados disponibilizadas pelas diversas esferas de gestão.

Jorge de Souza Villas Bôas

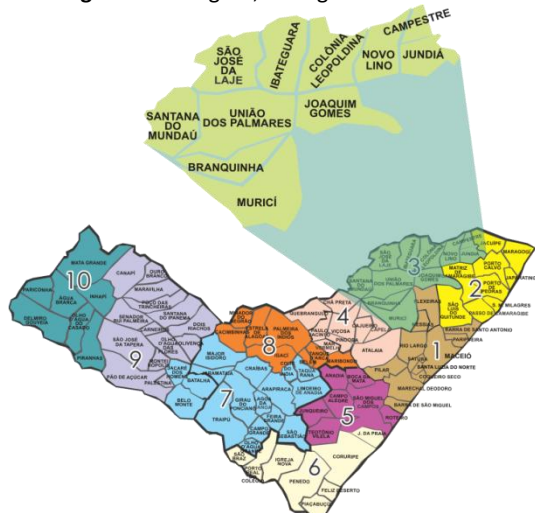
Secretário de Estado da Saúde de Alagoas

**PERFIL DEMOGRÁFICO, DETERMINANTES E
CONDICIONANTES DE SAÚDE**

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

Os Municípios que compõem a 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas localizam-se na mesorregião do Leste Alagoano e possuem um clima do tipo Tropical, com temperaturas que podem variar, com a máxima chegando até 33,4°C, e a mínima, a 21,3°C. Na figura abaixo é possível visualizar o mapa de Alagoas, com destaque para a 3ª RS.

Figura 01 – Alagoas, 3ª Região de Saúde. 2014.



Fonte: DIASS/SUVISA/SESAU-AL.

População residente

Ao analisar a população residente na 3ª RS, verifica-se que esta região apresenta uma população de 224.757 habitantes, que corresponde a 6,8% da população do estado. Ao analisar os municípios pertencentes a esta RS, observa-se que União dos Palmares possui o maior percentual de população residente (29,3%), seguido de Murici (12,5%). A menor população está no Município de Jundiá (1,9%) (tabela 01).

Tabela 01 - População residente nos Municípios de compõem a 3ª Região de Saúde, Alagoas. 2014.

LOCALIDADE	POPULAÇÃO	%
3ª RS	224.757	---
Branquinha	10.783	4,8
Campestre	6.952	3,1
Colônia Leopoldina	21.477	9,6
Ibateguara	15.783	7,0
Joaquim Gomes	23.941	10,7
Jundiá	4.253	1,9
Murici	28.201	12,5
Novo Lino	12.583	5,6
Santana do Mundaú	11.070	4,9
São José da Laje	23.950	10,7
União dos Palmares	65.764	29,3

Fonte: DATASUS/IBGE/2014.

*Dados obtidos com base na projeção do IBGE/2014.

População residente segundo sexo

Observando a população segundo sexo, verifica-se que o percentual da população masculina é **maior** na maioria dos municípios, onde Joaquim Gomes aparece com o maior percentual (51,0%), fato que também é exposto quando observada a razão de sexos (104,2%) (tabela 02).

Tabela 02 - População residente em Alagoas por Municípios da 3ª Região de Saúde, segundo sexo. 2012.

LOCALIDADE	SEXO				RAZÃO DE SEXOS
	MASCULINO	(%)	FEMININO	(%)	
3ª RS	107.059	49,6	108.597	50,4	98,6
Branquinha	5.326	50,9	5.145	49,1	103,5
Campestre	3.322	49,9	3.333	50,1	99,7
Colônia Leopoldina	10.268	50,3	10.133	49,7	101,3
Ibateguara	7.581	49,9	7.599	50,1	99,8
Joaquim Gomes	11.661	51,0	11.192	49,0	104,2
Jundiá	2.092	50,5	2.050	49,5	102,0
Murici	13.436	49,7	13.594	50,3	98,8
Novo Lino	6.242	50,7	6.061	49,3	103,0
Santana do Mundaú	5.406	50,1	5.386	49,9	100,4
São José da Laje	11.281	49,2	11.625	50,8	97,0
União dos Palmares	30.444	48,4	32.479	51,6	93,7

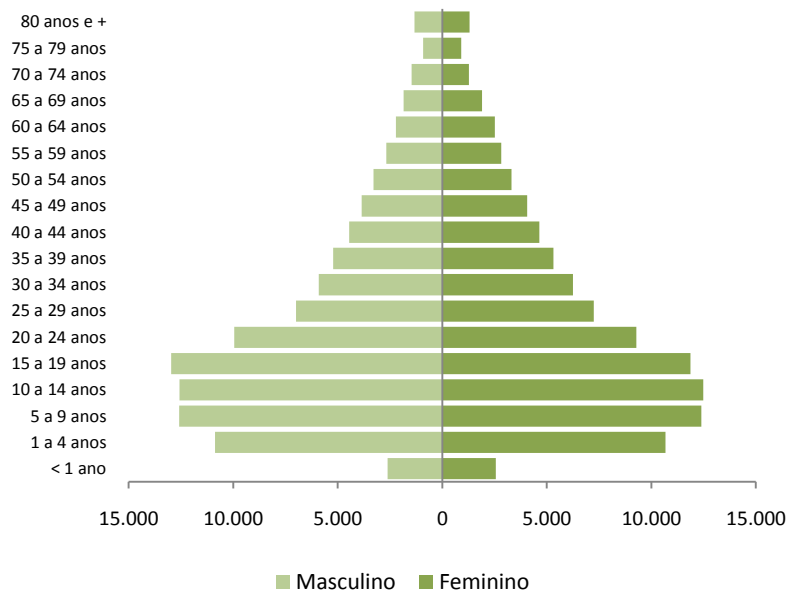
FONTE: DATASUS/IBGE/2012.

Pirâmides etárias

A distribuição da população por grupos etários é demonstrada e comparada, com dados do censo do IBGE de 2000 e projeção para 2012, respectivamente, nas figuras 02 e 03, verifica-se que houve um crescimento da população de 60 anos e mais (a proporção de idosos em Alagoas aumentou, neste período, de 7,74% para 8,71%). Observa-se, ainda, um leve aumento na população de 25 a 29 anos (7,03% para 8,33%). Também é possível observar uma redução da população em 2012 nas demais faixas etárias (< 1 ano, 1 a 4 anos, 5 a 9 anos, 10 a 14 anos e 15 a 19 anos).

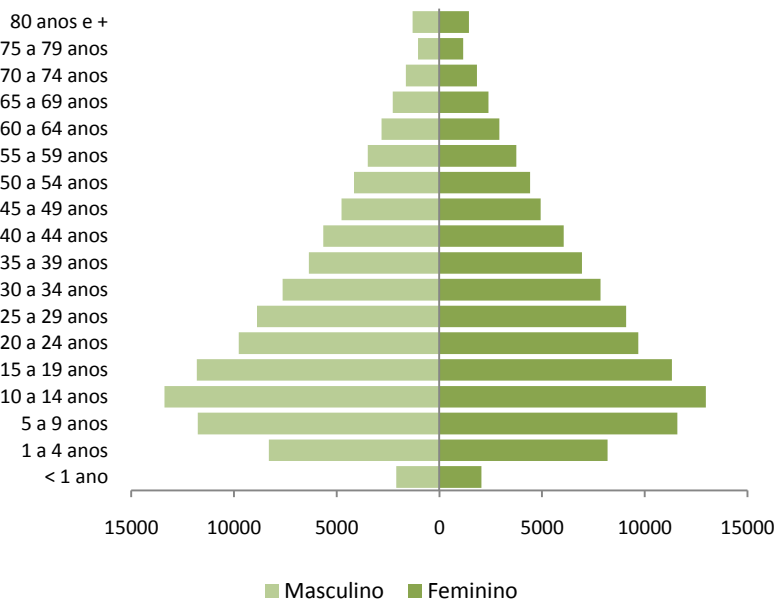
Em 2012, a pirâmide etária da 3ª Região de Saúde, demonstra que o maior número de pessoas está concentrado na faixa etária de 10 a 14 anos. Quando visualizado segundo sexo, a maior população encontrada foi a masculina, também na faixa etária de 10 a 14 anos (Figura 03).

Figura 02 – Pirâmide etária da população residente na 3ª Região de Saúde, 2000.



FONTE: DATASUS/IBGE/2000

Figura 03 – Pirâmide etária da população residente na 3ª Região de Saúde, 2012.

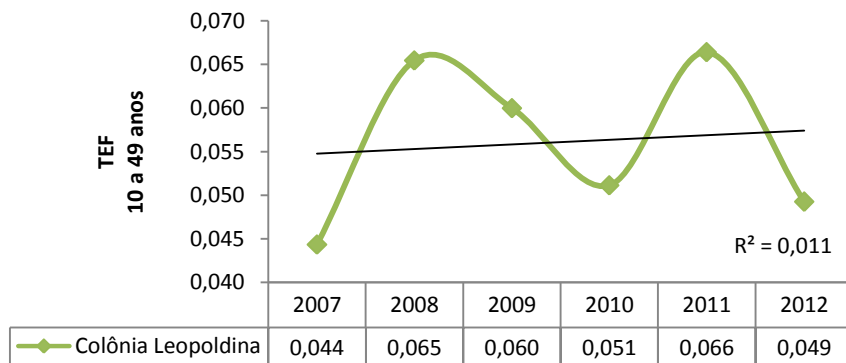
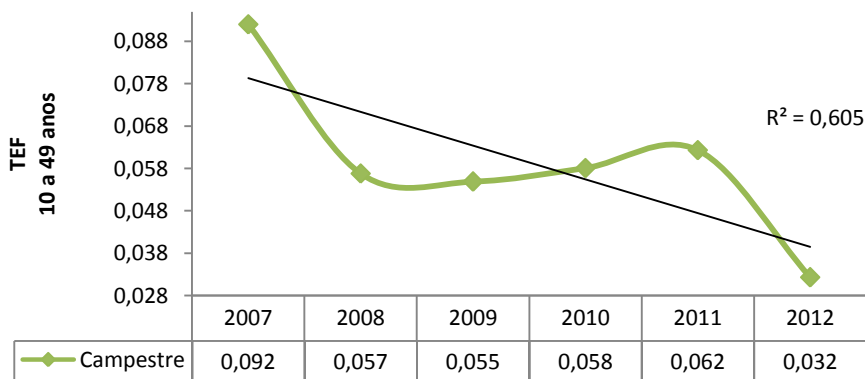
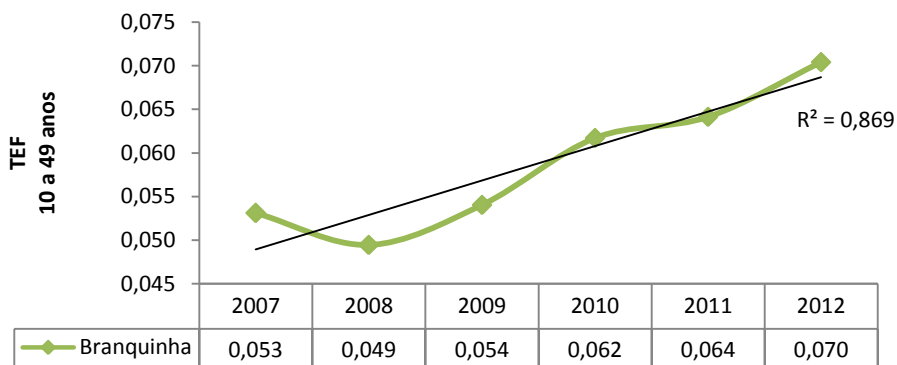


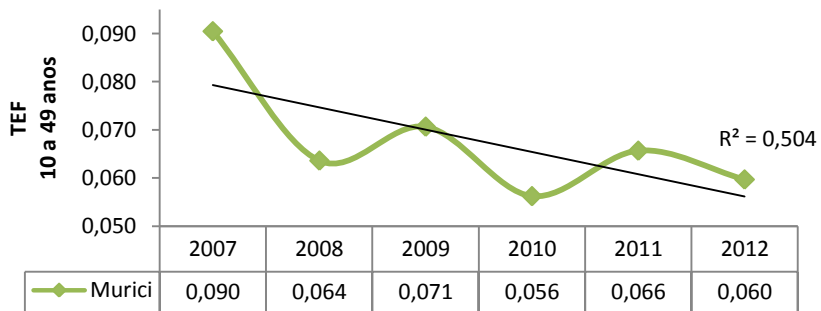
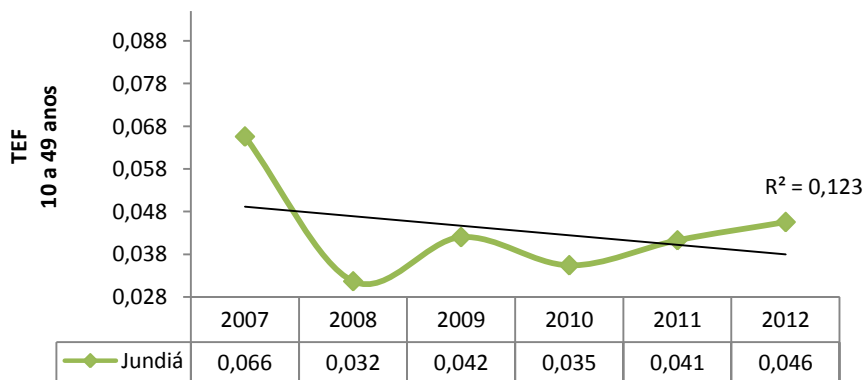
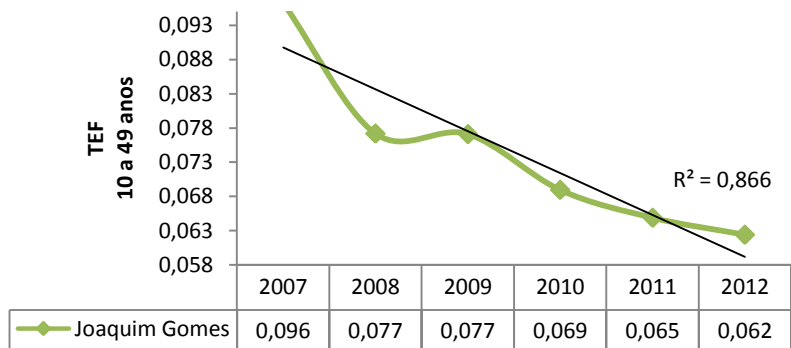
FONTE: DATASUS/IBGE/2012

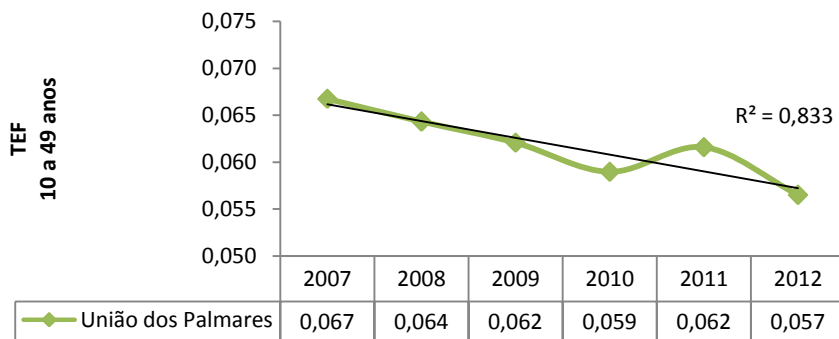
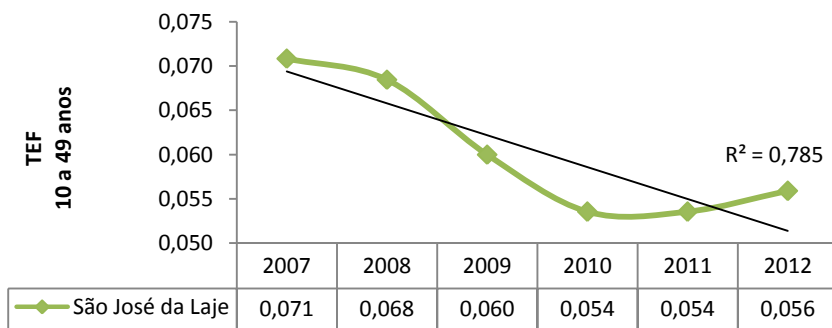
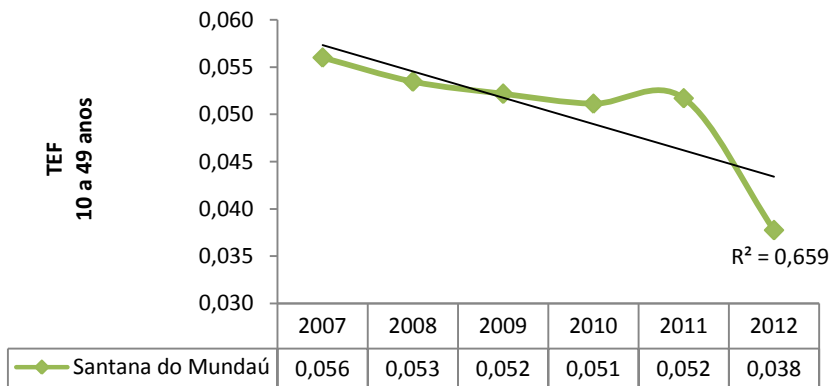
Taxa específica de fecundidade

Ao observar, na figura 04, a taxa específica de fecundidade, em uma análise temporal de 2007 a 2012, verifica-se que os Municípios apresentaram uma tendência de queda no período avaliado, com exceção de Branquinha, onde houve uma forte tendência significativa ($R^2=0,869$) de crescimento da taxa. O Município de Joaquim Gomes apresenta a maior queda ($R^2=0,866$) quando comparada aos outros Municípios da Região.

Figura 04 - Taxa específica de fecundidade, segundo Municípios da 3ª Região de Saúde de Alagoas e faixa etária. 2012.





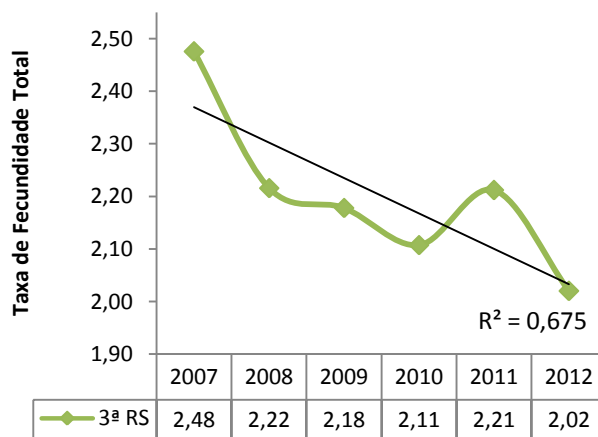


FONTE: DATASUS/IBGE/SINASC/tabulado em 03.06.2013

Taxa de Fecundidade Total

No período avaliado, observa-se uma tendência moderada de redução ($R^2=0,675$) da taxa de fecundidade total para a 3ª Região de Saúde. Verifica-se que, entre os anos de 2007 e 2011, a região apresentou uma taxa acima do limiar de reposição da população (figura 05).

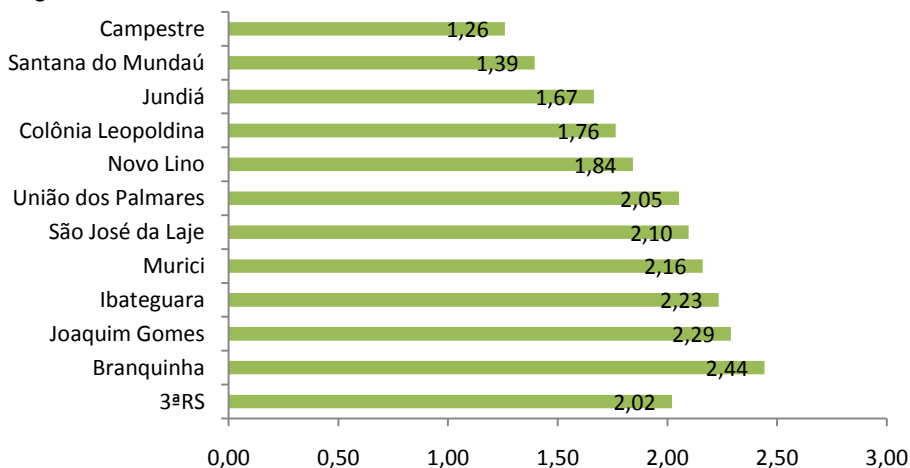
Figura 05 – Taxa de Fecundidade total na 3ª Região de Saúde de Alagoas. 2007 a 2012.



FONTE: DATASUS/IBGE/SINASC/tabulado em 03.06.2013

Segundo Municípios da 3ª Região de Saúde, a maior taxa de fecundidade observada é em Branquinha (2,44 filhos/mulher) e a menor em Campestre (1,26 filho/mulher) (figura 06).

Figura 06 – Taxa de Fecundidade total segundo Municípios da 3ª Região de Saúde de Alagoas. 2012.

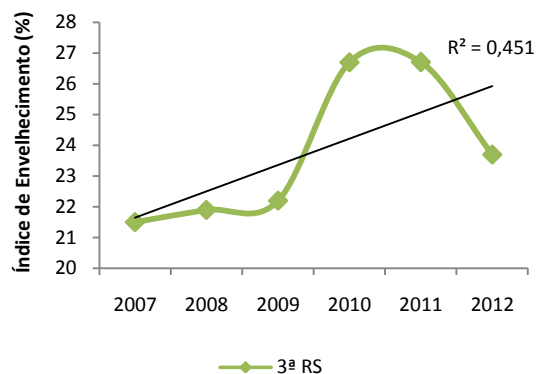


FONTE: IBGE/2012/SINASC, tabulado em 03.06.2013

Índice de envelhecimento

Os dados da figura 07 mostram uma fraca tendência de crescimento ($R^2=0,451$) do índice de envelhecimento da população residente na 3ª RS.

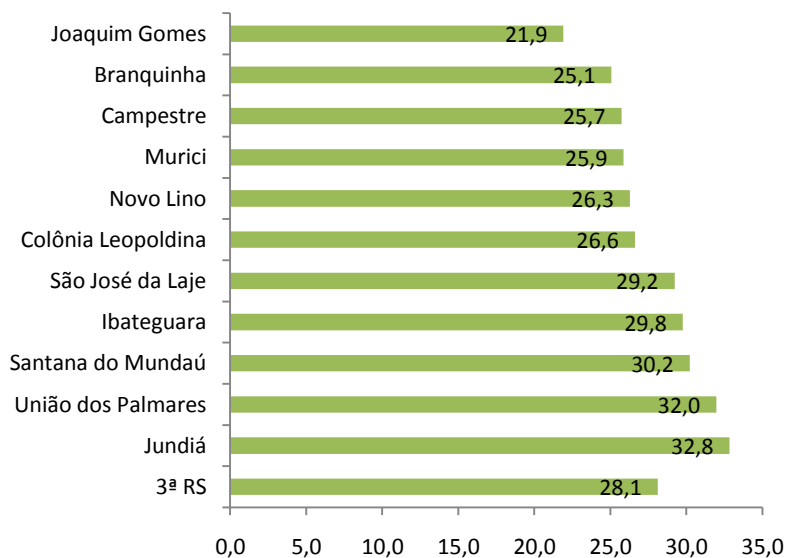
Figura 07 - Índice de Envelhecimento da população da 3ª Região de Saúde. Alagoas, 2007 a 2012.



FONTE: DATASUS/IBGE/2012

Quando o índice de envelhecimento é observado segundo os Municípios da região de saúde, Jundiá (32,8%), seguida por União dos Palmares (32,0%), apresentam os maiores índices. O menor índice encontrado foi no Município de Joaquim Gomes (21,9%) (Figura 08).

Figura 08 - Índice de Envelhecimento na 3ª Região de Saúde de Alagoas, 2012.

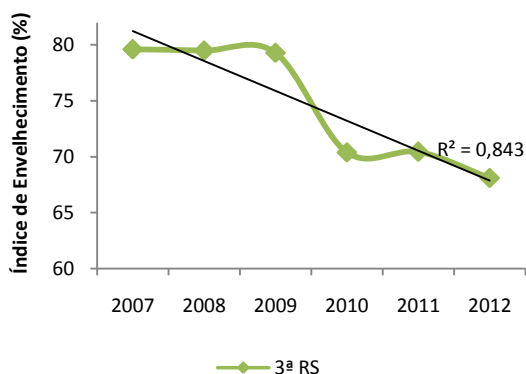


FONTE: DATASUS/IBGE/2012

Razão de dependência

Ao avaliar o período de 2007 a 2012, observa-se que a 3ª RS apresenta uma forte tendência significativa de declínio da razão de dependência ($R^2 = 0,843$), o que está relacionado ao processo de transição demográfica (figura 09).

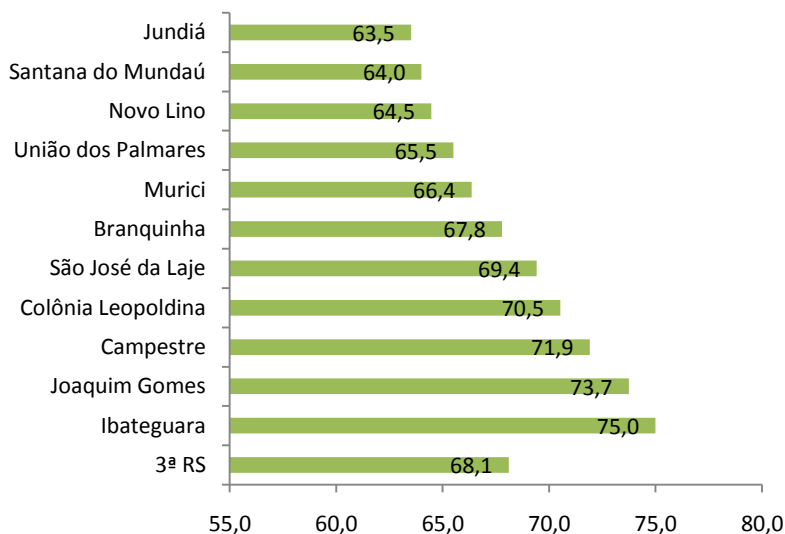
Figura 09 - Razão de Dependência da população da 3ª Região de Saúde. Alagoas, 2007 a 2012.



FONTE: DATASUS/IBGE/2012

Quando avaliados os Municípios, Jacuípe e Passo de Camaragibe apresentaram as maiores razões de dependência, ambos com respectivamente 69,0% e 68,9%. Já o Município de São Miguel dos Milagres aparece com a menor razão (61,3%) (figura 10).

Figura 10 – Razão de Dependência dos Municípios da 3ª Região de Saúde de Alagoas, 2012.



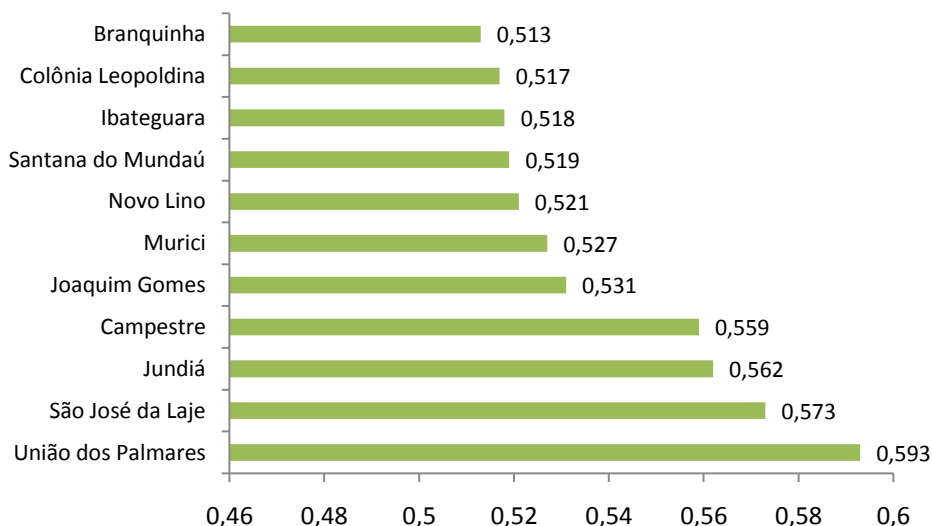
FONTE: DATASUS/IBGE/2012

DETERMINANTES E CONDICIONANTES DE SAÚDE

Aspectos Socioeconômicos

Em uma média feita a partir do IDH-M disponibilizado pelo PNUD (2010), a 3ª RS apresentou 0,539. Observando os Municípios da 3ª RS, União dos Palmares apresenta o maior IDH-M (0,593), enquanto Branquinha possui o menor IDH-M (0,513) (Figura 11).

Figura 11 - Índice de desenvolvimento humano municipal, segundo Municípios da 3ª Região de Saúde, Alagoas. 2010.



FONTE: PNUD/2010.

Índice de GINI

Ao avaliar o índice de Gini, segundo os Municípios da 3ª RS, pode-se verificar que em 2010 o maior está em Novo Lino. Comparando o índice de Gini nos anos de 2000 e 2010, observa-se que os Municípios de Colônia Leopoldina, Jundiá e Novo Lino aumentaram seus índices, o que indica o aumento das concentrações de renda nesses Municípios. Nos demais Municípios houve redução dos índices, indicando uma diminuição das concentrações de renda (tabela 03).

Tabela 03 – Índice de Gini da renda domiciliar *per capita*, segundo Municípios da 3ª RS. Alagoas, 2000 e 2010.

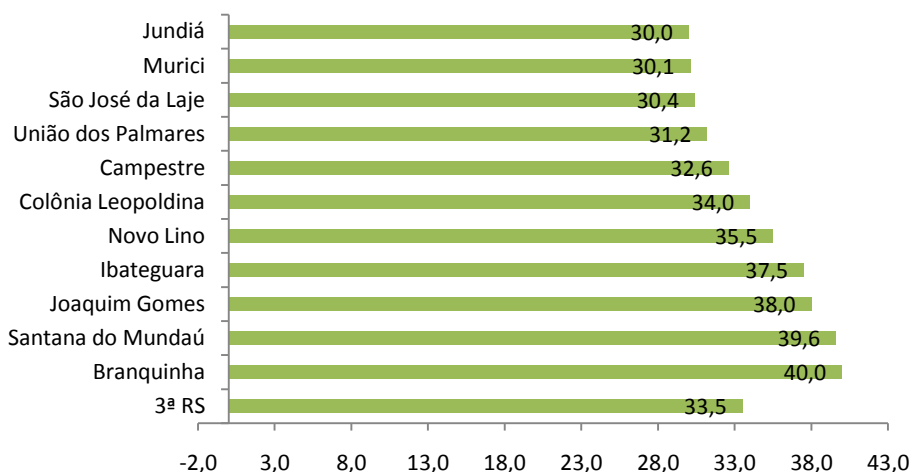
LOCALIDADE	ANO	
	2000 (%)	2010 (%)
3ª RS	0,551	0,510
Branquinha	0,555	0,430
Campestre	0,527	0,479
Colônia Leopoldina	0,531	0,541
Ibateguara	0,556	0,535
Joaquim Gomes	0,567	0,506
Jundiá	0,508	0,538
Murici	0,547	0,489
Novo Lino	0,542	0,553
Santana do Mundaú	0,544	0,504
São José da Laje	0,613	0,492
União dos Palmares	0,573	0,547

FONTE: DATASUS/IBGE/2010.

Taxa de Analfabetismo

Analisando a taxa de analfabetismo, observa-se que o Município de Branquinha apresenta a maior taxa da Região (40,0%), enquanto Jundiá possui a menor (30,0%) (figura 12).

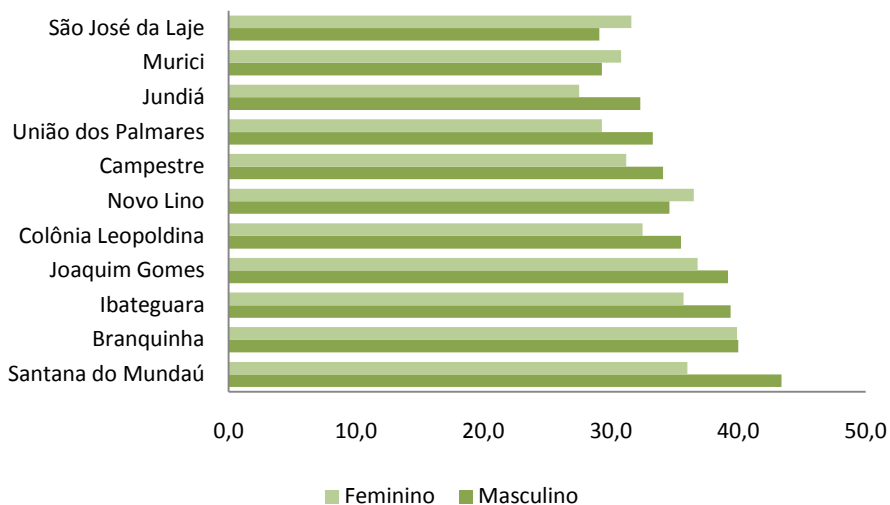
Figura 12 - Taxa de analfabetismo, segundo Municípios da 3ª Região de Saúde. Alagoas. 2010.



FONTE: DATASUS/IBGE/2010.

Quando as taxas são comparadas segundo sexo, observa-se que, dentre os Municípios, Santana do Mundaú apresenta o maior índice de analfabetos do sexo masculino da Região, enquanto que Branquinha o maior índice do sexo feminino. O Município de Santana do Mundaú chama a atenção por apresentar a maior diferença das taxas entre os sexos, onde a taxa de analfabetismo no sexo masculino é muito maior, quando comparado ao feminino (Figura 13).

Figura 13 - Taxa de analfabetismo, segundo Municípios da 3ª Região de Saúde e sexo. Alagoas, 2010



FONTE: DATASUS/IBGE/2010.

Taxa de Desemprego

Ao verificar a situação de desemprego, segundo os Municípios da 3ª RS, observa-se que a maior taxa, em 2010, está em Murici (14,5%). Comparando as taxas entre 2000 e 2010, observa-se que em todos os Municípios e na 3ª RS, houve redução da taxa em 2010. Porém, o Município de Joaquim Gomes apresentou a maior redução da taxa (Tabela 04).

Tabela 04 - Taxa de desemprego da população com 16 anos e mais de idade, segundo Municípios da 3ª Região de Saúde e ano. Alagoas. 2000 e 2010.

LOCALIDADE	ANO	
	2000 (%)	2010 (%)
3ª RS	17,2	10,4
Branquinha	10,1	7,5
Campestre	16,7	13,3
Colônia Leopoldina	14,0	10,8
Ibateguara	19,4	7,8
Joaquim Gomes	24,7	6,6
Jundiá	16,2	6,4
Murici	18,5	14,5
Novo Lino	19,4	9,5
Santana do Mundaú	4,8	6,7
São José da Laje	22,4	10,0
União dos Palmares	16,1	11,7

FONTE: DATASUS/IBGE/2000/2010

Taxa de Trabalho Infantil

A taxa de trabalho infantil, observada, segundo Municípios da 3ª RS, indica que o Município de Santana do Mundaú apresenta a maior taxa no ano de 2010 (14,9%). Fazendo uma comparação entre os anos 2000 e 2010, verifica-se que houve redução em quase todos os Municípios, com exceção de Branquinha, onde foi observado um aumento da taxa (Tabela 05).

Tabela 05 - Taxa de trabalho infantil, segundo Municípios da 3ª Região de Saúde e ano. Alagoas, 2000 e 2010.

LOCALIDADE	ANO	
	2000 (%)	2010 (%)
3ª RS	12,3	6,9
Branquinha	8,4	9,9
Campestre	6,3	3,7
Colônia Leopoldina	14,7	7,3
Ibateguara	16,4	1,6
Joaquim Gomes	15,5	5,0
Jundiá	12,6	8,3
Murici	8,6	2,0
Novo Lino	13,0	8,1
Santana do Mundaú	18,9	14,9
São José da Laje	9,3	5,9
União dos Palmares	11,7	9,7

FONTE: DATASUS/IBGE/2000/2010

População com baixa renda

Dados do IBGE (2010) apontam que a proporção de pessoas com renda inferior a meio salário mínimo reduziu entre os anos de 2000 e 2010 em todos os Municípios da 3ª RS. A maior proporção de pessoas com baixa renda em 2010 está em Ibateguara (80,9%), e a menor está em União dos Palmares (65,9%) (Tabela 06).

Tabela 06 – Proporção de pessoas com renda inferior a ½ salário mínimo, segundo Municípios da 3ª Região de Saúde e ano. Alagoas, 2000 e 2010.

LOCALIDADE	ANO	
	2000 (%)	2010 (%)
3ª RS	86,5	72,0
Branquinha	94,2	74,7
Campestre	83,6	69,4
Colônia Leopoldina	83,5	73,2
Ibateguara	86,7	80,9
Joaquim Gomes	89,7	78,8
Jundiá	92,0	71,2
Murici	88,5	73,4
Novo Lino	89,9	77,3
Santana do Mundaú	88,0	76,4
São José da Laje	88,1	67,7
União dos Palmares	82,3	65,9

FONTE: DATASUS/IBGE/2000/2010

Situação de saneamento e moradia

As informações disponíveis sobre a situação de saneamento e moradia estão de acordo com dados disponibilizados pelo último censo do IBGE, em 2010, onde o Município de Novo Lino registrou o menor percentual de residências com abastecimento de água pela rede pública (40,0%). Com relação às moradias particulares permanentes que possuem energia, União dos Palmares possui a maior cobertura (98,9%). Novo Lino chama atenção por apresentar apenas 43,8% de domicílios com coleta de lixo. Com relação ao destino de fezes e urina, Joaquim Gomes possui a maior quantidade de domicílios com fossas sépticas e fossas rudimentares (respectivamente, 13,1% e 45,9%). Quando observado o destino das fezes e urina na rede geral de esgoto ou pluvial, verifica-se que o maior percentual encontrado está em Colônia Leopoldina (66,8%) (Tabela 07).

Tabela 07 - Percentual de domicílios segundo condições de moradia e tipo de esgotamento sanitário dos Municípios da 3ª Região de Saúde, Alagoas. 2010.

Localidade	Abastecimento de água da rede pública	Energia elétrica	Lixo coletado	Destino das fezes e urina		
				Fossa Séptica	Fossa Rudimentar	Rede geral de esgoto ou pluvial
3ª RS	66,9	96,4	71,0	4,9	17,6	47,5
Branquinha	56,5	98,0	61,4	2,4	25,8	33,8
Campestre	61,6	98,5	75,5	2,7	24,4	54,5
Colônia Leopoldina	61,9	96,7	80,5	1,4	7,8	66,8
Ibateguara	75,2	97,7	83,6	1,5	20,2	57,3
Joaquim Gomes	55,9	95,1	58,9	13,1	45,9	2,4
Jundiá	41,7	97,7	65,7	2,0	44,8	0,4
Murici	67,4	92,6	74,9	10,8	7,6	55,3
Novo Lino	40,0	98,1	43,8	0,3	28,6	34,9
Santana do Mundaú	45,4	97,9	50,4	2,6	13,6	4,4
São José da Laje	69,4	90,1	66,6	7,6	9,0	58,6
União dos Palmares	82,5	98,9	79,5	3,2	12,0	62,0

FONTE: IBGE/2010

Aglomerados Subnormais

Segundo o manual de delimitações dos Setores do Censo 2010 do IBGE, os domicílios obedecem alguns critérios para serem classificados com aglomerados subnormais. Na 3ª RS, apenas os Municípios de Murici e Novo Lino, apresentam aglomerados subnormais.

Ao avaliar a população que vive nos domicílios em situação de aglomerado subnormal, segundo rendimento nominal mensal, observa-se que nestes Municípios o maior percentual dessa população sobrevive com renda de até ¼ de salário mínimo, e que o Município de Murici possui o maior percentual de pessoas com esta renda habitando os aglomerados subnormais (Tabela 08).

Quando estes municípios são avaliados segundo sexo, observa-se que a maior parte de sua população que vive em aglomerados subnormais pertencem ao sexo masculino (Tabela 09).

Tabela 08 - Domicílios particulares permanentes, por classes de rendimento nominal mensal domiciliar *per capita* e a situação do domicílio (aglomerados subnormais), 3ª RS, Alagoas. 2010.

Localidade	Classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita		
	Até 1/4 de salário mínimo	Mais de 1/4 a 1/2 salário mínimo	Mais de 1/2 a 1 salário mínimo
Murici	2,6	1,3	0,4
Novo Lino	1,2	0,3	0,3

FONTE: IBGE/2010

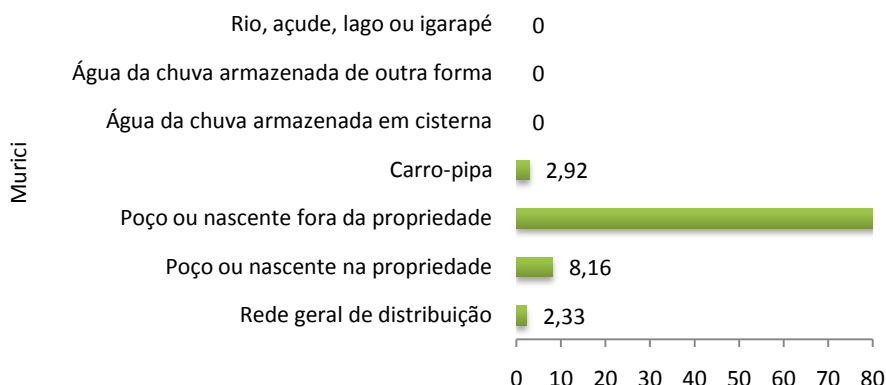
Tabela 09 - População residente em domicílios particulares ocupados, segundo sexo e a situação do domicílio (aglomerados subnormais), 3ª RS, Alagoas. 2010.

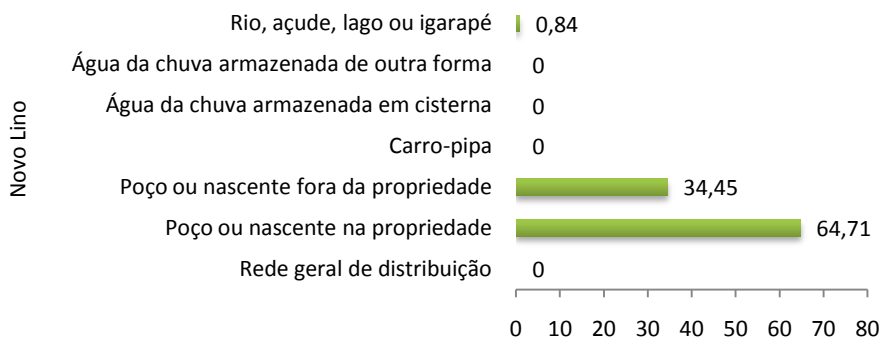
LOCALIDADE	SEXO	
	MASCULINO (%)	FEMININO (%)
Murici	2,8	2,7
Novo Lino	1,7	1,5

FONTE: IBGE/2010

Nos aglomerados subnormais dos Municípios da 3ª RS, observa-se que a maior parte do abastecimento de água de Murici é proveniente poço ou nascente fora da propriedade (86,59%), enquanto o Município de Novo Lino o abastecimento de água é feito por poço ou nascente na propriedade (64,71%) (Figura 14).

Figura 14 – Domicílios particulares permanentes em aglomerados subnormais, por forma de abastecimento de água, segundo Municípios da 3ª RS. 2010.

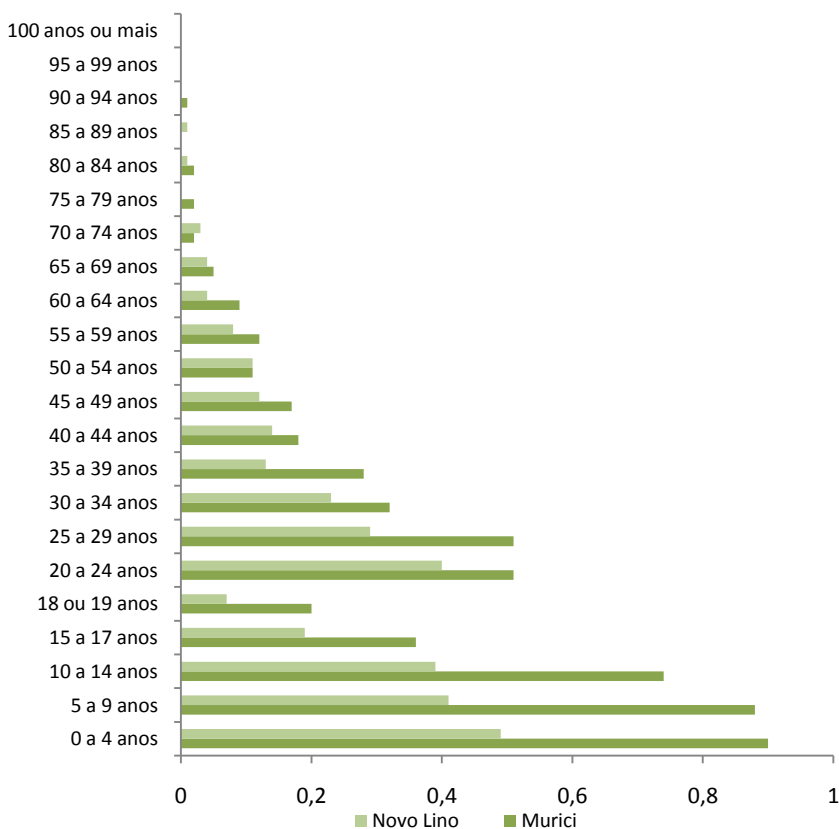




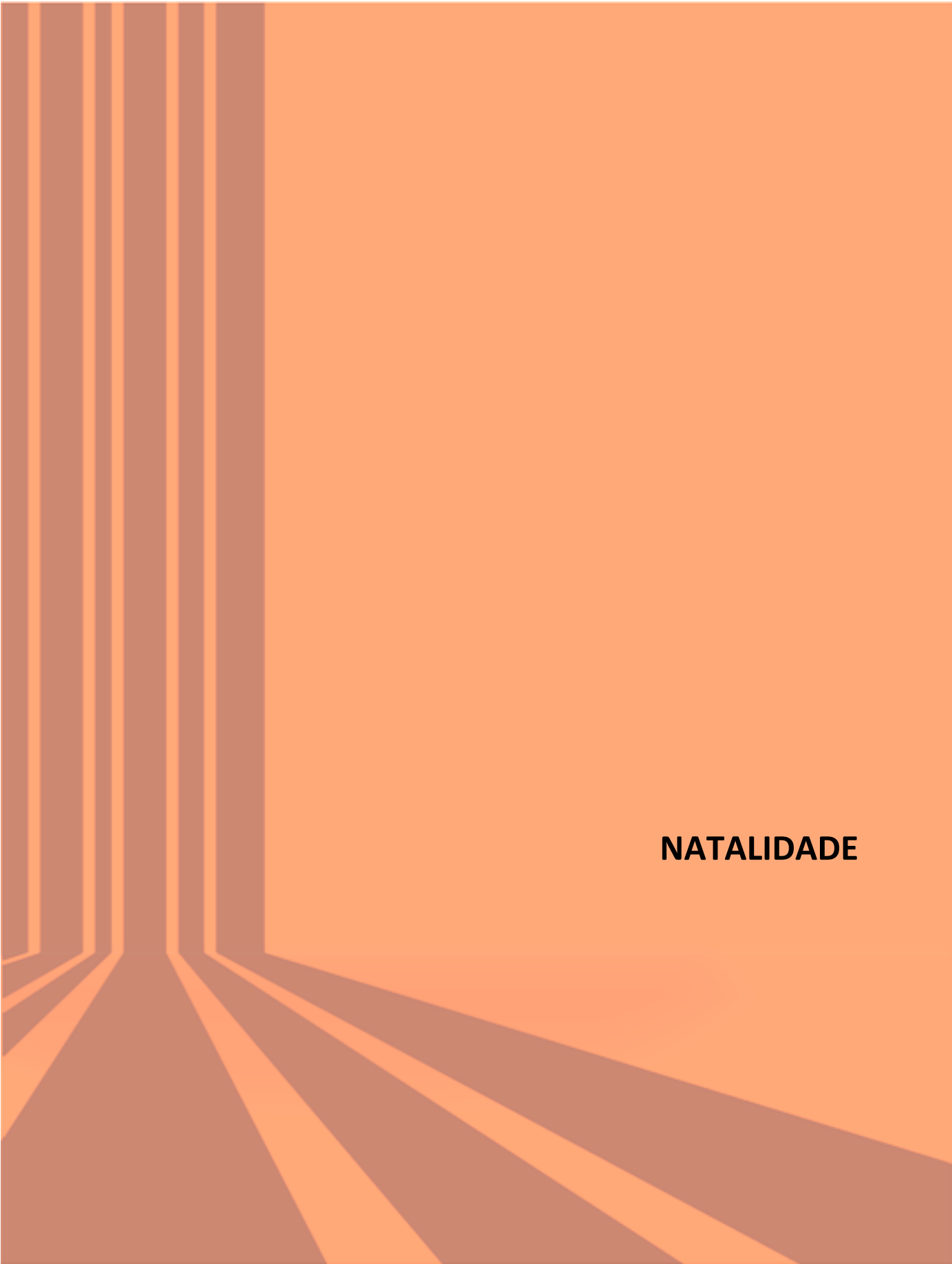
FONTE: IBGE/2010

Ao avaliar a população residente, segundo faixa etária, em domicílios com situação de aglomerado subnormal, pode-se observar que o maior grupo está na faixa etária de 0 a 4 anos nos Municípios de Murici e Novo Lino (figura 18).

Figura 18 - População residente em domicílios particulares ocupados, por grupos de idade e segundo a situação do domicílio (aglomerados subnormais). 3ª RS, Alagoas. 2010.



FONTE: IBGE/2010.

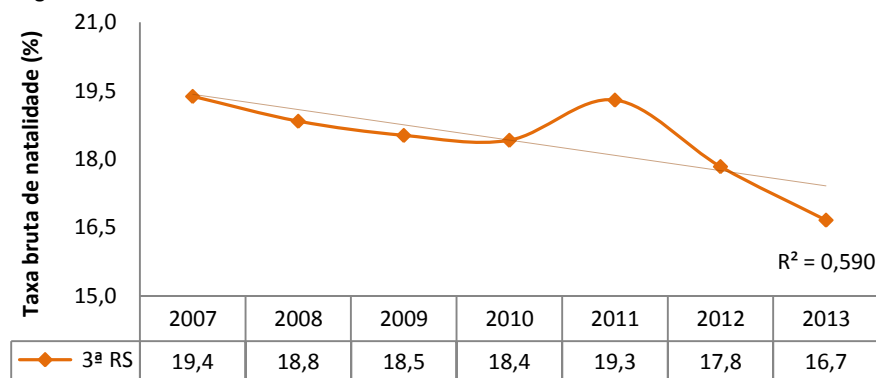


NATALIDADE

De 2007 a 2013, a 3ª Região de Saúde (RS) de Alagoas apresentou uma Taxa Bruta de Natalidade (TBN) com moderada tendência de queda (Figura 01). Em 2013, essa região apresentou a menor taxa (16,7 Nascidos Vivos/ 1.000 habitantes) desse período.

De acordo com a Rede Interagencial de Informações para a Saúde – RIPSA – esse indicador pode subsidiar processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas públicas relativas à atenção materno-infantil. Em geral, taxas elevadas estão associadas a condições socioeconômicas precárias e a aspectos culturais da população.

Figura 01 – Taxa Bruta de Natalidade dos nascidos vivos de mães residentes na 3ª Região de Saúde - 2007 a 2013*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: DATASUS/SINASC

Nos últimos sete anos o município de Joaquim Gomes registrou decréscimo significativo. Já o município de Branquinha destaca-se por ser o único a apresentar aumento. Em 2013, este município, se comparado aos demais, registrou a maior taxa da região (20,4%), enquanto que Jundiá a menor 8,9%. A TBN dos demais municípios não apresenta tendência significativa (Tabela 01).

Tabela 01 – Taxa Bruta de Natalidade dos nascidos vivos de mães residentes na 3ª Região de Saúde por município - 2007 a 2013*.

LOCALIDADE	TAXA BRUTA DE NATALIDADE						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª RS	19,4	18,8	18,5	18,4	19,3	17,8	16,7
Branquinha	18,2	14,4	15,8	19,4	20,1	21,9	20,4
Campestre	17,1	16,5	15,9	18,9	20,2	10,5	12,0
Colônia Leopoldina	12,0	18,9	17,2	15,9	20,5	15,4	13,3
Ibateguara	19,0	18,2	16,6	20,1	18,3	18,4	17,4
Joaquim Gomes	24,8	22,5	22,6	21,1	19,9	19,1	18,7
Jundiá	13,8	8,7	11,5	11,4	13,4	14,7	8,9
Murici	22,4	19,2	21,3	18,1	21,0	19,4	19,7
Novo Lino	17,7	15,5	16,7	16,0	16,2	17,6	12,5
Santana do Mundaú	15,6	15,7	15,1	16,3	16,7	12,0	14,7
São José da Laje	19,6	20,8	18,3	17,1	17,1	18,0	16,4
União dos Palmares	20,4	19,9	19,2	19,5	20,2	18,7	17,1

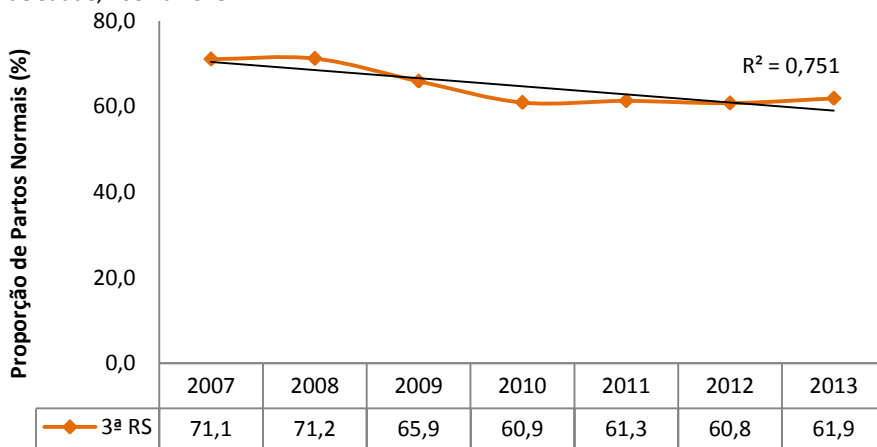
*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: DATASUS/SINASC

TIPO DE PARTO

A proporção de partos normais (PN) entre os nascidos vivos (NV) de mães residentes na 3ª RS segue forte tendência de queda (Figura 02). Em 2013, essa foi a região com a maior ocorrência desse parto.

Figura 02 – Proporção de nascidos vivos por parto normal de mães residentes na 3ª Região de Saúde, 2007 a 2013*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

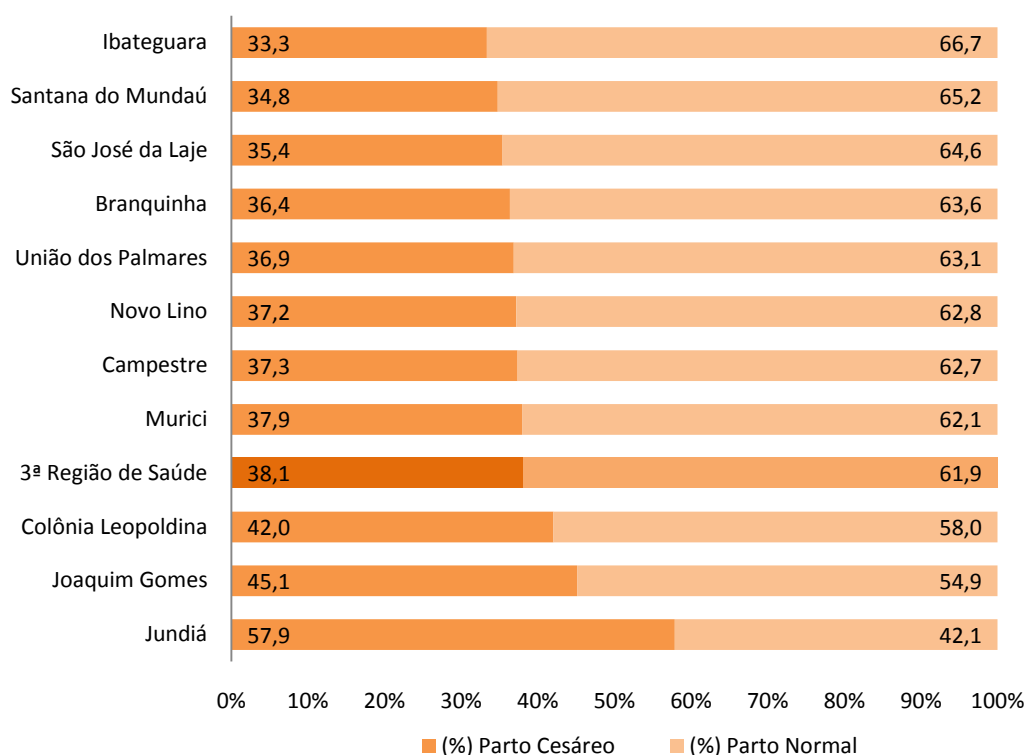
Fonte: SINASC

Em 2013, 61,9% dos nascimentos da 3ª RS foram por parto normal, valor 41,9% acima do ocorrido no estado. A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza que o total de partos cesáreos em relação ao número total de partos realizados em um serviço de saúde seja de 15%. Tal determinação está fundamentada no princípio de que apenas 15% do total de partos apresentam uma situação onde é fundamental para preservação da saúde materna e/ou fetal que o parto seja realizado cirurgicamente e não por via natural (OMS, 1996).

Nessa RS a proporção de PN excede a de cesáreas em todo o período avaliado, ainda assim mantém decréscimo significativo.

Em 2013, dentre os municípios dessa região Ibateguara apresentou a maior proporção de PN, 7,7% acima do ocorrido em toda região, enquanto que Novo Lino ficou 31,9% abaixo, o único onde o número de cesáreas excedeu ao de PN (Figura 03).

Figura 03 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 3ª Região de Saúde Segundo tipo de parto, por município - 2013*.

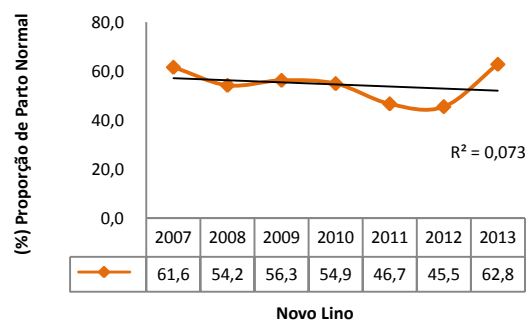
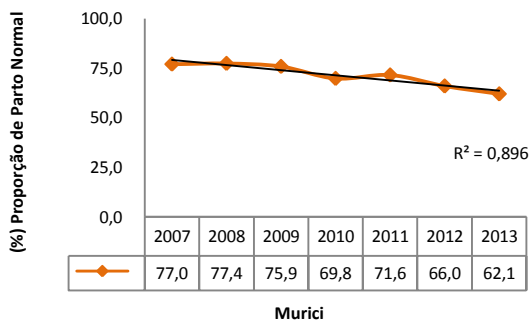
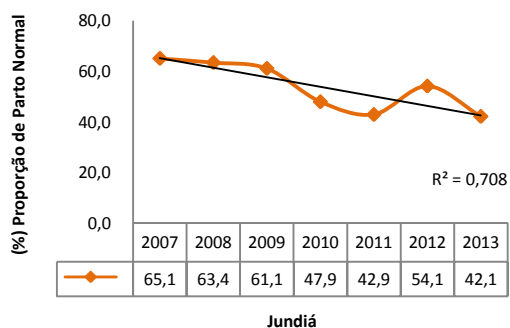
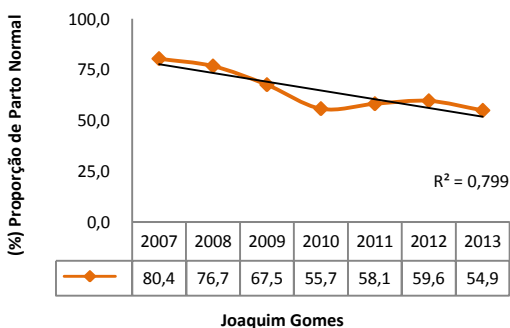
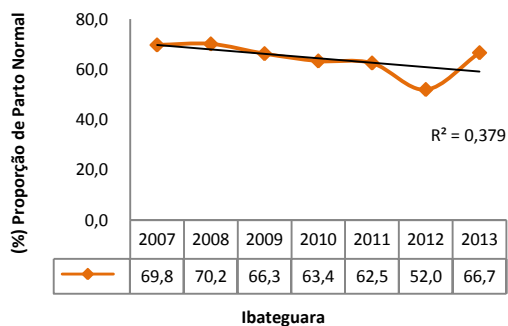
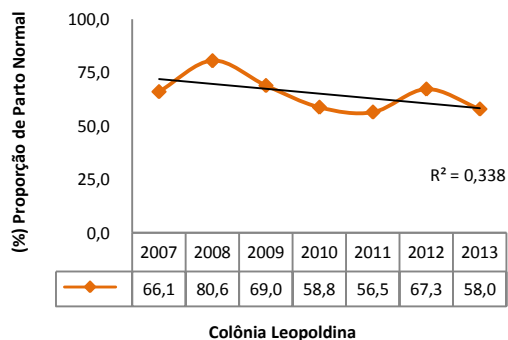
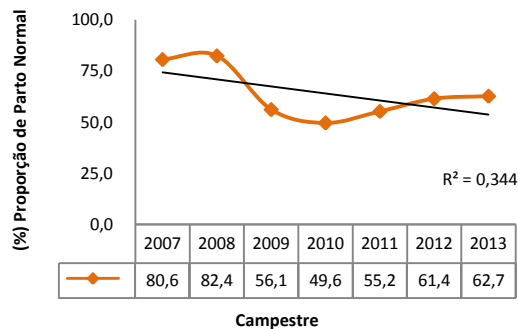
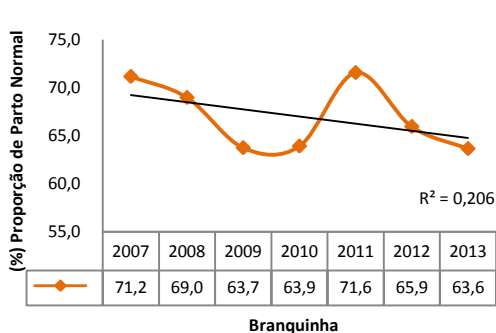


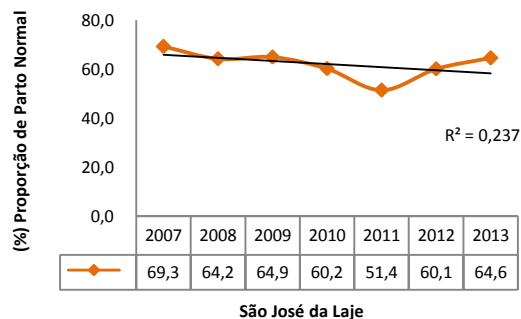
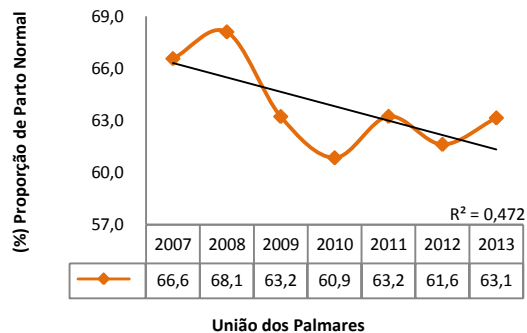
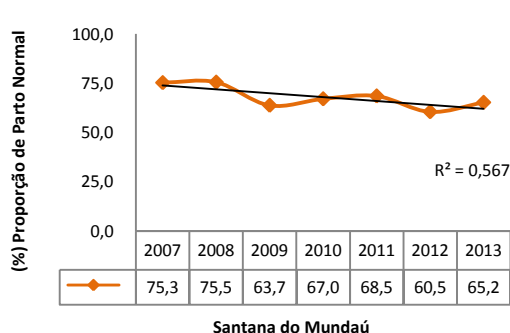
*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Os municípios dessa região mantêm tendência de queda. No período de 2007 a 2012, o município de Novo Lino apresentava forte decréscimo, mas com o aumento ocorrido em 2013 esse município passou a se destacar dos demais por não apresentar tendência significativa. Murici apresentou a mais forte tendência de queda ($R^2 = 0,896$) (Figura 04). Ainda com a redução observada em toda região, é importante ressaltar que a proporção de PN é maior que a de cesáreas em todo o período, na maioria dos municípios.

Figura 04 – Proporção de nascidos vivos por parto normal de mães residentes na 3ª Região de Saúde, por município – 2007 a 2013*.





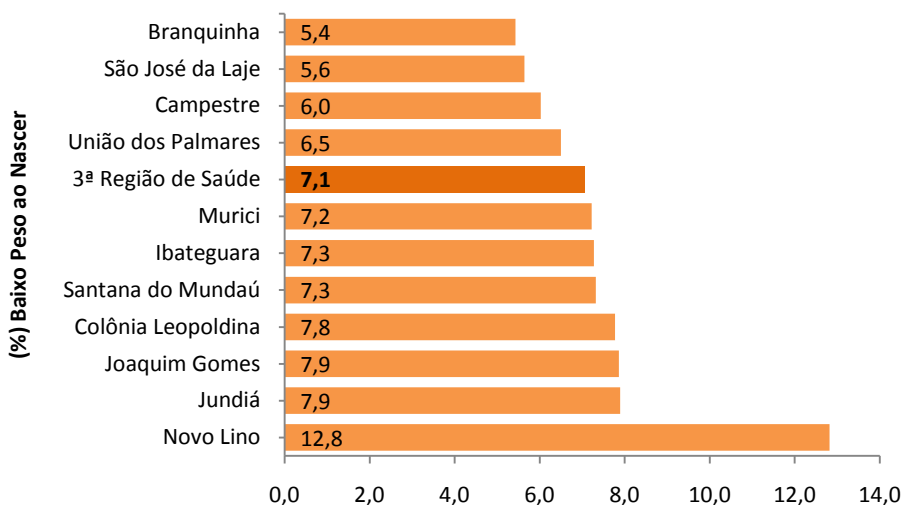
* Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.
Fonte: SINASC

BAIXO PESO AO NASCER

O Baixo Peso ao Nascer (BPN) é um importante indicador da sobrevivência infantil. Quanto menor o peso ao nascer, maior a probabilidade de morte precoce.

Observa-se que em 2013, 7,1% dos NV dessa região apresentavam BPN (Figura 05), a menor proporção do estado. São José da Laje apresentou valor 23,9% abaixo desse, a menor proporção dentre os municípios.

Figura 05 – Proporção de nascidos vivos com Baixo Peso ao Nascer de mães residentes na 3ª Região de Saúde, por município – 2013*.

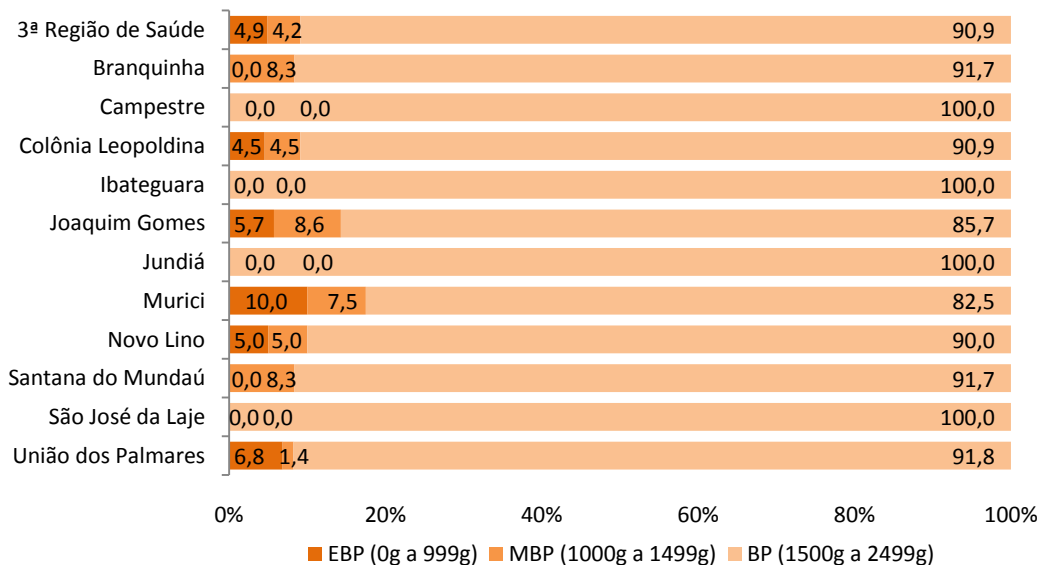


*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Em 2013, dos NV com baixo peso, 4,9 % apresentavam Extremo Baixo Peso (EBP), ou seja, com peso abaixo de 1000g. No município de Murici (10,0%) ocorreu a maior proporção de EBP. Em Campestre, Ibateguara, Jundiá e São José da Laje não houve registro de EBP e MBP (Muito Baixo Peso ao nascer - 1000g a 1500g), todos os BPN pesavam de 1500g a 2499g (Figura 06).

Figura 06 – Proporção de nascidos vivos de Extremo Baixo Peso (EBP), Muito Baixo Peso (MBP) e Baixo Peso (BP) ao nascer, residentes na 3ª Região de Saúde, por município - 2013*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Analisando a condição do EBP ao nascer nos últimos sete anos observa-se uma média de 25,3% com peso abaixo de 500g, nos municípios de Branquinha, Campestre, Ibateguara e Jundiá não houve essa condição de peso (Tabela 02). Porém Branquinha (71,4%) e Ibateguara (71,4%) registraram a maior média dos que pesavam de 501g a 999g. Em Campestre, Jundiá e Santana do Mundaú houve a menor ocorrência desse peso entre os de EBP. É importante ressaltar que o BP reflete a qualidade do atendimento à gestante, no âmbito nutricional, acompanhamento pré-natal e assistência ao parto.

Tabela 02 – Nascidos vivos com Extremo Baixo Peso (EBP) estratificado, residentes na 3ª Região de Saúde, por município – 2007 a 2013*.

≤ 500 g							
LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª RS	15,0	22,2	13,3	27,3	40,0	36,4	23,1
Branquinha	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Campestre	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Colônia Leopoldina	0,0	0,0	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0
Ibateguara	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Joaquim Gomes	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	40,0	0,0
Jundiá	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Murici	25,0	0,0	0,0	0,0	33,3	50,0	50,0
Novo Lino	0,0	0,0	50,0	75,0	100,0	0,0	0,0
Santana do Mundaú	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0
São José da Laje	33,3	0,0	0,0	100,0	100,0	0,0	0,0
União dos Palmares	16,7	40,0	25,0	0,0	50,0	42,9	20,0
501g a 999g							
3ª RS	85,0	77,8	86,7	72,7	60,0	63,6	76,9
Branquinha	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0
Campestre	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Colônia Leopoldina	0,0	0,0	0,0	66,7	100,0	0,0	100,0
Ibateguara	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0	0,0
Joaquim Gomes	0,0	100,0	100,0	100,0	0,0	60,0	100,0
Jundiá	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Murici	75,0	0,0	100,0	100,0	66,7	50,0	50,0
Novo Lino	100,0	0,0	50,0	25,0	0,0	0,0	100,0
Santana do Mundaú	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
São José da Laje	66,7	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0
União dos Palmares	83,3	60,0	75,0	100,0	50,0	57,1	80,0

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

PREMATURIDADE

A 3ª RS, a partir de 2011 apresentou aumento significativo. Nos municípios de Branquinha, Santana do Mundaú e União dos Palmares não houve essa condição. No município de Jundiá esse aumento ocorreu somente a partir de 2012 (Tabela 03).

Tabela 03 – Proporção de nascidos vivos prematuros de mães residentes na 3ª Região de Saúde, por município – 2007 a 2013*.

LOCALIDADE	TAXA DE PREMATURIDADE						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	2,9	3,6	2,6	3,3	7,1	8,1	7,8
Branquinha	2,7	3,9	1,5	3,3	4,6	5,1	3,1
Campestre	3,7	1,9	3,0	2,3	13,4	15,5	16,9
Colônia Leopoldina	3,6	2,9	3,4	3,4	8,8	10,3	14,9
Ibateguara	2,3	2,4	2,6	2,0	5,7	7,1	7,8
Joaquim Gomes	4,9	6,6	3,8	6,4	11,6	12,9	9,3
Jundiá	1,5	4,8	1,8	0,0	1,7	13,1	7,7
Murici	2,8	3,4	3,2	4,3	9,2	11,8	11,4
Novo Lino	3,2	2,6	1,4	5,1	12,1	14,5	20,8
Santana do Mundaú	3,7	2,1	0,0	1,7	3,8	4,5	3,6
São José da Laje	2,5	4,1	3,2	3,3	8,7	7,4	7,0
União dos Palmares	2,1	3,3	2,1	2,3	3,6	3,6	3,0

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SIM/SINASC

Os nascimentos pré-termos desempenham importante papel na morbimortalidade neonatal e perinatal, estudos comprovam que é a segunda causa de morte de crianças com menos de cinco anos de idade. Os dados apresentados apontam a necessidade de estudos que avaliem esse indicador de forma ampla, não apenas buscar aspectos obstétricos e neonatais que possam contribuir nas suas causas, mas também analisar a alimentação desses dados no sistema.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), induções médicas desnecessárias e cesarianas antes do tempo são fatores que tem contribuído para o aumento do número de nascimentos prematuros.

Ao estratificar os NV prematuros segundo tipo de parto (Tabela 04), de 2007 a 2013, verifica-se que nessa região a ocorrência de partos normais é maior que a de cesáreas, sendo predominante em todo o período. Nos municípios de Joaquim Gomes e Murici essa condição é mais evidente que nos demais. Somente nos municípios de Jundiá e Santana do Mundaú essa prevalência dos PN entre os pré-termos não ocorreu.

Tabela 04 – Proporção de nascidos vivos prematuros de mães residentes na 3ª Região de Saúde, segundo tipo de parto, por município – 2007 a 2013*.

LOCALIDADE	2007		2008		2009		2010		2011		2012		2013	
	PC	PN	PC	PN	PC	PN	PC	PN	PC	PN	PC	PN	PC	PN
3ª Região de Saúde	41,0	59,0	34,0	66,0	44,4	55,6	38,1	61,9	44,7	55,3	42,1	57,9	37,3	62,7
Branquinha	83,3	16,7	28,6	71,4	66,7	33,3	28,6	71,4	30,0	70,0	58,3	41,7	57,1	42,9
Campestre	0,0	100,0	0,0	100,0	66,7	33,3	0,0	100,0	38,9	61,1	36,4	63,6	14,3	85,7
Colônia Leopoldina	66,7	33,3	45,5	54,5	50,0	50,0	9,1	90,9	37,8	62,2	48,5	51,5	44,2	55,8
Ibateguara	71,4	28,6	28,6	71,4	57,1	42,9	50,0	50,0	56,3	43,8	40,0	60,0	50,0	50,0
Joaquim Gomes	3,7	96,3	32,4	67,6	40,0	60,0	38,7	61,3	45,3	54,7	33,3	66,7	45,2	54,8
Jundiá	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	50,0	50,0	33,3	66,7
Murici	35,3	64,7	11,1	88,9	36,8	63,2	28,6	71,4	26,4	73,6	20,6	79,4	20,3	79,7
Novo Lino	42,9	57,1	20,0	80,0	33,3	66,7	50,0	50,0	58,3	41,7	43,8	56,3	27,3	72,7
Santana do Mundaú	57,1	42,9	50,0	50,0	0,0	0,0	100,0	0,0	71,4	28,6	83,3	16,7	66,7	33,3
São José da Laje	54,5	45,5	65,0	35,0	21,4	78,6	53,8	46,2	54,3	45,7	48,4	51,6	32,1	67,9
União dos Palmares	50,0	50,0	27,5	72,5	53,8	46,2	41,4	58,6	54,3	45,7	65,1	34,9	57,6	42,4

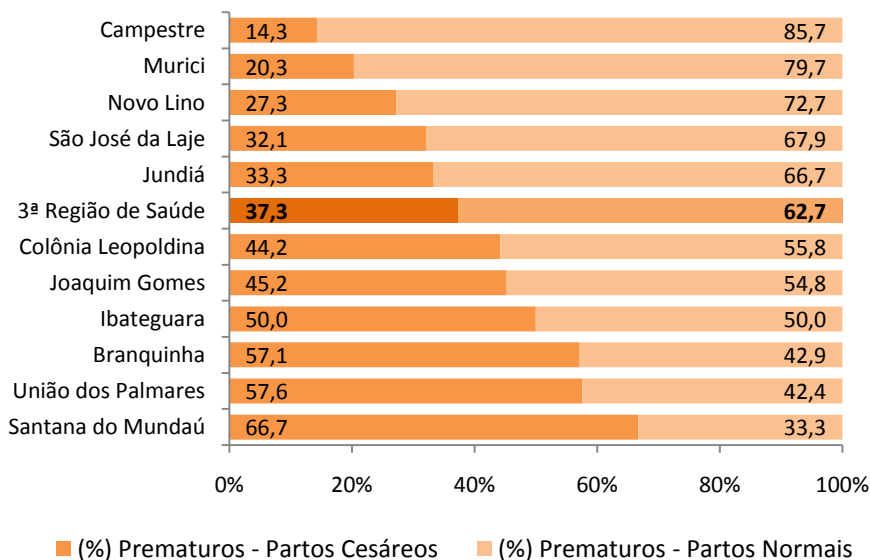
PC: Partos Cesáreos PN: Partos Normais

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Em 2013, a proporção de PN entre os prematuros dos municípios de Campestre, Murici e Novo Lino foi maior do que oncorrido na RS (36,6%, 27,1% e 15,9%, respectivamente). Em Santana do Mundaú, esse valor foi 46,8% menor que o da região (62,7%)(Figura 07).

Figura 07 – Proporção de nascidos vivos prematuros de mães residentes na 3ª Região de Saúde, segundo tipo de parto, por município – 2013*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Analisando a idade gestacional segundo o peso ao nascer (Tabela 05) observa-se que 35,8% dos prematuros da 3ª RS nasceram com BP, essa foi a 2ª maior proporção dessa condição dentre as

regiões que compõem o estado. 62,2% dos NV pré-termos pesavam entre 2500g a 3999g. Considerando que uma das características da prematuridade é o BP esses dados apontam a necessidade de uma avaliação sobre sua inserção no sistema, pois Também há registro de prematuros com peso a partir de 4000g, condição possível apenas em NV a termo ou pós-termo (a partir de 42 semanas de gestação).

Tabela 05 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 3ª Região de Saúde, segundo idade gestacional, por peso ao nascer – 2013*.

3ª Região de Saúde			
IDADE GESTACIONAL	PESO AO NASCER		
	< 2500g	2500g a 3999g	≥4000g
≤ 36 semanas	35,8	62,2	2,0
37 a 41 semanas	4,1	87,4	8,5
≥ 42 semanas	2,0	85,7	12,2

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

De igual forma, chama à atenção a taxa de 2,0% de nascimentos pós-termo com baixo peso, o que pode indicar a ocorrência de retardo de crescimento intrauterino, que é ocasionado por condições socioeconômicas desfavoráveis, desnutrição e doenças crônicas maternas que levam à insuficiência uteroplacentária promovendo o nascimento destas crianças pequenas para idade gestacional.

Ao estratificarmos os prematuros por idade gestacional e peso ao nascer (Tabela 06) verificamos uma alta proporção dos que não tiveram sua idade gestacional informada e que pesavam de 3000g a 3999g (69,0%) e dos que pesavam a partir de 4000g (7,5%). Chama a atenção a alta proporção de NV com prematuridade extrema (≤27 semanas), com peso menor que 1000g, pois essas condições evidenciam a necessidade de qualificação da promoção, prevenção, diagnóstico precoce e tratamento nos níveis de atenção à saúde materno-infantil.

Tabela 06 – Proporção de nascidos vivos prematuros de mães residentes na 3ª Região de Saúde, segundo idade gestacional, por peso ao nascer– 2013*.

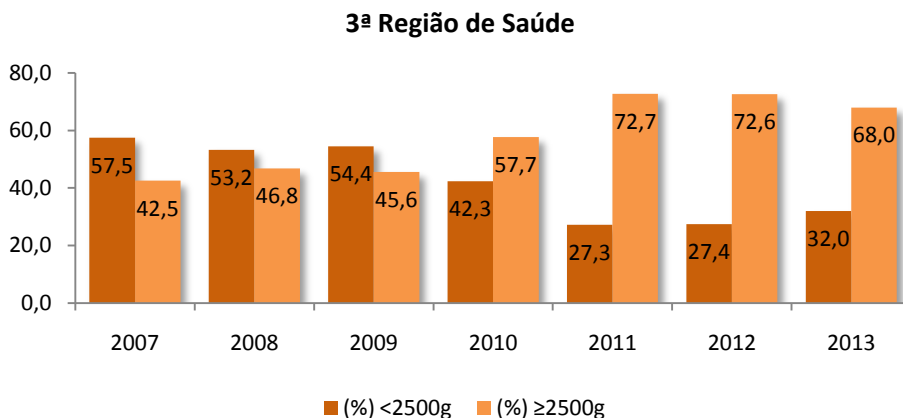
3ª Região de Saúde						
Peso ao Nascer	IDADE GESTACIONAL					
	NI	< 22	22 a 27	28 a 31	32 a 36	Total
0g a 999g	0,3	50,0	33,3	6,3	0,0	0,5
1000g a 1499g	0,2	50,0	0,0	12,5	0,4	0,4
1500g a 2499g	4,6	0,0	11,1	40,6	31,6	8,1
2500g a 2999g	18,4	0,0	11,1	15,6	29,2	19,6
3000g a 3999g	69,0	0,0	44,4	25,0	36,4	64,5
4000g e mais	7,5	0,0	0,0	0,0	2,4	6,8

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

É preocupante os 36,4% de NV pré-termos com 32 a 36 semanas gestacionais pesando entre 3000g a 3999g. Ao estratificarmos os que nasceram com essa idade gestacional segundo BPN e peso ideal, observa-se que nos últimos sete anos houve aumento na proporção desses prematuros com peso a partir de 2500g (Figura 08). Considerando que o baixo peso é uma característica inerente da prematuridade, é impreciso definir se esse aumento ocorreu por condições naturais ou por antecipação do parto.

Figura 08 – Proporção de nascidos vivos com 32 a 36 semanas de gestação de mães residentes na 3ª Região de Saúde, segundo peso ao nascer– 2007 a 2013*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Ao observar o acompanhamento pré-natal entre os prematuros nascidos em 2013 (Tabela 07), constata-se que é maior a proporção dos que realizaram 4 a 6 consultas, principalmente no município de São José da Laje (67,9%). Apenas 20,7% dos NV pré-termos dessa RS compareceram a 7 ou mais consultas, essa proporção foi menor no município de Novo Lino (12,5%), neste a ocorrência de 1 a 3 consultas foi a mais alta dentre os municípios. Em Branquinha, Campestre, Ibateguara, Jundiá e Santana do Mundaú todos os pré-termos realizaram pré-natal.

Tabela 07 – Proporção de nascidos vivos prematuros de mães residentes na 3ª Região de Saúde, por município, de acordo com a quantidade de Consultas Pré-natal realizadas – 2013*.

LOCALIDADE	Consulta Pré-natal - Prematuros			
	Nenhuma	1 a 3	4 a 6	≥7
3ª Região de Saúde	4,1	25,9	49,3	20,7
Branquinha	0,0	14,3	28,6	57,1
Campestre	0,0	35,7	50,0	14,3
Colônia Leopoldina	7,0	25,6	48,8	18,6
Ibateguara	0,0	18,2	54,5	27,3
Joaquim Gomes	2,4	31,0	47,6	19,0
Jundiá	0,0	33,3	33,3	33,3
Murici	3,1	25,0	54,7	17,2
Novo Lino	9,4	37,5	40,6	12,5
Santana do Mundaú	0,0	16,7	33,3	50,0
São José da Laje	3,6	14,3	67,9	14,3
União dos Palmares	6,1	24,2	39,4	30,3

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

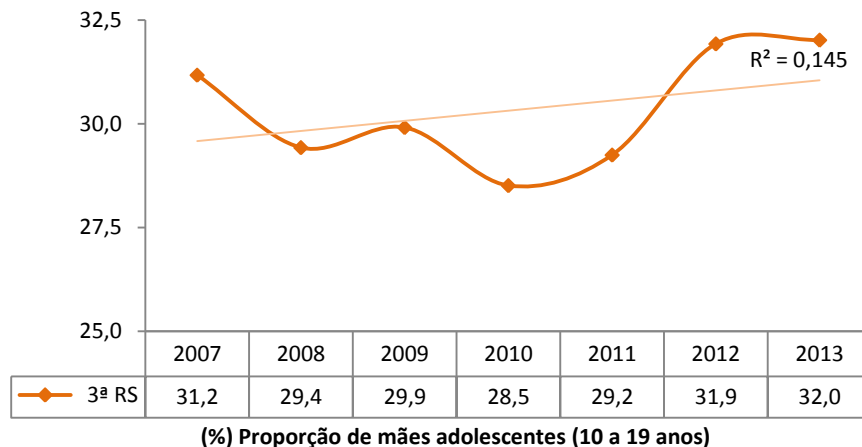
De acordo com o relatório da OMS divulgado em 2012, fatores como induções médicas desnecessárias e cesarianas antes do tempo têm aumentado o número de nascimentos prematuros.

A mortalidade e a morbidade neonatal são maiores entre os neonatos prematuros e a carga econômica associada a esses nascimentos é significativa, pois esse tipo de parto demanda assistência e cuidados de maior nível de complexidade, especialmente com relação ao neonato. (Ramos e Cuman, 2009).

MÃES ADOLESCENTES

Nos últimos sete anos a 3ª RS não apresentou tendência significativa na proporção de mães adolescentes (Figura 09). Se comparado as demais RS, essa apresentou a segunda maior média de mães adolescentes (30,3%), 19,3% menor que a média do estado (25,4%).

Figura 09 – Proporção de mães adolescentes (10 a 19 anos) residentes na 3ª Região de Saúde – 2007 a 2013*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: DATASUS/SINASC

Diferente do estado que apresentou forte tendência de aumento no número de gestantes adolescentes de 10 a 14 anos ($R^2 = 0,963$), com média de 1,6% nos últimos sete anos. A 3ª RS apresentou aumento na proporção dessas mães, com média de 2,1% nesse período. Os municípios de Murici (3,1%) e Colônia Leopoldina (2,8%) tiveram as maiores médias de gravidez nessa faixa etária, enquanto que São José da Laje (1,6%), Jundiá (1,0%) e Santana do Mundaú (1,2%), as menores (Tabela 08).

Tabela 08 – Proporção nascidos vivos de mães adolescentes de 10 a 14 anos residentes na 3ª Região de Saúde no período de 2007 a 2013* por município.

LOCALIDADE	(%) mães < 14 anos						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	2,0	1,8	1,8	1,6	2,1	2,9	2,7
Branquinha	1,4	2,3	1,6	0,0	2,4	2,2	3,6
Campestre	1,9	0,0	5,1	0,0	2,2	1,4	1,2
Colônia Leopoldina	3,9	1,6	2,6	2,8	1,9	4,1	2,8
Ibateguara	1,4	1,7	3,0	0,7	3,6	2,9	3,3
Joaquim Gomes	1,9	1,6	0,8	1,5	1,8	3,9	3,1
Jundiá	0,0	0,0	1,9	2,1	0,0	3,3	0,0
Murici	3,6	3,5	2,6	2,9	1,4	4,2	3,2
Novo Lino	2,4	3,2	0,5	3,6	2,5	0,9	3,8
Santana do Mundaú	3,3	1,1	1,1	0,6	0,5	0,8	1,2
São José da Laje	1,6	0,8	0,9	0,5	2,3	2,4	2,6
União dos Palmares	1,1	1,8	1,6	1,6	2,4	2,6	2,1

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

A taxa de mães de 15 a 19 anos residentes nessa RS não apresenta variação significativa, com média de 28,2% no período analisado. Os municípios de Jundiá (37,7%), Branquinha (34,1%) e Joaquim Gomes (29,7%) apresentaram as maiores médias dessas mães (Tabela 09).

Tabela 09 – Proporção nascidos vivos de mães adolescentes de 15 a 19 anos residentes na 3ª Região de Saúde no período de 2007 a 2013* por município - Alagoas.

LOCALIDADE	(%) 15 a 19 anos						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	29,2	27,6	28,2	26,9	27,1	29,0	29,3
Branquinha	34,4	40,0	31,1	35,1	29,2	38,4	30,3
Campestre	27,2	23,5	27,6	23,2	37,3	30,0	38,6
Colônia Leopoldina	31,3	25,0	30,5	27,4	26,6	30,3	27,9
Ibateguara	29,8	27,4	27,3	29,9	26,7	26,9	29,5
Joaquim Gomes	31,1	28,0	29,6	29,0	28,2	32,1	29,9
Jundiá	38,1	41,5	38,9	31,3	30,4	39,3	44,7
Murici	27,3	29,2	27,7	27,3	30,4	25,2	29,8
Novo Lino	30,3	27,9	26,0	22,8	27,4	30,6	31,4
Santana do Mundaú	24,2	29,8	25,8	24,6	24,2	21,5	27,4
São José da Laje	25,6	23,7	29,4	26,5	26,2	27,4	28,2
União dos Palmares	29,4	26,8	26,7	25,0	24,7	28,5	28,2

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte:SINASC

CONSULTA PRÉ-NATAL

De 2007 a 2013, a 3ª RS apresentou fraca tendência de queda na proporção de mães que realizaram 7 ou mais consultas de pré-natal.

Essa RS registrou uma média de 7,9% de NV que não realizaram consulta de pré-natal nesse período. O aumento ocorrido em 2010 e 2011 favoreceu a alta dessa média. Os municípios de Branquinha (9,1%) e União dos Palmares (10,6%) registraram as maiores médias (Tabela 10).

Tabela 10 – Proporção de nascidos vivos de mães que não realizaram consulta de pré-natal, residentes na 3ª Região de Saúde por município - 2007 a 2013*.

LOCALIDADE	NENHUMA CONSULTA PRÉ NATAL						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	5,6	3,9	3,1	14,4	19,4	5,6	3,1
Branquinha	5,6	4,6	3,1	25,4	22,6	0,4	1,8
Campestre	5,8	7,8	3,1	2,4	6,0	8,6	2,4
Colônia Leopoldina	6,4	5,3	3,4	3,5	3,9	6,4	4,6
Ibateguara	3,1	1,7	3,8	19,1	20,2	5,0	0,7
Joaquim Gomes	10,2	4,4	4,2	5,5	6,7	8,3	6,7
Jundiá	0,0	0,0	1,9	2,1	3,6	1,6	0,0
Murici	3,4	3,9	2,3	5,6	25,5	9,9	2,7
Novo Lino	8,1	3,2	4,3	5,7	2,5	5,1	6,4
Santana do Mundaú	2,7	2,1	1,1	20,7	25,8	1,5	1,2
São José da Laje	5,3	4,0	2,6	12,1	14,1	4,9	4,1
União dos Palmares	5,6	3,9	3,1	24,1	30,9	4,5	2,0

(Exclui as ocorrências sem informação sobre o número de consultas realizadas).

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

A partir de 2011 houve redução no número de mulheres que fizeram 7 ou mais consultas de pré-natal residentes na 3ª RS. Dentre os municípios que compõem essa região, Colônia Leopoldina, e Novo Lino, destacam-se por apresentar decréscimo na proporção dessas mães (Tabela 11).

Tabela 11 – Proporção de nascidos vivos de mães que realizaram 7 ou mais consultas, residentes na 3ª Região de Saúde por município - 2007 a 2013*.

LOCALIDADE	7 ou mais consultas						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região Sanitária	50,2	48,7	55,4	50,9	30,7	41,2	46,0
Branquinha	56,3	52,6	67,9	55,1	40,6	58,1	60,2
Campestre	43,7	36,3	48,0	44,0	28,4	30,0	33,7
Colônia Leopoldina	39,1	28,5	33,0	31,1	24,6	21,3	15,9
Ibateguara	55,5	60,4	62,1	57,6	22,7	30,8	42,5
Joaquim Gomes	35,0	35,5	37,5	39,9	26,8	30,7	33,3
Jundiá	44,4	31,7	38,9	39,6	17,9	29,5	57,9
Murici	68,7	68,4	70,3	60,3	31,2	39,9	44,4
Novo Lino	42,2	51,1	34,6	33,2	25,4	28,7	16,0
Santana do Mundaú	46,2	50,0	67,0	60,3	34,1	62,3	65,2
São José da Laje	49,4	47,6	41,9	41,5	30,1	43,9	46,2
União dos Palmares	50,9	50,3	66,8	59,9	35,4	50,6	59,4

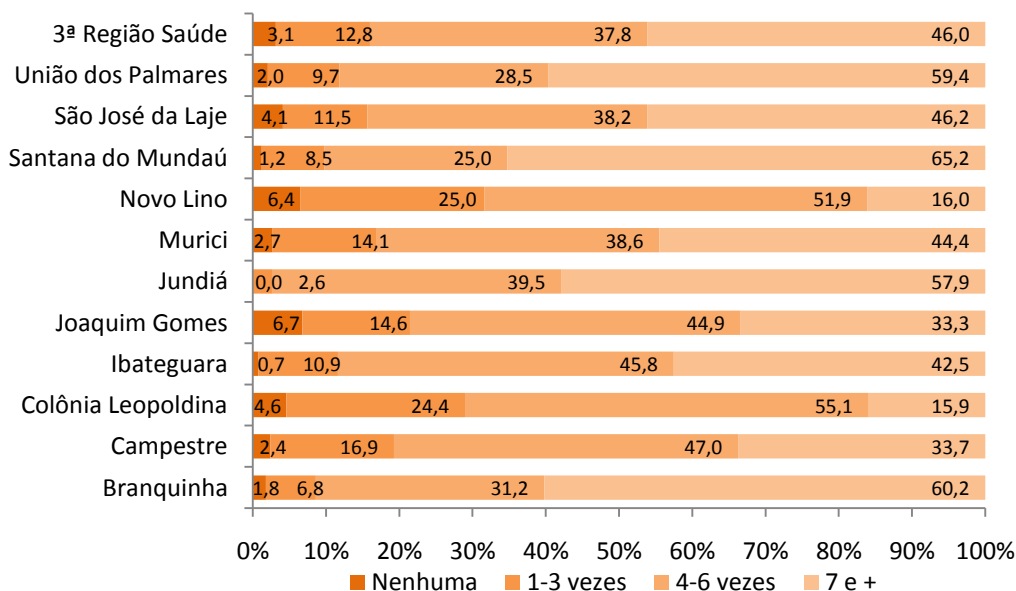
(Exclui as ocorrências sem informação sobre o número de consultas realizadas).

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Avaliando a quantidade de consultas pré-natal por município, verifica-se que 6,7% das mães residentes em Joaquim Gomes não realizaram pré-natal. Colônia Leopoldina registrou a menor proporção de mães com 7 ou mais consultas (15,9%), como também apresentou a maior proporção de mães com 4 a 6 consultas (55,1%). Santana do Mundaú registrou a maior proporção de mães que realizaram 7 ou mais consultas pré-natal (65,2%).

Figura 10 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 3ª Região de Saúde, segundo o número de consultas de pré-natal, por município – 2013*.



(Exclui as ocorrências sem informação sobre o número de consultas realizadas)

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Ao analisar a proporção de mães residentes na 3ª RS, no período de 2007 a 2013, segundo a quantidade de consultas pré-natal, verifica-se nesse período uma média de 46,6% de NV com 7 e + consultas pré-natal. Manteve uma média de 8,8% de NV sem nenhuma consulta (Tabela 12).

Tabela 12 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 3ª Região de Saúde, segundo quantidade de consultas pré-natal – 2007 a 2013*.

Consultas Pré-natal	3ª Região de Saúde						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Nenhuma	5,7	4,0	3,1	14,5	19,7	5,6	3,1
1 a 3 vezes	11,6	12,1	9,8	8,8	10,9	11,3	12,9
4 a 6 vezes	31,9	34,7	31,3	25,6	38,3	41,6	37,9
7 e +	50,8	49,2	55,8	51,1	31,2	41,4	46,1

(Exclui as ocorrências sem informação sobre o número de consultas realizadas)

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 03/06/2013.

Fonte: SINASC

É importante ressaltar que existem diversas limitações para definir esses valores como indicadores da real situação do acompanhamento pré-natal no nosso estado, pois de acordo com a RIPSa – Rede Interagencial de Informações para Saúde - há possibilidade de equívoco da gestante ao informar o número de consultas no momento da captação desse dado; São Desconsideradas, por restrição da fonte de dados, as consultas de pré-natal relativas a gestações que deram origem a natimortos e abortos; A ocorrência de partos gemelares resulta em contagem cumulativa de mulheres; A representatividade populacional do indicador pode estar comprometida nas áreas que apresentam insuficiente cobertura do sistema de informação sobre nascidos vivos e a possibilidade de nascidos vivos que morrem logo após o nascimento serem declarados como natimortos, subenumerando o total de nascidos vivos.

ESCOLARIDADE

Ao analisar a condição materna segundo escolaridade e faixa etária, em 2013 (Tabela 13), verifica-se a alta proporção de mães sem informação de tempo de estudo entre as de 20 a 29 anos. Ao observar o percentual de mães sem escolaridade vê-se que 45,4% tinham entre 20 e 29 anos. Dentre as mães com 12 e mais anos de estudo, 49,3% delas eram da idade de 20 a 29 anos. Observa-se que com este período de estudo, 1,3% tinham de 10 a 14 anos de idade, é irregular haver o registro de mães nesse período de estudo com tal faixa etária, isto reflete o mal preenchimento do campo dessa informação na Declaração de Nascido Vivo - DN.

Tabela 13 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 3ª Região de Saúde, segundo faixa etária materna por quantidade de consultas pré-natal – 2013*.

3ª Região de Saúde						
Faixa etária materna	ESCOLARIDADE					
	NI/IGN	Nenhuma	1 a 3	4 a 7	8 a 11	12 e +
10 a 14 anos	0,0	3,1	5,1	0,8	0,0	1,3
15 a 19anos	6,0	17,2	39,4	30,4	3,1	28,0
20 a 29 anos	37,3	48,7	43,9	53,8	51,5	49,3
30 a 34 anos	30,8	19,8	7,4	9,9	30,1	12,0
35 a 39 anos	16,4	8,4	3,0	4,5	12,3	9,3
40 a 49 anos	9,5	2,7	1,2	0,7	3,1	0,0

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

ANOMALIAS CONGÊNITAS

A 3ª RS apresenta uma das menores médias de NV com anomalias congênitas (AC), 0,3% nos últimos sete anos (Tabela 14). No município de Santana do Mundaú não houve registro de NV com essa condição.

Tabela 14 – Proporção de nascidos vivos com anomalias congênicas de mães residentes na 3ª Região de Saúde – 2007 a 2013*.

LOCALIDADE	Anomalia Congênita						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	0,3	0,2	0,2	0,4	0,3	0,6	0,4
Branquinha	0,5	0,6	0,5	0,0	0,5	0,9	0,0
Campestre	1,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,2
Colônia Leopoldina	0,4	0,3	0,3	0,9	0,5	0,6	0,7
Ibateguara	0,0	0,0	0,8	0,3	0,0	0,7	0,0
Joaquim Gomes	0,6	0,8	1,0	0,8	0,7	0,2	0,7
Jundiá	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,9	2,6
Murici	0,3	0,2	0,0	0,4	0,9	0,8	0,9
Novo Lino	0,5	0,0	0,0	0,5	0,0	2,0	0,6
Santana do Mundaú	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
São José da Laje	0,0	0,2	0,0	0,5	0,3	0,0	0,0
União dos Palmares	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1	0,3	0,1

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Ao estratificar os nascidos vivos com AC residentes na 3ª RS, segundo o CID 10 (Tabela 15), no período de 2007 a 2013, observa-se uma média de 9,1% NV com Deformidades do pé (Q66) e 12,7% por Polidactilia. As anomalias com baixa quantidade de casos registrados não foram discriminadas na tabela, sendo informadas aqui como Outras Anomalias.

Tabela 15 – Proporção de nascidos vivos com anomalias congênicas de mães residentes na 3ª Região de Saúde, segundo capítulo CID 10 – 2007 a 2013*.

3ª Região de Saúde								
CID 10	Anomalia Congênita	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Q03	Hidrocefalia congênita	18,2	0,0	0,0	0,0	7,7	4,8	0,0
Q05	Espinha bífida	0,0	0,0	0,0	14,3	7,7	0,0	7,1
Q54	Hipospádias	0,0	0,0	0,0	7,1	15,4	4,8	7,1
Q66	Deformidades congênicas do pé	27,3	10,0	0,0	7,1	7,7	4,8	7,1
Q69	Polidactilia	9,1	0,0	10,0	21,4	7,7	19,0	21,4
Q79	Malf. congênicas do sistema osteomuscular, NCOP	9,1	0,0	0,0	0,0	0,0	4,8	14,3
Q89	Outras malformações congênicas, NCOP	9,1	10,0	20,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Q90	Síndrome de Down	9,1	20,0	10,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Outras Anomalias	18,2	60,0	60,0	50,0	53,8	61,9	42,9

NCOP - Não classificadas em outra parte; NE – Não especificada.

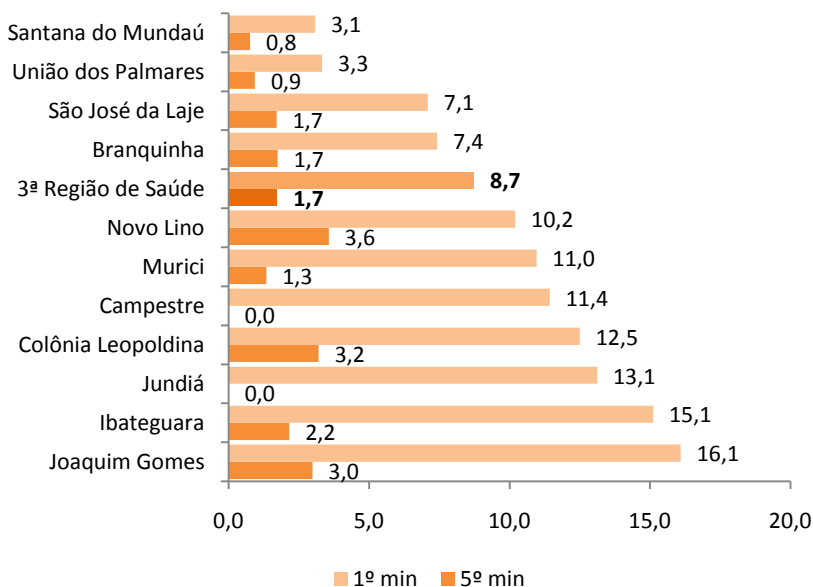
*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

APGAR

Na 3ª RS, em 2013, apenas 8,7% dos NV tiveram menos de 7 pontos no exame de APGAR do 1º minuto, o menor valor dentre as RS do estado. Destes, 1,7% mantiveram essa pontuação no 5º minuto (Figura 11). Observa-se que nos municípios de Joaquim Gomes e Ibateguara a ocorrência dessa pontuação no 1º minuto foi de 7,4 e 6,4 pontos percentuais (respectivamente) acima do ocorrido na região. Nos municípios de União dos Palmares e Santana do Mundaú, ao repetir o exame no 5º minuto, apenas 0,9% e 0,8% (respectivamente) mantiveram essa condição.

Figura 11 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 3ª Região de Saúde com 7 ou menos pontos no APGAR do 1º e 5º minuto por município – 2013*.

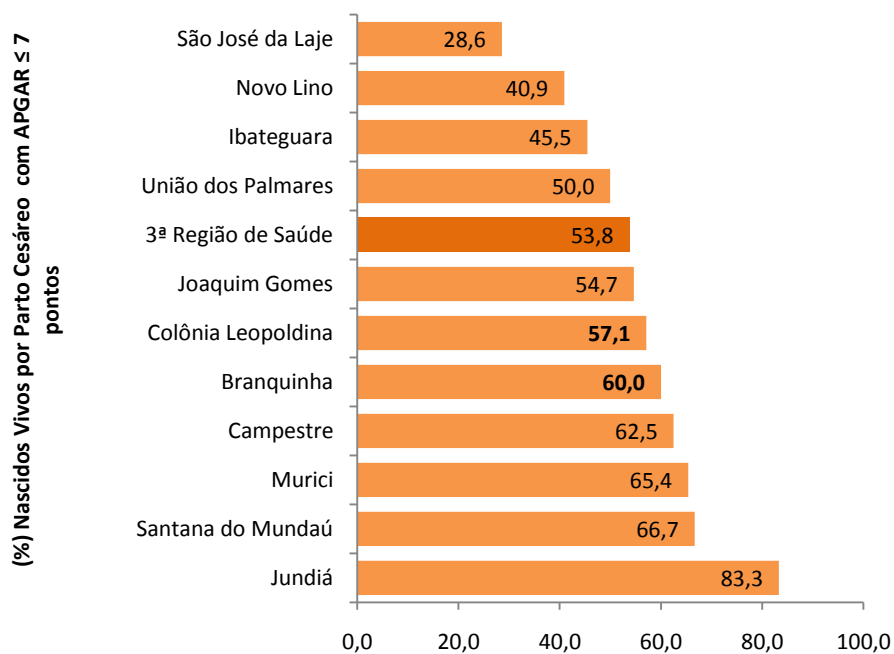


*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC

Nessa região, no ano de 2013, 53,8% dos NV com 7 pontos ou menos no APGAR do 1º minuto nasceram por parto cesáreo (Figura 12). No município de Ibateguara essa condição foi 54,8% maior. Em São José da Laje, 46,8% menor.

Figura 12 – Proporção de nascidos vivos de mães residentes na 3ª Região de Saúde, por cesárea com 7 ou menos pontos no APGAR do 1º minuto, por município –2013*



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 30/06/2014.

Fonte: SINASC



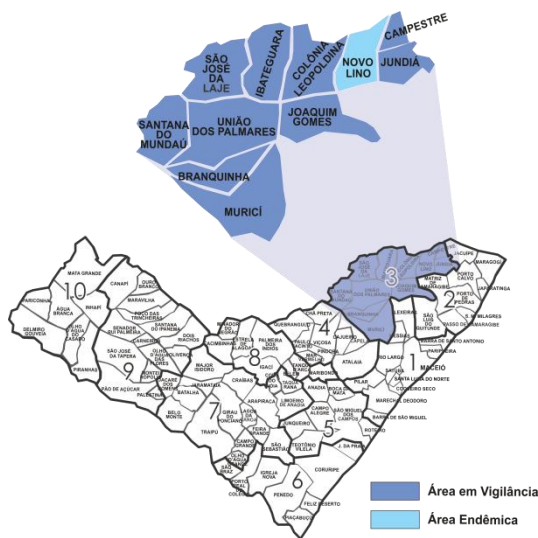
MORBIDADE

DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS

Áreas endêmicas

A 3ª Região de Saúde (RS) é endêmica para dengue e esquistossomose. Para doença de chagas e leishmaniose tegumentar americana todos os municípios fazem parte da área de vigilância (área sem caso ou com casos esporádicos que necessita de vigilância ininterrupta), para leishmaniose visceral, 1 município é endêmico e 10 são da área de vigilância (Figura 01); para peste, nenhum município é endêmico nem faz parte da área de vigilância.

Figura 01 – Situação epidemiológica da leishmaniose visceral na 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2013.

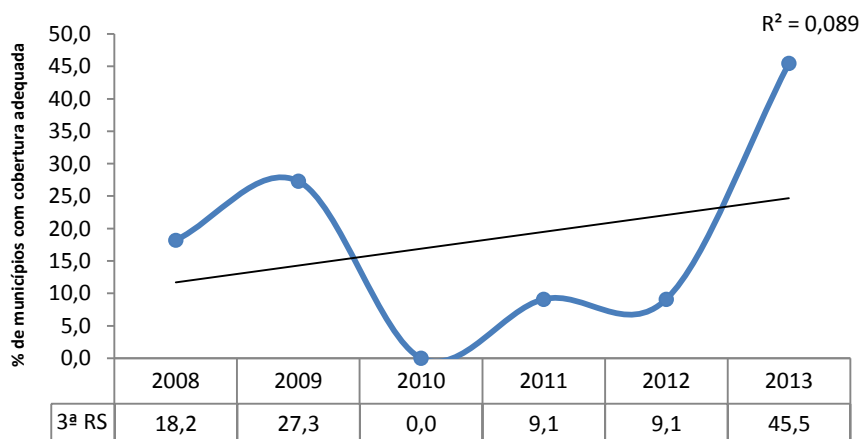


Fonte: DIASS/SUVISA/SESAU-AL – sujeito à revisão.

Dengue

Avaliando o indicador proporção de imóveis visitados em, pelo menos, 04 ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue, onde os municípios deveriam alcançar pelo menos 80% de cobertura em cada ciclo, não é observada ao longo dos anos tendência significativa na curva (Figura 02). Dentre os municípios da RS, em 2013 apenas Branquinha, Ibateguara, Jundiá, Novo Lino e São José da Laje realizaram os 04 ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue com pelo menos 80% de cobertura em cada ciclo, fato este, que mascara os índices de infestação predial e também favorece o aumento de casos. Vale salientar que ao longo do período avaliado, exceto em 2010, Jundiá foi o único município com indicador alcançado (Tabela 01).

Figura 02 – Percentual de municípios com pelo menos 4 ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue com 80% ou mais de cobertura, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2013.



Fonte: SISFAD/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 01 – Número de ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue com 80% ou mais de cobertura, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2013.

LOCALIDADE	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Branquinha	0	0	0	0	0	6
Campestre	0	0	0	0	0	3
Colônia Leopoldina	0	0	0	0	0	3
Ibateguara	1	1	1	1	0	5
Joaquim Gomes	0	0	0	0	0	0
Jundiá	4	4	3	4	4	6
Murici	4	4	2	0	0	2
Novo Lino	0	0	0	0	1	5
Santana do Mundaú	2	5	3	0	2	2
São José da Laje	0	0	0	0	0	5
União dos Palmares	0	0	0	0	0	1

Fonte: SISFAD/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Em 2013 os municípios da 3ª Região de Saúde registraram 1.191 casos suspeitos de dengue, sendo confirmados 696 (48,9%), destes, 2 casos graves e nenhum óbito. Ressalta-se que 5,2% dos casos notificados não foram investigados, destes, 37,0% são de Santana do Mundaú e 35,4% de Murici. Os municípios de Campestre, Ibateguara, Joaquim Gomes, Jundiá e Novo Lino são os que apresentam o menor percentual de casos inconclusivos, demonstrando uma melhor oportunidade na investigação e encerramento dos casos (Tabela 02).

Tabela 02 – Classificação final dos casos notificados de dengue, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2013.

LOCALIDADE	DC	%	DCC	%	FHD	%	SCD	%	DESC	%	INC	%
3ª Região de Saúde	515	43,2	2	0,2	0	0,0	0	0,0	612	51,4	62	5,2
Branquinha	5	18,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	14	51,9	8	29,6
Campestre	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0	0	0,0
Colônia Leopoldina	29	60,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	14	29,2	5	10,4
Ibateguara	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	100,0	0	0,0
Joaquim Gomes	2	40,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	60,0	0	0,0
Jundiá	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	100,0	0	0,0
Murici	186	88,6	2	1,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	22	10,5
Novo Lino	3	75,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	25,0	0	0,0
Santana do Mundaú	9	22,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	9	22,0	23	56,1
São José da Laje	18	78,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	13,0	2	8,7
União dos Palmares	263	32,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	558	67,8	2	0,2

DC – Dengue clássico, DCC – Dengue com complicação, FHD – Febre hemorrágica do dengue, INC – Inconclusivos, DESC - Descartados.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

A 3ª RS apresentou em 2013 uma taxa de incidência de 230,8 casos por 100.000 habitantes. O município de Murici foi o que mais contribuiu para esta taxa (Tabela 03). Analisando o diagrama de controle da dengue em 2013, percebe-se picos epidêmicos na 6ª, na 18ª, 19ª, da 25ª a 27ª e na 47ª semanas epidemiológicas (Figura 03).

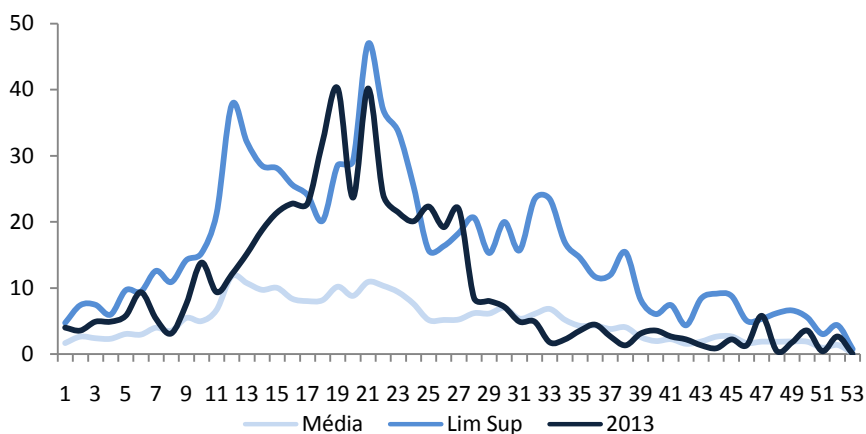
Tabela 03 – Casos notificados e confirmados de dengue, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2010 - 2013.

LOCALIDADE	2010			2011			2012			2013		
	NOT	CONF	%	NOT	CONF	%	NOT	CONF	%	NOT	CONF	%
3ª Região de Saúde	340	67	19,7	1218	540	44,3	730	383	52,5	1424	696	48,9
Branquinha	2	1	50,0	114	69	60,5	15	4	26,7	41	20	48,8
Campestre	1	0	0,0	63	46	73,0	11	6	54,5	10	0	0,0
Colônia Leopoldina	2	0	0,0	288	174	60,4	449	319	71,0	123	32	26,0
Ibateguara	5	0	0,0	18	7	38,9	10	5	50,0	7	1	14,3
Joaquim Gomes	7	0	0,0	61	24	39,3	11	5	45,5	23	12	52,2
Jundiá	0	0	S/C	5	0	0,0	1	0	0,0	3	3	100,0
Murici	53	10	18,9	172	46	26,7	73	6	8,2	547	476	87,0
Novo Lino	0	0	S/C	18	17	94,4	5	3	60,0	64	61	95,3
S. do Mundaú	6	0	0,0	33	7	21,2	4	0	0,0	8	0	0,0
São José da Laje	9	3	33,3	48	16	33,3	32	19	59,4	10	2	20,0
U. dos Palmares	255	53	20,8	398	134	33,7	119	16	13,4	588	89	15,1

NOT – Notificados, CONF – Confirmados.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

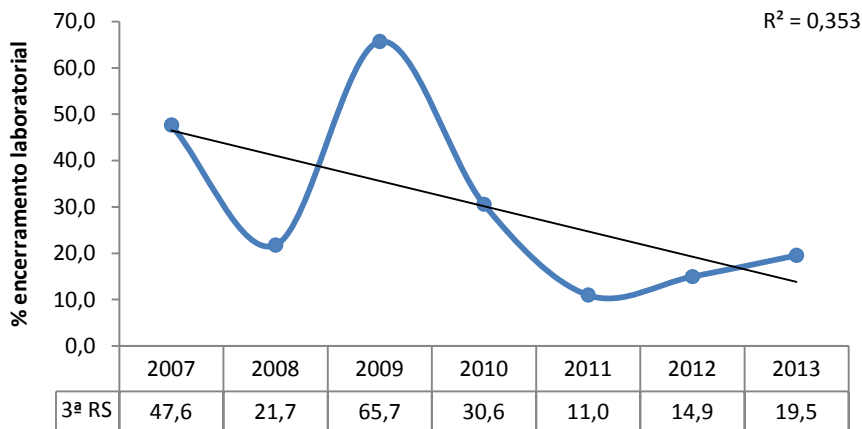
Figura 03 – Diagrama de controle da dengue, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

O encerramento laboratorial dos casos de dengue não apresenta tendência significativa na curva (Figura 04).

Figura 04 – Percentual de encerramento laboratorial dos casos de dengue, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

A faixa etária mais atingida em todos os anos do período avaliado foi a de 20 a 29 anos, com 22,2% dos casos (Tabela 04). Em relação ao sexo, o mais atingido foi o feminino com 57,4% dos casos.

Tabela 04 – Percentual dos casos de dengue por faixa etária, 3ª Região de Saúde Alagoas, 2007 – 2013.

FAIXA ETÁRIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
< 1 ano	1,2	5,1	1,5	3,3	3,1	3,3	2,7
1 a 4 anos	3,9	5,1	0,0	5,0	6,8	4,9	7,0
5 a 9 anos	8,3	11,6	9,0	8,3	11,3	4,7	9,1
10 a 14 anos	9,8	11,6	14,9	14,3	15,7	10,4	13,7
15 a 19 anos	15,0	11,6	16,4	14,3	13,4	14,0	14,9
20 a 29 anos	23,2	26,1	22,4	20,0	17,8	23,9	21,7
30 a 39 anos	16,9	13,8	11,9	14,4	12,6	17,1	14,1
40 a 49 anos	12,6	9,4	11,9	7,4	7,1	9,5	7,7
50 a 59 anos	5,9	2,9	7,5	7,8	7,1	8,5	5,4
60 a 69 anos	2,0	2,2	3,0	3,5	3,1	2,4	1,5
70 a 79 anos	1,2	0,7	1,5	0,9	1,0	1,2	1,4
≥ 80 anos	0,0	0,0	0,0	0,7	1,0	0,1	0,8

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Esquistossomose

Na 3ª RS foram realizados 33.428 exames coprocópicos, destes, 4.154 (12,4%) foram positivos para *Schistosoma mansoni*, sendo tratadas apenas 2.602 pessoas (62,6%). O município com o maior percentual de exames positivos foi Branquinha e o com menor percentual de positivos tratados foi Campestre (Tabela 05).

Tabela 05 – Exames coprocópicos para *Schistosoma mansoni*, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2013.

LOCALIDADE	EXAMES	POSITIVOS	%	TRATADOS	%
3ª Região de Saúde	33428	4154	12,4	2602	62,6
Branquinha	3179	1141	35,9	811	71,1
Campestre	483	56	11,6	0	0,0
Colônia Leopoldina	1184	122	10,3	82	67,2
Ibateguara	2769	121	4,4	65	53,7
Joaquim Gomes	0	0	S/R	0	S/R
Jundiá	856	59	6,9	30	50,8
Murici	1252	35	2,8	35	100,0
Novo Lino	682	35	5,1	1	2,9
Santana do Mundaú	3941	644	16,3	437	67,9
São José da Laje	3646	644	17,7	354	55,0
União dos Palmares	15436	1297	8,4	787	60,7

S/R – Sem registro

Fonte: SISPCE/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito aos demais vermes examinados na 3ª RS, os maiores percentuais de positividade, respectivamente, foram para: Ancylostomídeos (10,3%), Ascaris (9,9%), e Trichuris (6,0%) (Tabela 06).

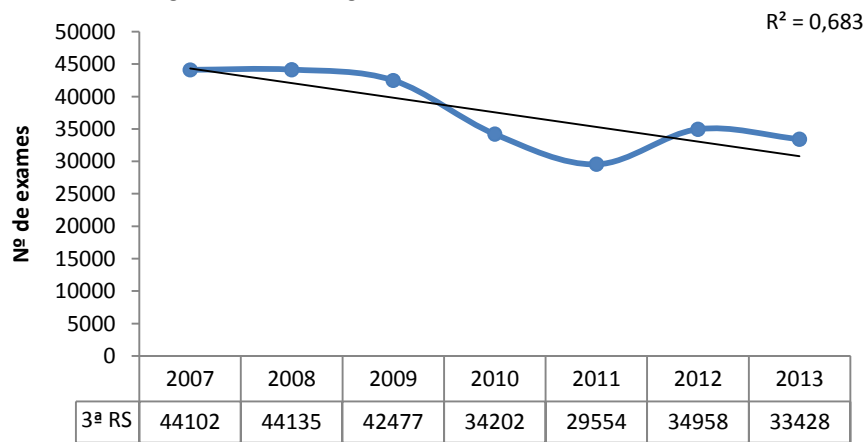
Tabela 06 – Exames coproscópicos positivos para Ancylostomídeos, Ascaris e Trichuris, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2013.

LOCALIDADE	ASCARIS	%	ANCYLOSTOMÍDEOS	%	TRICHURIS	%
3ª Região de Saúde	3317	9,9	3449	10,3	1992	6,0
Branquinha	1196	37,6	1368	43,0	896	28,2
Campestre	17	3,5	0	0,0	27	5,6
Colônia Leopoldina	322	27,2	3	0,3	69	5,8
Ibateguara	244	8,8	143	5,2	103	3,7
Joaquim Gomes	0	S/R	0	S/R	0	S/R
Jundiá	21	2,5	29	3,4	12	1,4
Murici	244	19,5	41	3,3	53	4,2
Novo Lino	198	29,0	6	0,9	59	8,7
Santana do Mundaú	109	2,8	39	1,0	34	0,9
São José da Laje	309	8,5	773	21,2	205	5,6
União dos Palmares	657	4,3	1047	6,8	534	3,5

S/R – Sem registro
 Fonte: SISPCE/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

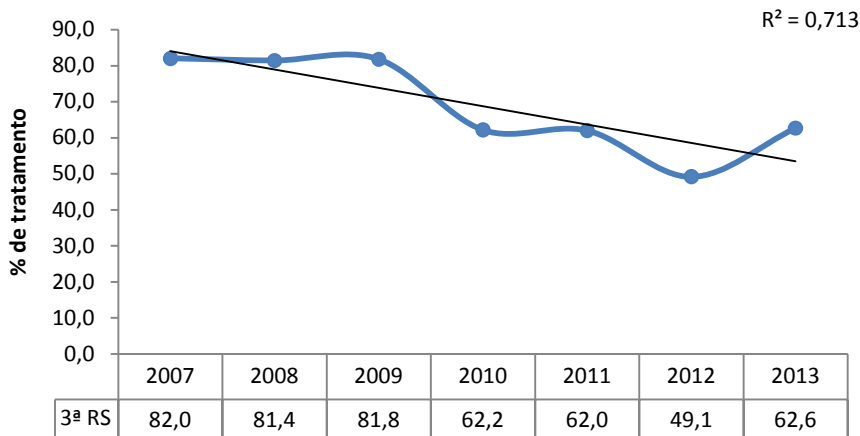
Ao longo dos anos o quantitativo de exames realizados está cada vez menor, com redução 24,2% no período. Visualiza-se tendência moderada de queda na curva (Figura 05). O percentual de exames positivos tratados apresenta tendência forte de queda, apresentando uma redução de 23,6% (Figura 06).

Figura 05 – Tendência temporal dos exames coproscópicos para *Schistosoma mansoni*, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SISPCE/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 06 – Tendência temporal do tratamento dos exames positivos para *Schistosoma mansoni*, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SISPCE/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Doença de Chagas, Leishmaniose Tegumentar Americana e Leishmaniose Visceral

De 2007 a 2013 a 3ª RS não notificou caso de chagas agudo. No mesmo período, também notificou 312 casos de leishmaniose tegumentar americana (Tabela 07), a maioria em Colônia Leopoldina (34,2%) e Novo Lino (19,8%) (Tabela 08). Para leishmaniose visceral foram notificados e confirmados 3 casos. Não foi registrada nenhuma notificação para peste.

Tabela 07 – Número de casos de leishmaniose tegumentar americana, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	91	66	48	19	22	38	28
Branquinha	0	0	1	0	2	0	0
Campestre	0	0	1	0	0	0	1
Colônia Leopoldina	49	12	17	3	8	14	4
Ibateguara	3	0	0	0	0	0	0
Joaquim Gomes	9	7	2	0	0	9	7
Jundiá	9	1	3	3	0	1	0
Murici	0	12	3	0	0	0	0
Novo Lino	11	16	6	10	7	6	6
Santana do Mundaú	0	5	0	2	0	0	2
São José da Laje	0	0	2	0	0	1	2
União dos Palmares	10	13	13	1	5	7	6

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 08 – Número de casos de leishmaniose visceral, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	1	0	0	0	0	2	0
Branquinha	0	0	0	0	0	0	0
Campestre	0	0	0	0	0	0	0
Colônia Leopoldina	0	0	0	0	0	0	0
Ibateguara	0	0	0	0	0	0	0
Joaquim Gomes	0	0	0	0	0	0	0
Jundiá	0	0	0	0	0	0	0
Murici	0	0	0	0	0	1	0
Novo Lino	0	0	0	0	0	0	0
Santana do Mundaú	0	0	0	0	0	0	0
São José da Laje	0	0	0	0	0	1	0
União dos Palmares	1	0	0	0	0	0	0

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Hanseníase

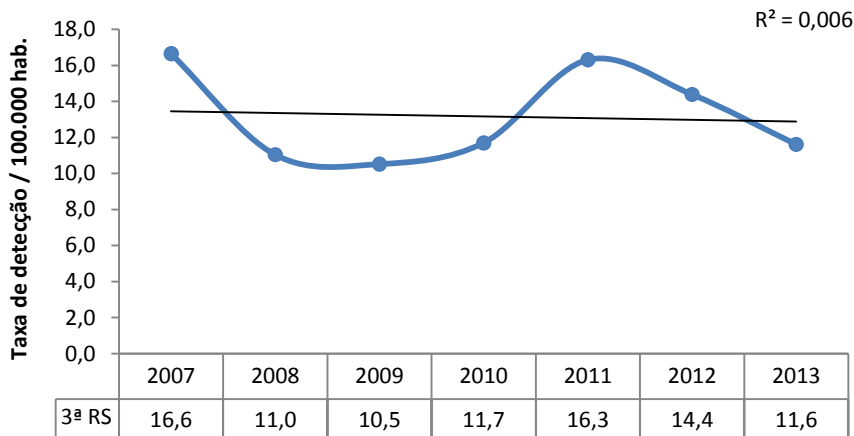
Em 2013 a 3ª RS apresentou uma taxa de detecção de 11,6/100.000 habitantes, sendo considerada alta de acordo com os parâmetros da RIPSA, 2010 (baixa: menor que 2,00; média: 2,00 a 9,99; alta: 10,00 a 19,99; muito alta: 20,00 a 39,99; e situação hiperendêmica: maior ou igual a 40,00). Analisando a série histórica, não visualizada tendência significativa na taxa de incidência. O município de União dos Palmares foi o que mais contribuiu para esta taxa (Tabela 09 e Figura 07).

Tabela 09 – Número de casos novos de Hanseníase, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	32	24	23	25	35	31	26
Branquinha	2	1	2	1	3	2	0
Campestre	1	1	1	0	0	0	0
Colônia Leopoldina	1	1	0	4	1	1	1
Ibateguara	0	2	0	1	1	0	1
Joaquim Gomes	0	0	0	0	1	3	0
Jundiá	0	0	0	0	0	0	0
Murici	1	1	0	2	2	1	4
Novo Lino	0	3	1	1	1	0	0
Santana do Mundaú	1	0	1	2	1	1	0
São José da Laje	1	3	1	2	2	1	0
União dos Palmares	25	12	17	12	23	22	20

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 07 – Tendência temporal da taxa de detecção da hanseníase, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Avaliando todos os casos notificados em 2012 na 3ª RS, o percentual de cura alcançado foi de 80,0%, abaixo do preconizado pelo Ministério da Saúde (90%). Em 2012, Colônia Leopoldina, Novo Lino e Santana do Mundaú alcançaram este percentual, ressalta-se o não alcance pela 3ª RS na série analisada, exceto em 2010 (Tabela 10). Não é visualizada na 3ª RS tendência significativa no percentual de cura da doença (Figura 08).

Os dados referentes ao ano de 2013 só representam a cura dos pacientes detectados até o mês de Agosto, uma vez que o período de tratamento é de, no mínimo, nove meses. Neste sentido, até o momento da tabulação dos dados, a taxa de cura para Hanseníase na 3ª RS encontra-se em 45,5%.

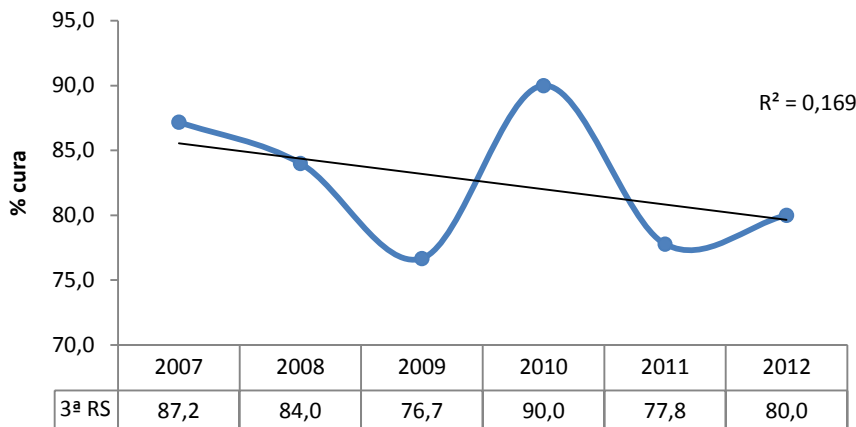
Tabela 10 - Percentual de cura dos casos notificados de hanseníase, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2012.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012
3ª Região de Saúde	87,2	84,0	76,7	90,0	77,8	80,0
Branquinha	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	50,0
Campestre	0,0	100,0	0,0	S/C	S/C	S/C
Colônia Leopoldina	100,0	0,0	S/C	75,0	0,0	100,0
Ibateguara	S/C	100,0	S/C	100,0	0,0	S/C
Joaquim Gomes	100,0	S/C	S/C	S/C	0,0	0,0
Jundiá	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C
Murici	100,0	50,0	0,0	100,0	66,7	0,0
Novo Lino	S/C	100,0	100,0	100,0	100,0	S/C
Santana do Mundaú	100,0	S/C	100,0	100,0	0,0	100,0
São José da Laje	100,0	100,0	33,3	100,0	100,0	100,0
União dos Palmares	87,2	84,0	76,7	90,0	77,8	80,0

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 08 – Tendência temporal do percentual de cura dos casos notificados de hanseníase, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2012.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

A taxa de abandono do tratamento para a 3ª RS em 2012 foi de 0,0%. Até o momento da tabulação dos dados, no ano de 2013, 3,0% dos casos notificado pela 3ª RS foi encerrado como abandono (Tabela 11).

Tabela 11 - Percentual de abandono dos casos notificados de hanseníase, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	5,1	4,0	10,0	3,3	4,4	0,0	3,0
Branquinha	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Campestre	0,0	0,0	0,0	S/C	S/C	S/C	S/C
Colônia Leopoldina	0,0	0,0	S/C	0,0	0,0	0,0	0,0
Ibateguara	S/C	0,0	S/C	0,0	0,0	S/C	0,0
Joaquim Gomes	0,0	S/C	S/C	S/C	0,0	0,0	0,0
Jundiá	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C
Murici	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Novo Lino	S/C	0,0	0,0	0,0	0,0	S/C	S/C
Santana do Mundaú	0,0	S/C	0,0	0,0	0,0	0,0	S/C
São José da Laje	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	S/C
União dos Palmares	6,9	8,3	9,5	6,3	6,5	0,0	4,3

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Considerando que o percentual mínimo de exames dos contatos intradomiciliares dos casos novos é de 63%, ao longo dos anos, apenas o município de Campestre alcançou este valor em todos os anos que apresentou notificações, em 2013, nenhum município alcançou o percentual ideal (Tabela 12). Avaliando a série histórica, não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 09).

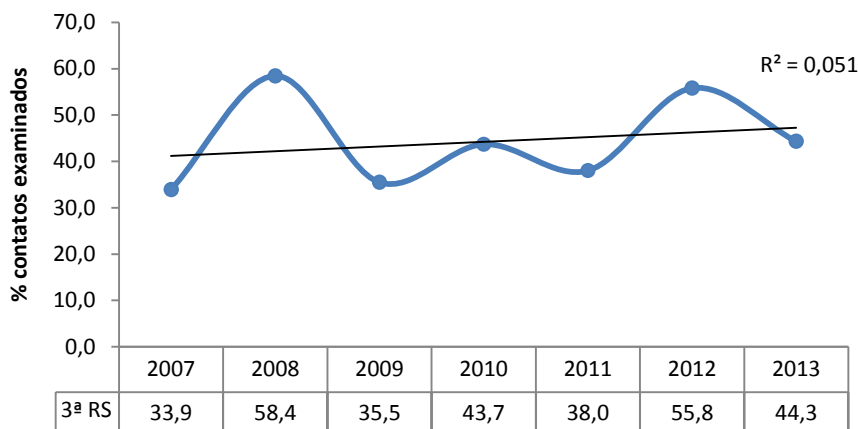
Tabela 12 - Percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos novos de hanseníase, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	33,9	58,4	35,5	43,7	38,0	55,8	44,3
Branquinha	150,0	100,0	100,0	100,0	100,0	50,0	S/C
Campestre	100,0	100,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Colônia Leopoldina	0,0	0,0	S/C	69,2	S/C	S/C	S/C
Ibateguara	S/C	50,0	S/C	100,0	0,0	S/C	0,0
Joaquim Gomes	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	0,0	S/C
Jundiá	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Murici	66,7	200,0	S/C	100,0	50,0	0,0	16,7
Novo Lino	S/C	67,9	100,0	0,0	100,0	S/C	S/C
Santana do Mundaú	100,0	S/C	0,0	33,3	0,0	100,0	S/C
São José da Laje	100,0	80,0	40,0	62,5	66,7	100,0	S/C
União dos Palmares	24,0	23,3	22,7	2,6	24,1	69,4	47,9

S/C – Sem contato e/ou notificação

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 09 – Tendência temporal do percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos novos de hanseníase, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



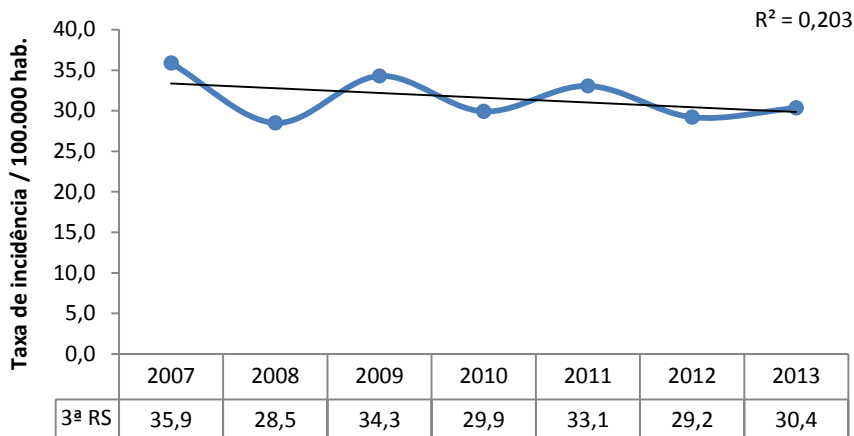
Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tuberculose

Em 2013 foram notificados 78 casos na 3ª RS, dos quais 68 (87,2%) foram casos novos; 2 (2,6%) recidiva; 1 (1,3%) de reingressos após abandono; e 6 (7,7%) com o tipo de entrada transferência.

A taxa de incidência na 3ª RS foi de 30,4/100.000 habitantes. Na 3ª RS não é visualizado tendência significativa na curva de incidência (Figura 10). O município de União dos Palmares foi o que mais contribuiu para esta taxa (Tabela 13 e 14).

Figura 10 – Tendência temporal da taxa de incidência de tuberculose, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 13 – Número de casos novos de tuberculose, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	69	62	75	64	71	63	68
Branquinha	2	2	4	6	4	5	3
Campestre	5	0	1	0	2	5	2
Colônia Leopoldina	7	6	8	2	11	5	10
Ibateguara	2	1	6	0	4	1	1
Joaquim Gomes	7	9	17	9	14	11	7
Jundiá	3	2	0	1	5	1	2
Murici	20	7	13	8	4	8	10
Novo Lino	2	3	1	6	3	2	3
Santana do Mundaú	0	1	3	3	3	1	3
São José da Laje	0	7	9	7	4	8	10
União dos Palmares	21	24	13	22	17	16	17

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 14 – Número de casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	58	39	48	47	50	32	39
Branquinha	3	0	3	5	2	3	2
Campestre	5	0	0	0	2	2	1
Colônia Leopoldina	6	5	5	2	8	0	4
Ibateguara	0	1	3	0	5	1	1
Joaquim Gomes	6	6	13	5	10	6	5
Jundiá	3	2	0	1	1	0	0
Murici	17	6	8	5	3	4	11
Novo Lino	2	1	0	4	3	2	1
Santana do Mundaú	0	1	2	2	2	1	1
São José da Laje	0	2	6	7	3	7	6
União dos Palmares	16	15	8	16	11	6	7

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

O percentual de cura dos casos bacilíferos em 2012 na 3ª RS foi de 53,1%, abaixo do mínimo preconizado pelo MS de 85%, meta necessária para promover a interrupção da transmissão. Na série analisada, nenhum município, assim como a RS, conseguiu o percentual ideal em todos os anos que apresentaram notificações (Tabela 15). Analisando a série histórica da Região, visualiza-se tendência forte de queda na proporção de cura (Figura 11).

Os dados referentes ao ano de 2013 só representam a cura dos pacientes detectados até o mês de outubro, uma vez que o período de tratamento é de, no mínimo, seis meses. Neste sentido, até o momento da tabulação dos dados, a taxa de cura para a tuberculose bacilífera na 3ª RS encontra-se em 46,2%.

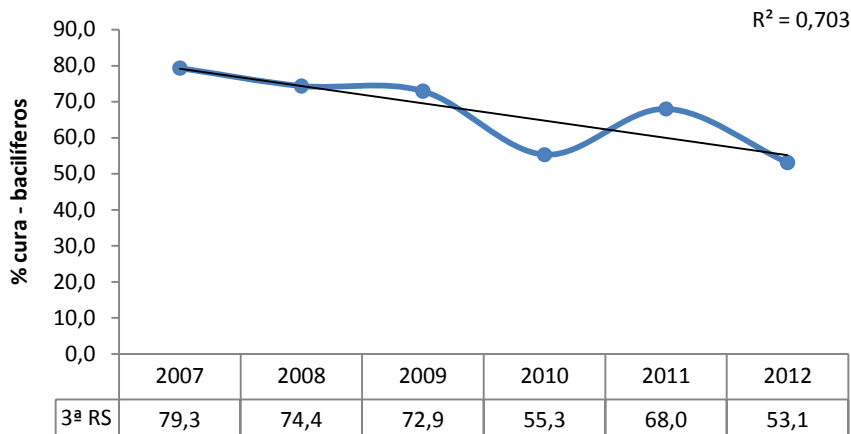
Tabela 15 - Percentual de cura dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, Alagoas, 3ª Região de Saúde, 2007 – 2012.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012
3ª Região de Saúde	79,3	74,4	72,9	55,3	68,0	53,1
Branquinha	66,7	S/C	66,7	20,0	100,0	33,3
Campestre	80,0	S/C	S/C	S/C	100,0	100,0
Colônia Leopoldina	50,0	40,0	20,0	0,0	87,5	S/C
Ibateguara	S/C	100,0	100,0	S/C	60,0	0,0
Joaquim Gomes	83,3	83,3	76,9	40,0	20,0	50,0
Jundiá	66,7	50,0	S/C	0,0	100,0	S/C
Murici	76,5	100,0	75,0	80,0	66,7	25,0
Novo Lino	100,0	100,0	S/C	75,0	100,0	100,0
Santana do Mundaú	S/C	0,0	50,0	100,0	100,0	100,0
São José da Laje	S/C	100,0	83,3	28,6	66,7	42,9
União dos Palmares	93,8	73,3	87,5	75,0	72,7	66,7

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 11 – Tendência temporal do percentual de cura dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2012.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

A taxa de abandono do tratamento em 2012 foi de 6,3% acima do percentual aceitável (5%). Ressalta-se que os Municípios de Campestre, Jundiá e Novo Lino alcançaram o percentual ideal em todos os anos que apresentaram notificações (Tabela 16). Analisando a série histórica da 3ª RS, não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 12).

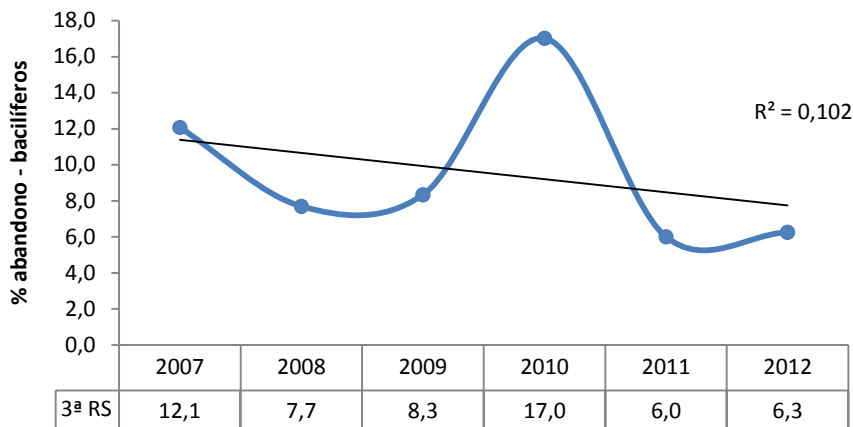
Tabela 16 - Percentual de abandono de tratamento dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, Alagoas, 3ª Região de Saúde, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	12,1	7,7	8,3	17,0	6,0	6,3	2,6
Branquinha	33,3	S/C	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0
Campestre	0,0	S/C	S/C	S/C	0,0	0,0	0,0
Colônia Leopoldina	16,7	0,0	20,0	50,0	0,0	S/C	25,0
Ibateguara	S/C	0,0	0,0	S/C	20,0	0,0	0,0
Joaquim Gomes	16,7	0,0	7,7	20,0	0,0	0,0	0,0
Jundiá	0,0	0,0	S/C	0,0	0,0	S/C	S/C
Murici	23,5	0,0	0,0	20,0	33,3	0,0	0,0
Novo Lino	0,0	0,0	S/C	0,0	0,0	0,0	0,0
Santana do Mundaú	S/C	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
São José da Laje	S/C	0,0	0,0	42,9	0,0	28,6	0,0
União dos Palmares	0,0	13,3	12,5	12,5	9,1	0,0	0,0

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 12 – Tendência temporal do percentual de abandono de tratamento dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2012.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Considerando que o percentual mínimo de exames dos contatos intradomiciliares dos casos pulmonares bacilíferos é de 90%, na série analisada, a 3ª RS não alcançou este valor em nenhum dos anos. Apenas o município de Campestre alcançou este valor em todos os anos que apresentou casos, em 2013 somente Campestre e Novo Lino conseguiram atingir o percentual ideal (Tabela 17). Analisando a série histórica da 3ª RS, não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 13).

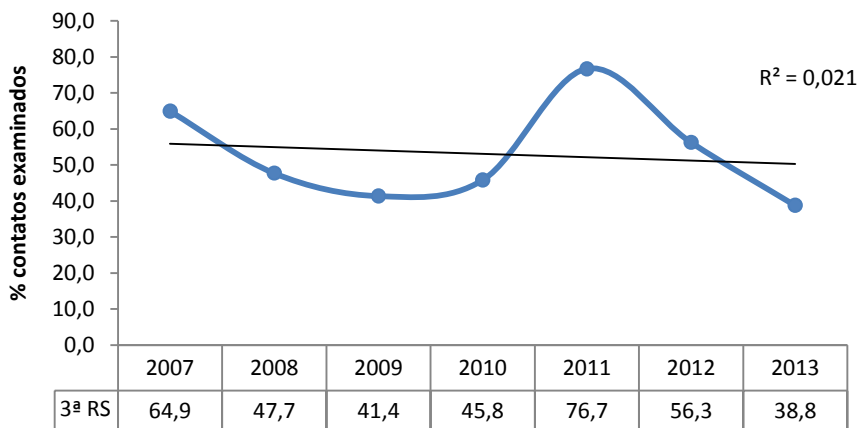
Tabela 17 - Percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	64,9	47,7	41,4	45,8	76,7	56,3	38,8
Branquinha	75,0	S/C	0,0	142,9	100,0	93,3	71,4
Campestre	100,0	S/C	S/C	S/C	100,0	100,0	100,0
Colônia Leopoldina	22,2	27,3	16,7	0,0	100,0	S/C	15,4
Ibateguara	S/C	S/C	100,0	S/C	54,5	S/C	S/C
Joaquim Gomes	34,4	16,1	78,6	15,8	85,7	33,3	26,7
Jundiá	100,0	100,0	S/C	0,0	100,0	S/C	S/C
Murici	79,2	76,5	50,0	86,2	100,0	0,0	6,8
Novo Lino	100,0	0,0	S/C	100,0	160,0	100,0	100,0
Santana do Mundaú	S/C	S/C	33,3	33,3	0,0	0,0	0,0
São José da Laje	S/C	80,0	36,0	100,0	100,0	80,0	78,9
União dos Palmares	50,8	39,1	0,0	7,9	11,1	37,5	38,5

S/C – Sem contato e/ou notificação

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

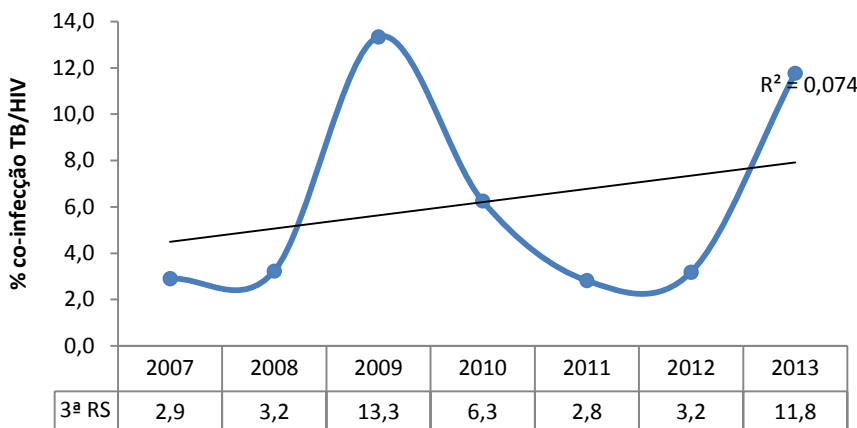
Figura 13 – Tendência temporal do percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito a co-infecção dos casos novos de tuberculose com o vírus HIV, não é visualizada tendência significativa na série (Figura 14).

Figura 14 – Tendência temporal do percentual de co-infecção dos casos novos de tuberculose com o vírus HIV, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Sífilis congênita/gestante

No ano de 2013, foram notificados 27 casos de sífilis congênita na 3ª RS, o que representa uma taxa de incidência de 7,2 por 1.000 nascidos vivos. O município que mais contribuiu para esta taxa foi Murici (Tabela 18). Analisando a série histórica da 3ª RS não é visualizada tendência significativa na

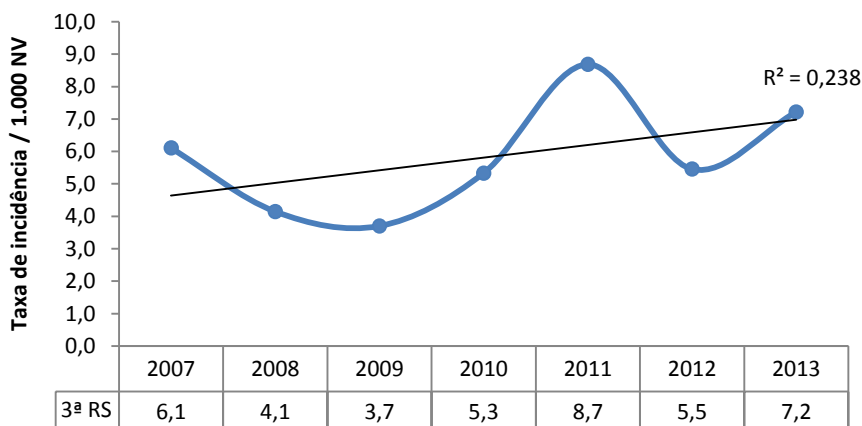
curva (Figura 15). Para a eliminação desta doença como problema de saúde pública se faz necessário a redução de sua incidência a menos de um caso por mil nascidos vivos (RIPSA, 2010).

Tabela 18 – Número de casos de sífilis congênita, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	25	17	15	21	36	21	27
Branquinha	1	0	0	1	1	1	1
Campestre	0	0	0	0	0	0	0
Colônia Leopoldina	2	1	1	1	4	1	2
Ibateguara	3	1	0	0	0	0	2
Joaquim Gomes	3	5	4	4	5	4	3
Jundiá	1	0	1	1	0	0	1
Murici	4	1	4	9	18	5	10
Novo Lino	0	0	1	1	2	1	1
Santana do Mundaú	1	2	0	0	0	0	0
São José da Laje	5	2	2	1	5	1	2
União dos Palmares	5	5	2	3	1	8	5

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

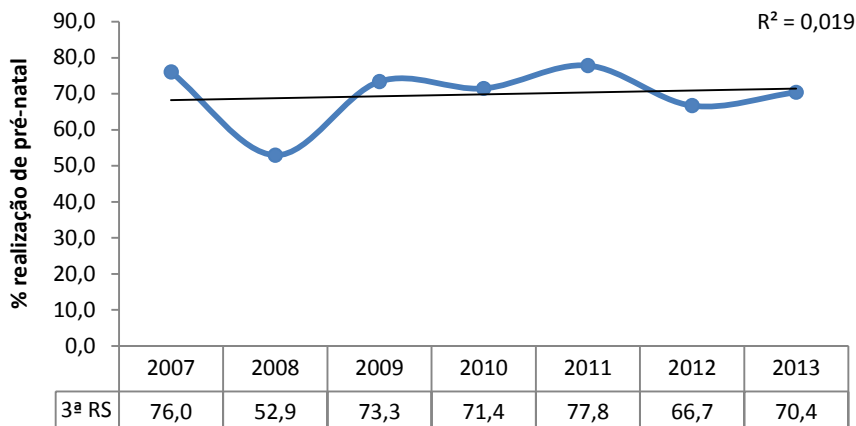
Figura 15 – Tendência temporal da taxa de incidência de sífilis congênita, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

O percentual de realização do pré-natal pelas mães em 2012 foi de 70,4%, o que indica má qualidade na assistência prestada às gestantes, mesmo a 3ª RS apresentando 99,1% de Cobertura populacional estimada pelas equipes de Atenção Básica. Analisando a série histórica, não é visualizada tendência significativa no percentual de realização do exame (Figura 16).

Figura 16 – Tendência temporal da realização do pré-natal pelas mães dos casos de sífilis congênita, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito aos parceiros, o percentual de não tratados na 3ª RS é alto, 70,4%, chegando a 100% em vários municípios (Tabela 19).

Tabela 19 – Percentual de parceiros não tratados dos casos de sífilis congênita, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	68,0	70,6	66,7	66,7	72,2	52,4	70,4
Branquinha	100,0	S/C	S/C	100,0	100,0	100,0	0,0
Campestre	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Colônia Leopoldina	50,0	0,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0
Ibateguara	100,0	0,0	S/C	S/C	S/C	S/C	50,0
Joaquim Gomes	66,7	60,0	50,0	75,0	100,0	100,0	66,7
Jundiá	100,0	S/C	100,0	100,0	S/C	S/C	100,0
Murici	50,0	100,0	75,0	77,8	61,1	20,0	60,0
Novo Lino	S/C	S/C	100,0	100,0	50,0	0,0	100,0
Santana do Mundaú	100,0	100,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
São José da Laje	60,0	50,0	0,0	100,0	80,0	0,0	50,0
União dos Palmares	60,0	100,0	100,0	0,0	0,0	50,0	100,0

S/C – Sem caso notificado.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

O “Estudo Sentinela Parturiente”, Brasil, 2002 estabeleceu uma prevalência de sífilis em parturientes de 1,6%. Tomando como base esse dado e considerando-se 3.741 parturientes no ano de 2013 na 3ª RS, estima-se 60 casos de sífilis em gestante para este ano. Entretanto, no SINAN, foram registrados apenas 13 casos, o que representa 21,7% dos casos esperados para esta doença (Tabela 20).

Tabela 20 – Casos notificados e estimados de sífilis em gestante, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2010 – 2013.

LOCALIDADE	2010			2011			2012			2013		
	EST	NOT	%	EST	NOT	%	EST	NOT	%	EST	NOT	%
3ª Região de Saúde	63	24	38,1	66	16	24,1	62	14	22,7	60	13	21,7
Branquinha	3	1	30,5	3	4	117,9	4	2	54,6	4	0	0,0
Campestre	2	1	50,0	2	0	0,0	1	1	89,3	1	1	75,3
Colônia Leopoldina	5	2	39,3	7	2	30,2	5	0	0,0	5	1	22,1
Ibateguara	5	2	41,1	4	1	22,6	4	2	44,6	4	2	45,1
Joaquim Gomes	8	2	26,3	7	0	0,0	7	4	57,3	7	2	28,1
Jundiá	1	0	0,0	1	0	0,0	1	0	0,0	1	0	0,0
Murici	8	0	0,0	9	2	22,1	8	2	23,9	9	4	45,1
Novo Lino	3	0	0,0	3	0	0,0	3	0	0,0	3	1	39,6
Santana do Mundaú	3	3	104,7	3	0	0,0	2	1	48,1	3	0	0,0
São José da Laje	6	3	48,3	6	0	0,0	7	1	15,1	6	0	0,0
União dos Palmares	20	10	51,3	20	7	34,5	19	1	5,3	18	2	11,1

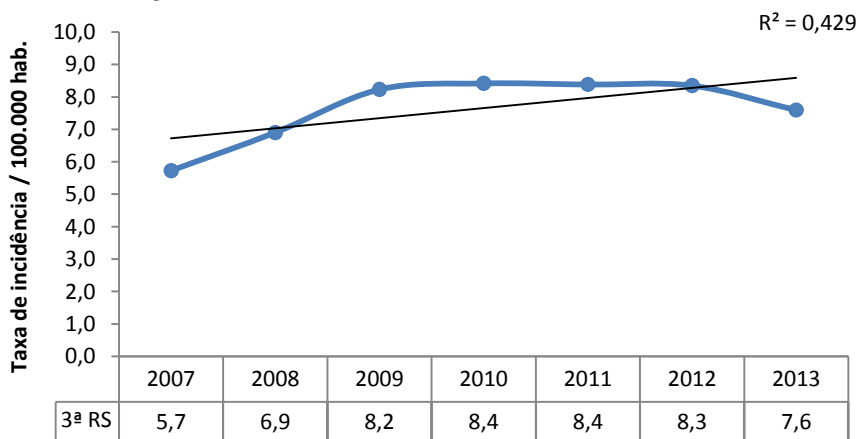
EST – Casos estimados; NOT – Casos notificados.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Considerando que no Estado o número de casos estimados de sífilis congênita é inferior aos notificados, estas informações apontam para uma subnotificação de sífilis em gestante, fato este que se comprova nos anos 2011 (36 notificações de sífilis congênita e 16 de sífilis em gestante); 2012 (21 notificações de sífilis congênita e 14 de sífilis em gestante); e 2013 (27 notificações de sífilis congênita e 13 de sífilis em gestante).

AIDS

No ano de 2013 foram diagnosticados na 3ª RS 17 casos de AIDS em adultos, o que representa uma taxa de incidência de 7,6 casos por 100.000 habitantes. Analisando a série histórica, visualiza-se tendência fraca de aumento na taxa de incidência desta doença (Figura 17). O município de Murici foi o que mais contribuiu para esta taxa (Tabela 21).

Figura 17 – Tendência temporal da taxa de incidência de AIDS em adultos, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 21 – Número de casos de AIDS em adultos, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	11	15	18	18	18	18	17
Branquinha	0	1	1	1	1	0	0
Campestre	1	0	1	0	0	1	0
Colônia Leopoldina	1	1	2	1	4	0	0
Ibateguara	1	0	0	0	0	0	0
Joaquim Gomes	2	3	3	4	1	1	1
Jundiá	0	1	0	0	0	0	0
Murici	1	3	5	6	3	8	4
Novo Lino	1	1	2	1	1	1	0
Santana do Mundaú	0	0	0	0	0	0	0
São José da Laje	1	1	1	0	0	3	5
União dos Palmares	3	4	3	5	8	4	7

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Na série analisada, em média, 50,0% dos casos são em mulheres. A faixa etária mais atingida foi a de 30 a 39 anos (Tabela 22). A letalidade do período foi de 20,0%.

Tabela 22 – Percentual dos casos de AIDS adulto por faixa etária, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

FAIXA ETÁRIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
15 a 19 anos	18,2	13,3	5,6	0,0	0,0	0,0	0,0
20 a 29 anos	36,4	20,0	33,3	33,3	27,8	33,3	17,6
30 a 39 anos	27,3	46,7	27,8	33,3	44,4	55,6	52,9
40 a 49 anos	9,1	13,3	27,8	22,2	16,7	11,1	23,5
50 a 59 anos	0,0	6,7	5,6	5,6	5,6	0,0	0,0
60 a 69 anos	9,1	0,0	0,0	5,6	0,0	0,0	0,0
70 a 79 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	5,6	0,0	5,9
≥80 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito às notificações de gestantes HIV positivo na 3ª RS, nos últimos 5 anos, percebe-se que a profilaxia Antirretroviral que deveria ser utilizada antes ou durante o pré-natal não está sendo aplicada de forma satisfatória (Tabela 23) percebe-se também que, mesmo sendo realizado o pré-natal, o vírus HIV está sendo evidenciado durante ou após o parto, demonstrando uma má assistência a essas gestantes, exceto em 2013 (Tabela 24).

Tabela 23 – Número de casos e percentual de gestantes HIV positivo que usaram Antirretroviral antes ou durante o pré-natal, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2013.

LOCALIDADE	2009		2010		2011		2012		2013	
	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%
3ª Região de Saúde	4	44,4	0	0,0	4	80,0	5	71,4	4	66,7
Branquinha	1	100,0	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Campestre	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Colônia Leopoldina	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	1	100,0
Ibateguara	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	1	100,0
Joaquim Gomes	1	33,3	0	0,0	1	100,0	0	0,0	0	0,0
Jundiá	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Murici	1	100,0	0	S/C	0	0,0	2	66,7	0	S/C
Novo Lino	0	0,0	0	S/C	0	S/C	0	S/C	1	100,0
Santana do Mundaú	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
São José da Laje	0	S/C	0	0,0	0	S/C	0	S/C	0	S/C
União dos Palmares	1	33,3	0	S/C	3	100,0	3	100,0	1	100,0

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 24 – Número de casos e percentual de gestantes HIV positivo que realizaram o pré-natal e tiveram o diagnóstico do vírus durante ou após o parto, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2013.

LOCALIDADE	2009		2010		2011		2012		2013	
	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%
3ª Região de Saúde	2	22,2	1	50,0	1	20,0	2	28,6	0	0,0
Branquinha	0	0,0	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Campestre	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Colônia Leopoldina	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	0,0
Ibateguara	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	0,0
Joaquim Gomes	0	0,0	1	100,0	0	0,0	1	100,0	0	0,0
Jundiá	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Murici	0	0,0	0	S/C	1	100,0	1	33,3	0	S/C
Novo Lino	1	100,0	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	0,0
Santana do Mundaú	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
São José da Laje	0	S/C	0	0,0	0	S/C	0	S/C	0	S/C
União dos Palmares	1	33,3	0	S/C	0	0,0	0	0,0	0	0,0

S/C – Sem caso notificado.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tétano Acidental

Ao longo dos anos o número de casos de tétano acidental vem reduzindo no Estado, consequentemente nas Regiões de Saúde. Nos últimos 6 anos não houve casos de tétano acidental na 3ª RS (Tabela 25).

Tabela 25 – Número de casos de tétano acidental, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	1	0	0	0	0	0	0
Branquinha	0	0	0	0	0	0	0
Campestre	0	0	0	0	0	0	0
Colônia Leopoldina	0	0	0	0	0	0	0
Ibateguara	0	0	0	0	0	0	0
Joaquim Gomes	0	0	0	0	0	0	0
Jundiá	0	0	0	0	0	0	0
Murici	0	0	0	0	0	0	0
Novo Lino	0	0	0	0	0	0	0
Santana do Mundaú	0	0	0	0	0	0	0
São José da Laje	0	0	0	0	0	0	0
União dos Palmares	1	0	0	0	0	0	0

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Meningites

Em 2013 o número de casos de meningites aumentou em relação ao ano anterior (Tabela 26). Em média, a letalidade é de 12,7%. Em relação ao sexo, 52,0% eram mulheres, já no que diz respeito a idade, 63,7% dos pacientes tinham menos de 15 anos.

Tabela 26 – Número de casos de meningite, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	18	16	15	15	16	6	16
Branquinha	2	1	2	0	1	0	0
Campestre	0	0	0	0	0	0	0
Colônia Leopoldina	2	0	0	0	1	1	0
Ibateguara	1	2	1	2	1	0	0
Joaquim Gomes	6	2	0	1	4	1	2
Jundiá	0	0	0	0	0	0	3
Murici	2	1	2	5	1	0	1
Novo Lino	0	3	2	0	0	1	0
Santana do Mundaú	1	1	1	0	0	0	1
São José da Laje	1	2	1	0	0	0	2
União dos Palmares	3	4	6	7	8	3	7

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Quando avaliamos por etiologia (Tabela 27), percebe-se que em torno de 63% dos casos são meningites bacterianas, destas, 35,4% foram classificadas como doença meningocócica.

Tabela 27 – Número de casos de meningite por etiologia, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

ETIOLOGIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
MCC	1	0	1	0	1	0	0
MM	1	2	0	4	2	1	0
MM+MCC	1	0	0	3	3	2	1
MTBC	0	0	0	0	0	0	0
MB	5	2	5	6	3	1	4
MNE	4	2	4	1	1	1	3
MV	6	4	2	0	3	1	4
MOE	0	0	0	0	1	0	0
MH	0	1	1	0	0	0	0
MP	0	5	2	1	2	0	4
Total	18	16	15	15	16	6	16

MCC – Meningococcemia; MM – Meningite Meningocócica; MM+MCC – Meningite Meningocócica com Meningococcemia; MTBC – Meningite Tuberculosa; MB – Meningite Bacteriana; MNE – Meningite não especificada; MV – Meningite Viral; MOE – Meningite por outras etiologias; MH – Meningite por Hemófilo; MP – Meningite Pneumocócica.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Em relação a doença meningocócica, o número de casos mantêm-se dentro do esperado (Tabela 28), a média da letalidade é de 13,0%. Em relação ao sexo, 56,5% eram mulheres, já no que diz respeito a idade, 43,5% dos pacientes tinham menos de 15 anos.

Tabela 28 – Número de casos de doença meningocócica, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	3	2	1	7	6	3	1
Branquinha	0	1	0	0	0	0	0
Campestre	0	0	0	0	0	0	0
Colônia Leopoldina	0	0	0	0	1	0	0
Ibateguara	0	1	0	0	0	0	0
Joaquim Gomes	2	0	0	0	0	0	0
Jundiá	0	0	0	0	0	0	0
Murici	0	0	0	2	0	0	0
Novo Lino	0	0	0	0	0	1	0
Santana do Mundaú	0	0	0	0	0	0	0
São José da Laje	0	0	0	0	0	0	0
União dos Palmares	1	0	1	5	5	2	1

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Hepatites virais

Dados de 2013 revelam que a 3ª RS confirmou 13 casos de hepatites, destes, 69,2% por sorologia. Dentre os casos, 61,5% são causados pelo vírus A (destes, 50,0% em menores de 15 anos), e 38,5% pelo B.

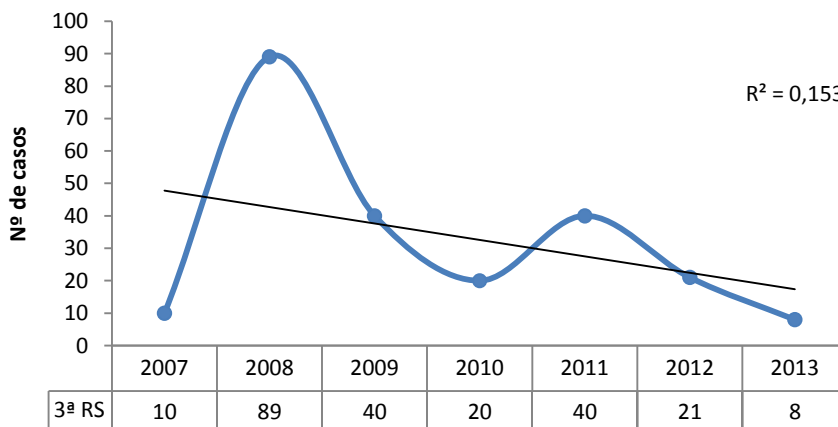
Em relação ao vírus A, cerca de 26% dos casos ocorreram em União dos Palmares (Tabela 29). Mesmo ocorrendo redução dos casos em relação a 2012, não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 18).

Tabela 29 – Número de casos de hepatite A, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	10	89	40	20	40	21	8
Branquinha	1	40	1	1	6	5	1
Campestre	0	0	0	0	0	0	0
Colônia Leopoldina	1	0	2	1	0	0	0
Ibateguara	0	9	5	0	2	4	0
Joaquim Gomes	1	2	0	2	3	0	0
Jundiá	0	0	0	0	0	1	0
Murici	1	3	1	10	20	0	0
Novo Lino	2	0	15	2	0	1	0
Santana do Mundaú	0	0	0	0	0	0	0
São José da Laje	3	16	1	2	0	3	1
União dos Palmares	1	19	15	2	9	7	6

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 18 – Tendência temporal do número de casos de hepatite A, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

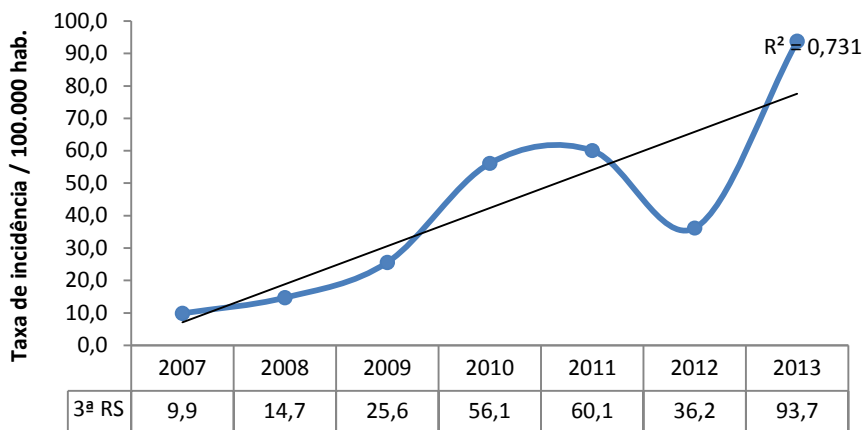
AGRAVOS A SAÚDE

Escorpionismo

No ano de 2013 foram notificados 210 acidentes escorpionícos na 3ª RS, o que representa uma taxa de incidência de 93,7 por 100.000 habitantes. Analisando a série histórica, percebe-se uma

tendência forte de aumento na taxa de incidência deste agravo (Figura 19). O município de São José da Laje foi o que mais contribuiu para esta situação na 3ª RS (Tabela 30).

Figura 19 – Tendência temporal da taxa de incidência dos acidentes escorpiônicos, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 30 – Número de acidentes escorpiônicos, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	19	32	56	120	129	78	210
Branquinha	7	3	6	14	7	5	12
Campestre	0	0	0	0	0	0	0
Colônia Leopoldina	1	2	9	14	17	10	3
Ibateguara	0	0	2	0	3	0	0
Joaquim Gomes	5	3	16	17	18	13	8
Jundiá	0	1	0	2	6	1	2
Murici	2	3	1	1	1	1	3
Novo Lino	1	0	0	0	3	2	1
Santana do Mundaú	0	0	1	4	0	2	9
São José da Laje	1	15	16	67	62	40	82
União dos Palmares	2	5	5	1	12	4	90

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Vale salientar que em média 93,5% dos acidentes registrados foram classificados como leves sendo registrado 1 óbito nos últimos 7 anos. O sexo feminino é o mais atingido com 60,6% dos casos e 61,6% destes acidentes são em pessoas na idade produtiva (27,7% na faixa etária de 20 a 29 anos).

Ofidismo

A 3ª RS apresenta em média 37 acidentes com serpentes na série analisada (Tabela 31), destes, em torno de 6,5% dos casos foram classificados como graves, não sendo registrado óbito. Vale

salientar que 70,9% dos casos são em pessoas na idade produtiva (37,8% na faixa etária de 20 a 29 anos) e 73,3% no sexo masculino.

Tabela 31 – Número de acidentes por serpentes, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	35	39	56	28	32	26	46
Branquinha	1	3	12	4	0	1	2
Campestre	0	0	0	0	0	0	0
Colônia Leopoldina	6	4	5	7	6	0	0
Ibateguara	2	4	2	0	3	2	2
Joaquim Gomes	12	3	8	2	5	10	5
Jundiá	1	3	1	0	1	0	0
Murici	5	12	6	3	0	5	7
Novo Lino	4	1	4	6	1	0	5
Santana do Mundaú	0	1	2	0	1	1	5
São José da Laje	2	6	6	1	7	4	14
União dos Palmares	2	2	10	5	8	3	6

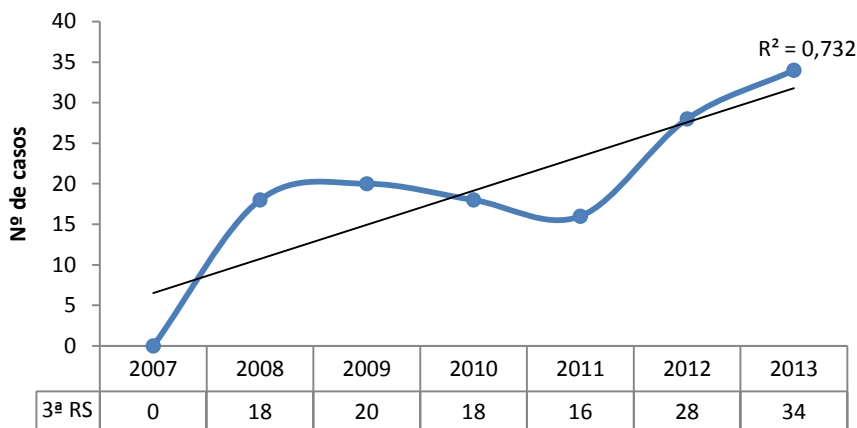
Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

DOENÇAS E AGRAVOS RELACIONADOS AO TRABALHO

Acidente de trabalho com exposição à material biológico

Em 2013 foram notificados na 3ª RS 34 acidentes de trabalho com exposição à material biológico, analisando a série, visualiza-se tendência forte no aumento do número de notificações (Figura 20 e Tabela 32).

Figura 20 – Tendência temporal das notificações de acidentes de trabalho com exposição a material biológico, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 32 – Número de notificações por acidente de trabalho com exposição a material biológico, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	20	18	16	28	34	20	18
Branquinha	0	0	3	0	1	0	0
Campestre	0	0	0	0	0	0	0
Colônia Leopoldina	0	1	2	1	0	0	1
Ibateguara	0	0	0	2	1	0	0
Joaquim Gomes	0	0	1	2	0	0	0
Jundiá	0	0	0	0	1	0	0
Murici	4	4	0	4	10	4	4
Novo Lino	0	0	2	2	2	0	0
Santana do Mundaú	0	0	0	1	4	0	0
São José da Laje	4	6	1	2	2	4	6
União dos Palmares	12	7	7	14	13	12	7

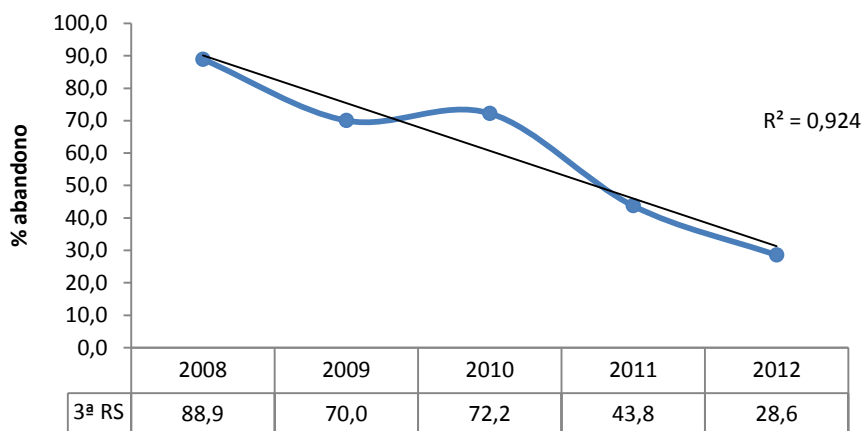
Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

A maioria dos profissionais acidentados era do sexo feminino, 77,6%; a faixa etária mais atingida foi a de 20-29 anos (30,6%), seguida pela de 30-39 (28,4%). Na categoria profissional, os mais atingidos foram os trabalhadores da área de enfermagem, 64,2%; seguidos pelos profissionais de serviço geral, 11,9%.

Nestes 7 anos, observa-se que 23,9% dos acidentes foram provocados pelo descarte inadequado de material pérfuro-cortante.

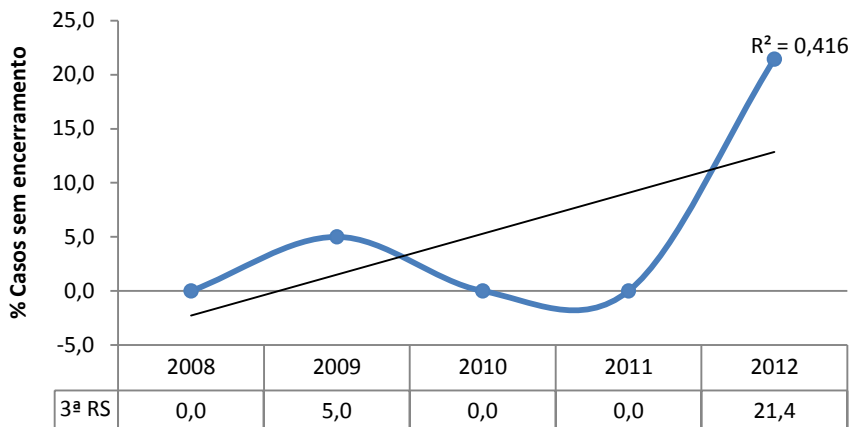
Em 2012 o percentual de abandono do acompanhamento dos casos foi de 28,6%. Verifica-se na série histórica tendência forte de queda no percentual de abandono (Figura 21). Porém, o percentual de casos não encerrados no sistema apresenta tendência fraca de aumento na série (Figura 22). Também em relação a evolução do caso, não se tem registros de abandono para casos com paciente fonte positivos para HIV, hepatite B e C.

Figura 21 – Percentual de abandono dos acidentes de trabalho com exposição a material biológico, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2012.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Figura 22 – Percentual de casos não encerrados de acidentes de trabalho com exposição a material biológico, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2012.

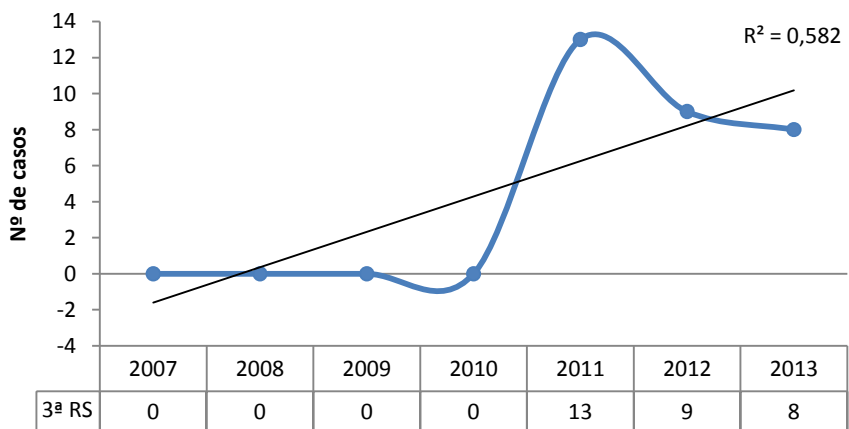


Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Acidente de trabalho grave

Em 2013 foram notificados na 3ª RS 8 acidentes de trabalho grave, analisando a série, visualiza-se tendência moderada de aumento no número de notificações (Figura 23 e Tabela 33).

Figura 23 – Tendência temporal das notificações de acidentes de trabalho grave, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Tabela 33 – Número de notificações por acidente de trabalho grave, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	0	0	0	0	13	9	8
Branquinha	0	0	0	0	1	1	0
Campestre	0	0	0	0	0	0	0
Colônia Leopoldina	0	0	0	0	2	1	1
Ibateguara	0	0	0	0	0	2	1
Joaquim Gomes	0	0	0	0	5	0	0
Jundiá	0	0	0	0	0	0	0
Murici	0	0	0	0	3	1	3
Novo Lino	0	0	0	0	0	0	0
Santana do Mundaú	0	0	0	0	1	0	0
São José da Laje	0	0	0	0	0	4	2
União dos Palmares	0	0	0	0	1	0	1

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Avaliando a evolução, percebe-se que o percentual de casos não encerrados é alto, chegando a 100% em alguns municípios ao longo dos anos (Tabela 34).

Tabela 34 – Percentual de casos de acidentes de trabalho grave não encerrados, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	S/C	S/C	S/C	S/C	84,6	66,7	37,5
Branquinha	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	100,0	S/C
Campestre	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Colônia Leopoldina	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	0,0	0,0
Ibateguara	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	50,0	100,0
Joaquim Gomes	S/C	S/C	S/C	S/C	60,0	S/C	S/C
Jundiá	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Murici	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	100,0	66,7
Novo Lino	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Santana do Mundaú	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C
São José da Laje	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	75,0	0,0
União dos Palmares	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	0,0

S/C – Sem caso notificado e/ou sem caso não encerrado.

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Nos 7 anos avaliados 93,3% dos acidentes foram no sexo masculino e os adultos jovens (20-39 anos) foram os mais atingidos com 60,0%. Ocorreram 3 óbitos o que corresponde a uma letalidade de 10,0%. A análise da variável ocupação ficou impossibilitada devido ao alto percentual de informações ignoradas.

Demais doenças e agravos relacionados ao trabalho

Apenas a título de conhecimento, o número de notificações das seguintes doenças e agravos nos últimos 5 anos é pequeno, o que torna inviável uma análise mais detalhada de cada um deles:

Intoxicação exógena, câncer relacionado ao trabalho, dermatose ocupacional, LER/DORT , PAIR, pneumoconiose e transtorno mental.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, SEXUAL E OUTRAS VIOLÊNCIAS

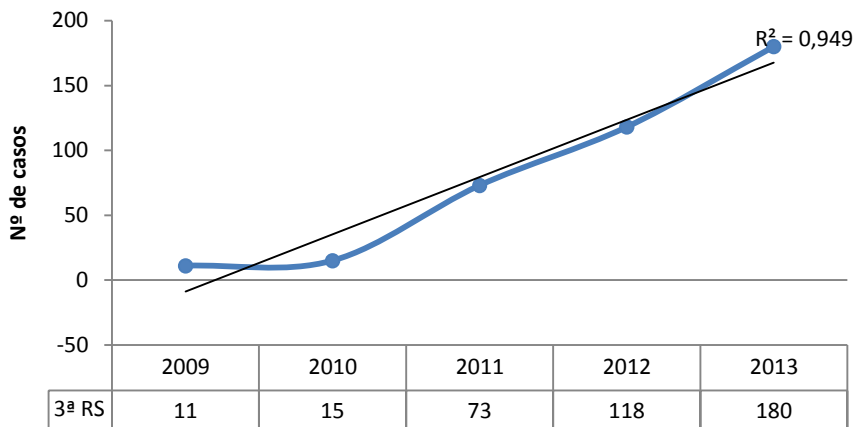
Na 3ª RS, de 2009 a 2013, foram notificados 397 casos de violência doméstica, sexual e/ou outras violências, sendo os municípios de São José da Laje e União dos Palmares os que apresentaram o maior número de casos (Tabela 35), visualiza-se tendência forte de aumento quanto ao número de notificações (Figura 24). Dentre as notificações foi relatada violência física em 86,9% dos casos; violência psicológica/moral, em 14,4%; tortura, em 2,0%; violência sexual, em 10,6%; violência financeira, em 0,3%; negligência/abandono, em 0,5%; trabalho infantil, em 0,0%; e outras violências, em 0,3%. Quanto ao sexo, 58,7% dos casos ocorreram em mulheres e em relação a faixa etária o maior percentual dos casos ocorreram na faixa etária de 15 a 19 anos (30,0%), seguido pela faixa de 20 a 29 anos (23,2%). Quanto ao local de ocorrência, a residência foi onde ocorreu a maioria dos casos.

Tabela 35 – Número de notificações por violência doméstica, sexual e/ou outras violências, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2013.

LOCALIDADE	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	11	15	73	118	180
Branquinha	0	1	2	4	10
Campestre	0	0	0	2	1
Colônia Leopoldina	0	2	12	8	12
Ibateguara	0	1	5	5	3
Joaquim Gomes	7	2	12	22	13
Jundiá	0	0	2	0	5
Murici	1	1	11	23	17
Novo Lino	1	0	0	2	4
Santana do Mundaú	0	0	7	6	5
São José da Laje	1	1	10	24	61
União dos Palmares	1	7	12	22	49

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014
– sujeitos à revisão.

Figura 24 – Tendência temporal das notificações de violência doméstica, sexual e/ou outras violências, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2013.



Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

Avaliando as 345 notificações por violência física nos últimos 5 anos, em 42,0% dos casos foi relatado espancamento; em 1,2% enforcamento; em 6,1% objeto contundente; em 17,1% objeto perfuro cortante; em 0,6% queimadura; em 7,2% envenenamento; e em 25,5% arma de fogo. Quanto ao sexo, 55,4% dos casos ocorreram em mulheres e em relação a faixa etária o maior percentual dos casos ocorreram na faixa etária de 15 a 19 anos (31,6%), seguido pela faixa de 20 a 29 anos (22,3%). Quanto ao local de ocorrência, a residência foi onde ocorreu a maioria dos casos. Os municípios de São José da Laje e União dos Palmares foram os que apresentaram o maior número de casos (Tabela 36).

Tabela 36 – Número de notificações por violência física, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2013.

LOCALIDADE	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	7	14	57	102	165
Branquinha	0	1	2	2	10
Campestre	0	0	0	2	1
Colônia Leopoldina	0	2	7	8	9
Ibateguara	0	1	4	5	3
Joaquim Gomes	3	1	10	16	12
Jundiá	0	0	2	0	2
Murici	1	1	9	21	13
Novo Lino	1	0	0	2	3
Santana do Mundaú	0	0	3	6	5
São José da Laje	1	1	10	23	61
União dos Palmares	1	7	10	17	46

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014 – sujeitos à revisão.

No tocante as 42 notificações por violência sexual nos últimos 5 anos, em 64,3% dos casos foi relatado estupro; em 31,0% assédio sexual; em 19,0% atentado violento ao pudor; em 14,2%

exploração sexual; e em 4,8% pornografia infantil. Quanto ao sexo, 92,9% dos casos ocorreram em mulheres e em relação a faixa etária o maior percentual dos casos ocorreram na faixa etária de 10 a 14 anos e 20 a 29 anos cada uma com 28,6%, seguido pela faixa de 15 a 19 anos (21,4%). Quanto ao local de ocorrência, a residência e via pública foi onde ocorreu a maioria dos casos. O município de Joaquim Gomes foi o que apresentou o maior número de casos (Tabela 37).

Tabela 37 – Número de notificações por violência sexual, 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2013.

LOCALIDADE	2009	2010	2011	2012	2013
3ª Região de Saúde	9	2	13	8	10
Branquinha	0	0	0	1	0
Campestre	0	0	0	0	0
Colônia Leopoldina	0	0	5	0	0
Ibateguara	0	0	1	0	0
Joaquim Gomes	7	1	0	2	2
Jundiá	0	0	0	0	1
Murici	1	1	1	0	2
Novo Lino	0	0	0	0	1
Santana do Mundaú	0	0	4	1	0
São José da Laje	1	0	0	1	1
União dos Palmares	0	0	2	3	3

Fonte: SINAN NET/DIASS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 23/06/2014
– sujeitos à revisão.

VACINAÇÃO

Em 2013, na 3ª RS, a cobertura vacinal de rotina para o primeiro ano de vida está de acordo com as metas preconizadas pelo Ministério da Saúde (Tetralente, Pentavalente, Pneumocócica, Meningococo C, Hepatite B, Tríplice Viral e Pólio – $\geq 95\%$; BCG e Rotavírus – $\geq 90\%$) para: BCG (92,7%) e Tríplice Viral (111,3%). Para as vacinas Tetralente (82,7%), Rotavírus (77,5%), Pneumococo (81,5%), Pentavalente (78,3%) Hepatite B (81,4%), Meningococo C (90,7%) e Pólio (89,2%), há necessidade de intensificação das ações de vacinação visando melhorar a cobertura. No segundo semestre de 2012, a vacina combinada Tetralente (DTP/Hib) foi substituída pela combinação Pentavalente (DTP/Hib/HB) fato que influenciou no resultado da cobertura destes dois imunobiológicos para 2012.

Ressalta-se, no período avaliado, que a meta para a vacina contra Rotavírus não foi atingida em nenhum dos anos (Tabela 38). Na Tabela 39, é mostrada a cobertura por imunobiológico de cada município da RS, ressalta-se o alcance da meta para todos os imunobiológicos por Ibateguara e Jundiá.

Tabela 38 – Cobertura vacinal por Imunobiológico dos residentes na 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2013.

Imunobiológico	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
BCG	113,1	123,7	123,3	111,4	121,7	100,6	92,7
Hepatite B	96,1	100,2	107,3	93,4	101,5	96,3	81,4
Rotavírus Humano	63,2	73,5	83,2	68,6	72,4	82,5	77,5
Pneumocócica 10V	...	...	...	5,0	56,5	85,8	81,5
Meningococo C	...	...	...	2,5	76,9	95,4	90,7
Penta	...	...	...	...	...	21,7	78,3
Tríplice Viral D1	105,9	111,3	113,1	89,2	101,1	96,1	111,3
Poliomielite	112,2	108,0	116,2	98,7	105,0	96,3	89,2
Tetra	100,2	106,1	112,3	99,5	103,6	89,4	82,7

Fonte: DATASUS - Dados tabulados em 23/06/2014.

Tabela 39 – Cobertura vacinal por Região de Saúde e Imunobiológico dos residentes na 3ª Região de Saúde, Alagoas, 2013.

LOCALIDADE	BCG	Hepatite B	Rotavírus humano	Pneumo-cócica	Menin-gococo C	Penta	Tríplice Viral	Polio	Tetra
3ª Região de Saúde	92,7	81,4	77,5	81,5	90,7	78,3	111,3	89,2	82,7
Branquinha	86,7	114,3	107,6	103,8	107,6	114,3	105,7	102,9	114,3
Campestre	86,6	128,4	100,0	114,9	114,9	125,4	150,8	116,4	125,4
Colônia Leopoldina	49,0	78,2	60,2	86,4	89,8	76,7	113,6	83,5	79,6
Ibateguara	115,9	113,8	94,2	105,8	105,8	103,6	139,9	119,6	103,6
Joaquim Gomes	57,3	43,6	68,0	61,8	68,9	43,6	94,2	48,0	68,9
Jundiá	135,7	128,6	150,0	100,0	132,1	128,6	182,1	164,3	128,6
Murici	90,8	101,4	89,0	90,8	96,5	96,5	87,9	96,5	96,5
Novo Lino	56,4	121,3	92,6	102,1	117,0	119,2	126,6	106,4	119,2
Santana do Mundaú	70,0	74,4	48,9	64,4	58,9	73,3	86,7	77,8	73,3
São José da Laje	95,4	86,1	85,6	86,6	105,7	86,1	110,3	94,3	86,1
União dos Palmares	123,0	60,8	66,4	67,3	81,8	56,7	115,9	84,9	60,8

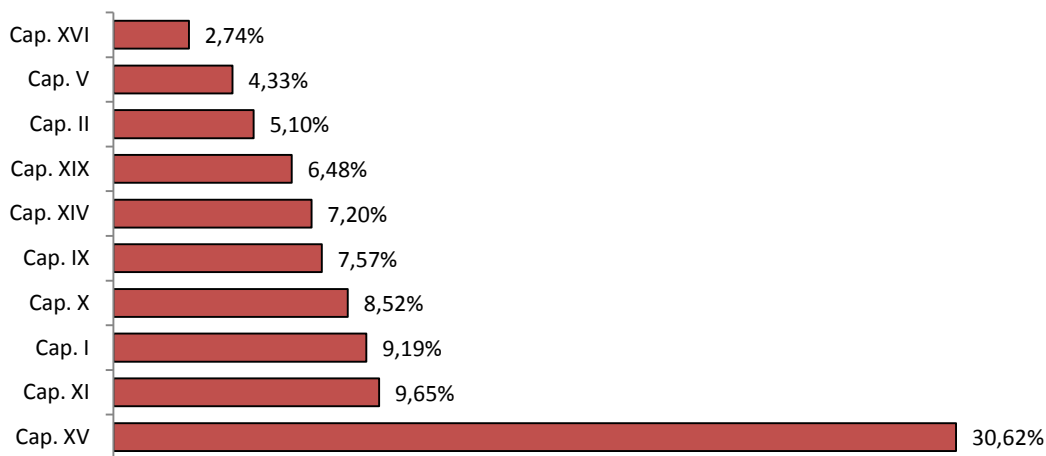
Fonte: DATASUS - Dados tabulados em 23/06/2014.



MORBIDADE HOSPITALAR

Considerando as Autorizações de Internação Hospitalar (AIH) pagas, de residentes na 3ª Região de Saúde (RS), cujas internações ocorreram em qualquer localidade de Alagoas em 2013, verifica-se que as causas mais frequentes de internação foram aquelas codificadas no Capítulo XV (Gravidez, Parto e Puerpério) (3.425; 30,62%), seguidas dos Capítulos XI (Doenças do Aparelho Digestivo) (1.080; 9,65%) e I (Doenças Infecciosas e Parasitárias) (1.028; 9,19%) (Figura 01).

Figura 01 – Proporção de internações hospitalares de residentes na 3ª RS, ocorridas em Alagoas entre 2007 e 2013, segundo principais grupos de causas (Cap. CID-10) de internação.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Quando analisado o número médio de internações hospitalares do SUS para cada grupo de 100 habitantes, observa-se uma piora ao longo do tempo da cobertura de internações na Região de Saúde. As coberturas existentes no ano de 2013, dos municípios de Branquinha, Campestre, Joaquim Gomes, Jundiá, Santana do Mundaú, São José da Laje e União dos Palmares são as menores em toda a série histórica desses municípios (Tabela 01). Além disso, os residentes em Campestre são os que possuem menor cobertura de internações em todo o Estado de Alagoas.

Analisando todo o período (2007 a 2013), verifica-se que o volume de internações entre os residentes da 3ª RS vem caindo -4,16% ao ano. Esse mesmo panorama é observado em todos os municípios da região, exceto em Murici e Novo Lino, onde existe pequeno aumento médio (0,33% e 0,69%, respectivamente) (Figura 02). Ainda em relação à variação percentual, o município de Campestre é o que mais reduz as internações no período (-11,17% ao ano, em média) (Figura 02).

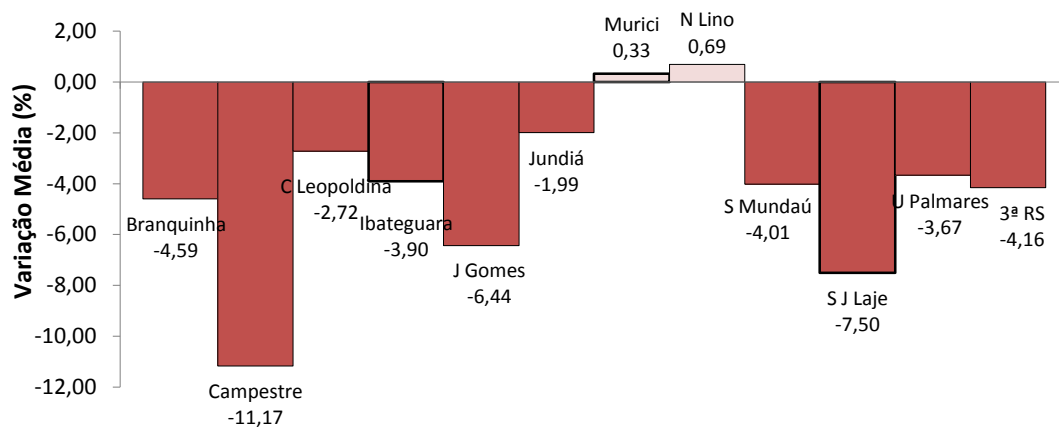
Considerando apenas o ano de 2013, em relação a 2012, Jundiá, Branquinha e Campestre reduzem o volume de internações, enquanto que Colônia Leopoldina, Murici e Ibateguara ampliam o acesso às internações, especialmente entre os residentes de Colônia Leopoldina (37,18%) (Figura 03). Ainda considerando o ano de 2013, a região tem redução de -0,62%, destacando-se ainda que de 2007 a 2013, somente entre 2008/2009 houve aumento nas internações, sinalizando para uma maior necessidade de organização do SUS na região.

Tabela 01 – Número de internações hospitalares (SUS) (por 100 habitantes), segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª RS	7,6	6,6	6,8	6,3	6,2	5,2	5,0
Branquinha	5,8	6,0	6,5	5,4	6,1	6,4	5,2
Campestre	2,7	1,0	1,0	1,1	1,0	0,8	0,7
Colônia Leopoldina	4,1	3,4	3,8	3,8	2,8	1,9	2,5
Ibateguara	6,6	5,9	5,9	5,5	5,5	4,6	4,7
Joaquim Gomes	10,7	8,5	8,9	8,0	7,0	6,0	5,7
Jundiá	4,6	3,8	3,6	3,7	3,7	4,1	3,2
Murici	9,5	7,0	7,6	7,9	7,4	6,4	7,1
Novo Lino	7,9	4,9	4,3	4,5	4,5	4,5	4,4
Santana do Mundaú	5,3	5,3	5,3	5,1	5,0	4,3	4,1
São José da Laje	10,6	8,9	8,1	7,5	7,7	5,9	5,5
União dos Palmares	7,5	7,6	8,0	7,0	7,4	6,0	5,3

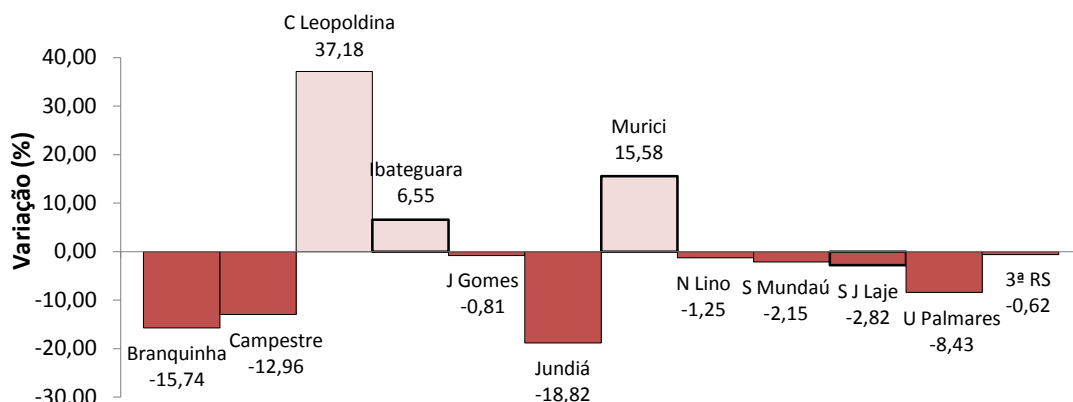
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 02 – Variação proporcional média das internações hospitalares realizadas em residentes da 3ª Região de Saúde, entre 2007 e 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 03 – Variação proporcional das internações hospitalares realizadas em residentes da 3ª Região de Saúde, entre 2012 e 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Ao analisar as internações de alagoanos residentes na 3ª RS, nos Estados limítrofes – Bahia, Pernambuco e Sergipe –, em todo o período avaliado, verifica-se que, as aquelas realizadas na Bahia e em Sergipe são inexpressivas. Já em Pernambuco, os residentes na região correspondem a 28,00% das internações de alagoanos naquele Estado, com predominância dos municípios de Colônia Leopoldina (37,79%), Jundiá (19,41%), Campestre (17,90%) e Novo Lino (16,22%). Vale frisar que mesmo associando as internações realizadas em Alagoas e as invasões em Pernambuco, Campestre possui a menor cobertura de internações da região.

INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS À ATENÇÃO PRIMÁRIA (ICSAP)

Entre 2007 e 2013, se observa, para a região, uma considerável melhora quanto às internações por condições que a Atenção Primária à Saúde (APS) tem competência para resolver, sendo este um importante indicador de melhoria da sua qualidade.

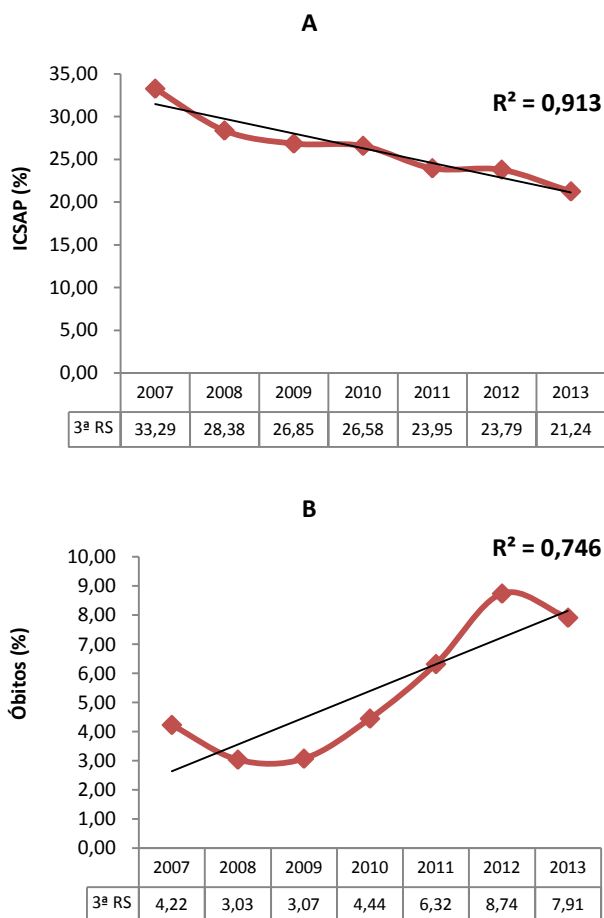
Assim, observa-se que em 2007, 33,29% das internações ocorridas entre residentes da 3ª RS eram por ICSAP, reduzindo para 21,24% em 2013, e com forte tendência de melhora ($R^2=0,913$) (Figura 04-A). Analisando-se cada município, verifica-se que os únicos que apresentam tendências de queda são Joaquim Gomes ($R^2=0,733$), Murici ($R^2=0,963$), Santana do Mundaú ($R^2=0,593$), São José da Laje ($R^2=0,853$) e União dos Palmares ($R^2=0,679$) (Tabela 02).

Observa-se ainda uma tendência de aumento quanto às altas hospitalares dessas internações por óbito, uma vez que a proporção aumenta de 4,22% (2007) para 7,91% (2013), sugerindo que a APS não tem sido eficaz em reduzir as complicações relacionadas às ICSAP ou ainda referenciando tardiamente os casos que demandam níveis mais complexos de Atenção (Figura 04-B). Entre os municípios, apresentam tendências significativas de aumento nas altas por óbito, aqueles residentes em Campestre, Colônia Leopoldina, Joaquim Gomes, Novo Lino e União dos Palmares, com destaque negativo para Campestre, onde 25,00% das internações por ICSAP evoluem para óbitos (Tabela 03).

Em 2013, os principais grupos de ICSAP que ocasionaram internações dos residentes da 3ª RS foram as Gastroenterites Infecciosas (31,06%), a Insuficiência Cardíaca (15,76%) e as Doenças Cerebrovasculares (10,57%) (Figura 05).

Analisando-se as internações segundo faixas etárias e sexos, observa-se que os homens são maioria em todos os anos, exceto em 2010 (Figura 06). As maiores proporções ocorrem entre crianças e idosos de ambos os sexos, enquanto que na fase adulta há maior proporção entre as mulheres. Destaque-se que em 2007 a maioria das internações por ICSAP ocorria entre crianças de até 04 anos de idade, de ambos os sexos, enquanto que em 2013 as maiores proporções estão concentradas nos idosos de ambos os sexos (Figura 07-A e B).

Figura 04 – Tendência temporal das internações (A) e das altas por óbito (B), nas Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP). 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 02 – Proporção e tendência temporal de Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP), segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Tendência	R ²
3ª RS	33,29	28,38	26,85	26,58	23,95	23,79	21,24	Redução	0,913
Branquinha	24,91	14,92	20,49	15,44	16,09	14,22	16,04	-	0,418
Campestre	31,03	7,69	22,64	16,13	24,59	11,63	19,51	-	0,057
Colônia Leopoldina	51,63	26,72	29,64	19,54	24,77	23,10	24,27	-	0,465
Ibateguara	16,16	11,02	12,24	10,60	11,71	15,13	10,47	-	0,101
Joaquim Gomes	42,89	38,40	38,03	33,41	31,54	36,33	29,46	Redução	0,733
Jundiá	69,77	23,40	22,46	29,29	22,38	28,37	20,00	-	0,377
Murici	36,96	35,99	34,08	31,11	29,11	29,39	26,61	Redução	0,963
Novo Lino	30,99	13,81	16,25	23,18	20,58	17,40	17,66	-	0,147
Santana do Mundaú	17,78	16,12	13,89	16,83	10,72	14,16	10,88	Redução	0,593
São José da Laje	46,14	47,97	43,44	41,01	41,30	32,41	26,39	Redução	0,853
União dos Palmares	24,24	21,88	19,46	22,69	17,21	18,68	17,33	Redução	0,679

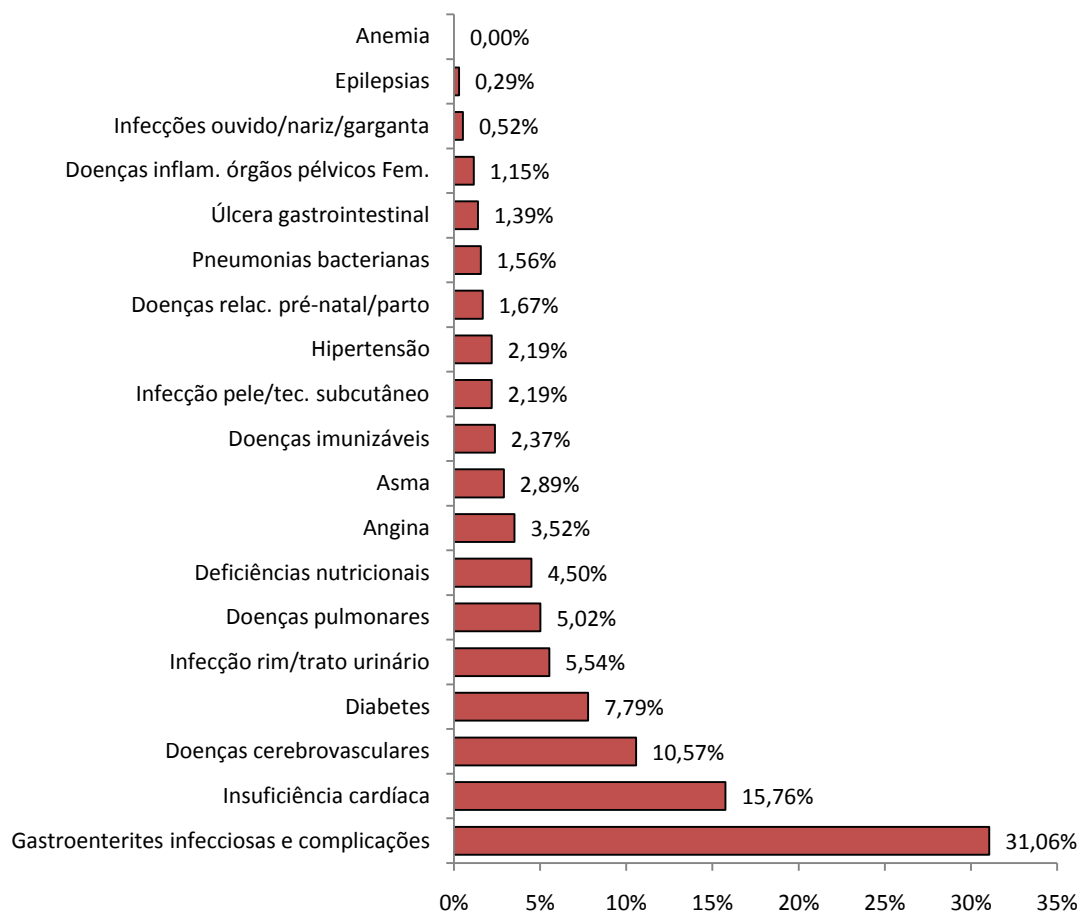
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 03 – Proporção e tendência temporal de alta por óbito, entre as Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP), segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Tendência	R ²
3ª RS	4,22	3,03	3,07	4,44	6,32	8,74	7,91	Aumento	0,746
Branquinha	6,99	6,17	2,38	8,20	8,57	9,68	9,38	-	0,389
Campestre	0,00	0,00	8,33	10,00	13,33	40,00	25,00	Aumento	0,738
Colônia Leopoldina	3,88	9,17	2,58	5,83	10,09	21,43	13,25	Aumento	0,517
Ibateguara	8,41	4,35	1,23	12,07	15,28	8,11	13,73	-	0,325
Joaquim Gomes	2,29	1,28	1,72	4,30	4,46	4,57	4,38	Aumento	0,681
Jundiá	10,00	3,03	3,23	4,88	6,25	5,00	9,52	-	0,023
Murici	5,35	3,62	2,38	2,90	5,50	7,07	7,50	-	0,402
Novo Lino	2,52	1,61	5,63	6,48	6,06	15,19	7,79	Aumento	0,570
Santana do Mundaú	2,90	7,25	6,15	7,46	17,50	8,33	11,11	-	0,408
São José da Laje	2,06	1,88	2,22	2,95	3,88	7,89	2,73	-	0,332
União dos Palmares	6,36	3,48	5,11	4,89	7,48	10,82	11,16	Aumento	0,667

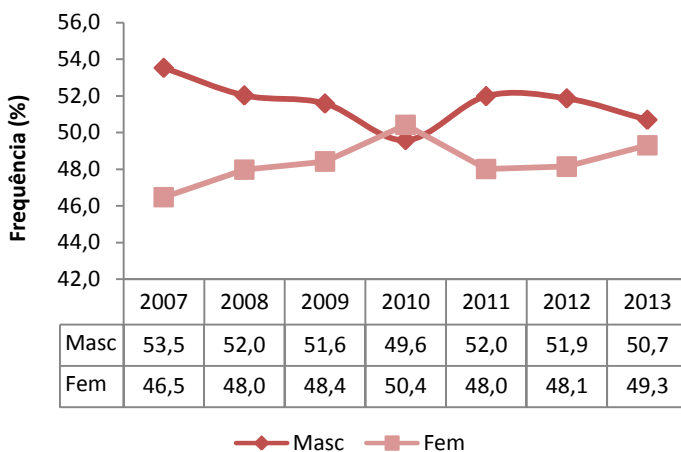
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 05 – Frequências de Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP), segundo grupos de doenças. 3ª Região de Saúde, 2013.



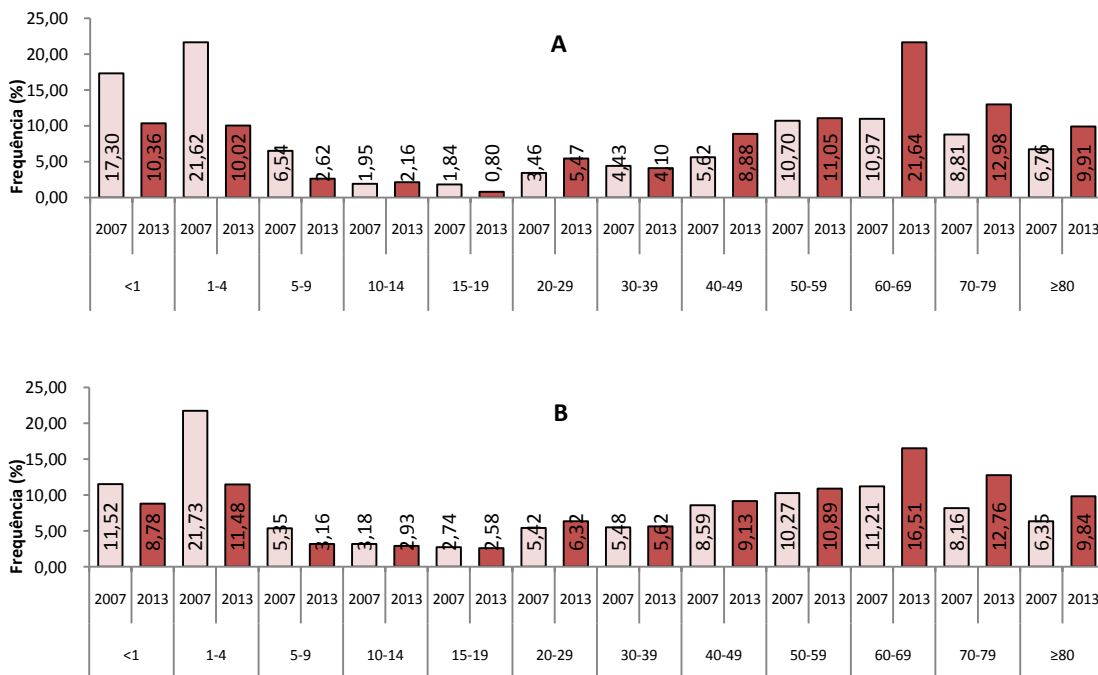
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 06 – Internações por ICSAP segundo sexos, entre os residentes da 3ª Região de Saúde, nos anos de 2007 a 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 07 – Internações por ICSAP segundo sexos (A – Masculino; B – Feminino) e faixas etárias, entre os residentes da 3ª RS, nos anos de 2007 e 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

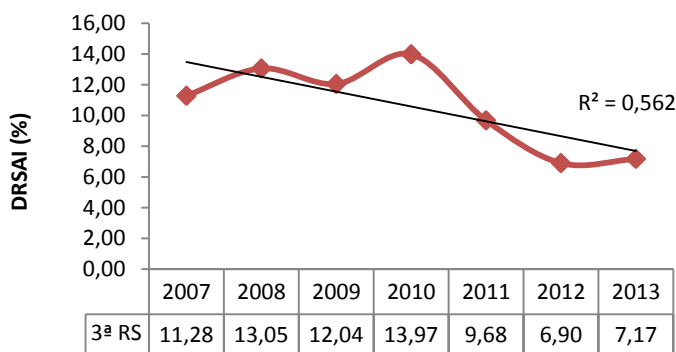
DOENÇAS RELACIONADAS AO SANEAMENTO AMBIENTAL INADEQUADO (DRSAI)

Várias doenças guardam relação direta com o saneamento ambiental, compreendendo-se que podem ocorrer DRSAI sem haver demanda por internação, além de sub-registros. Além disso, é importante destacar que o presente indicador é resultado de um conceito mais amplo de saneamento, não sendo restrito ao saneamento básico, mas abrangendo vários outros aspectos, tais como o controle de doenças transmissíveis, incluindo o controle de vetores e a disciplina quanto ao uso e ocupação do solo.

Assim, consideraram-se cinco grupos de doenças para a composição do indicador DRSAI: doenças de transmissão orofecal (A00-A01; A02-A04; A06-A09; B15); doenças transmitidas por vetores (A90-A91; A95; B50-B55; B57; B74); doenças transmitidas por meio do contato com a água (A27; B65); doenças relacionadas com a higiene (A71; B35-B36; H10); e, geohelmintíases e teníases (B67-B69; B71; B76-B83). Da mesma forma que as Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP), para o cálculo das DRSAI foram desconsideradas todas as internações para a realização de partos, uma vez que tal situação constitui-se em um desfecho natural do processo gestacional.

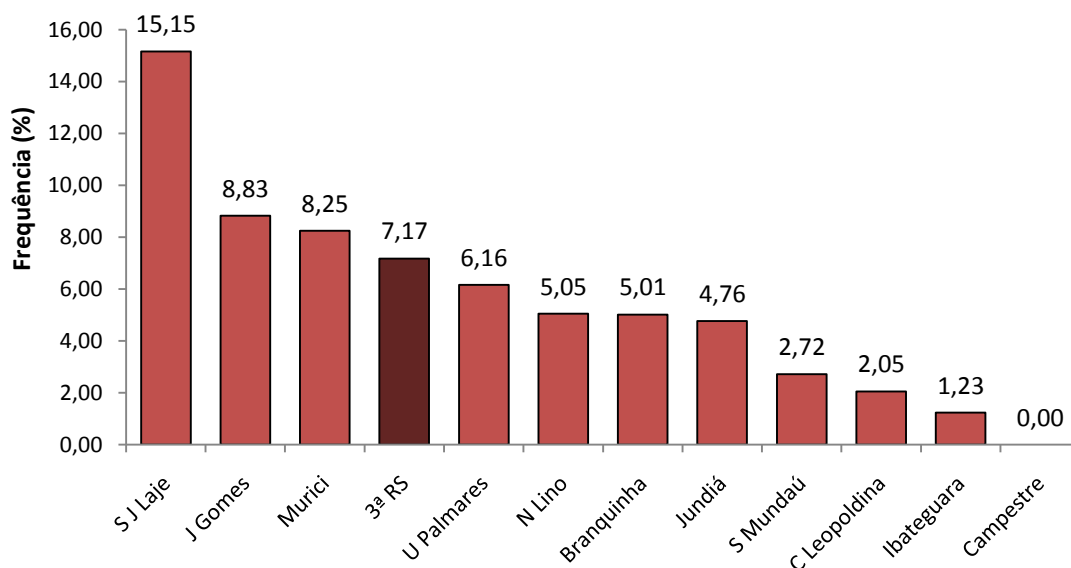
A proporção de internações por DRSAI da 3ª RS em 2013 (7,17%) é a quinta maior do estado, inclusive com percentual maior que o observado para Alagoas, no entanto, as frequências reduzem anualmente, e com tendência de queda ($R^2=0,562$), apesar do aumento verificado entre 2012 e 2013 (Figura 08). São José da Laje (15,15%), Joaquim Gomes (8,83%) e Murici (8,25%) são os municípios que possuem maiores proporções de internações por DRSAI, em 2013 (Figura 09). Vale ainda destacar as importantes reduções observadas para Ibateguara, Joaquim Gomes e Santana do Mundaú (Tabela 04). Tendências significativas de redução são existentes em Branquinha, Campestre, Ibateguara, Joaquim Gomes e Santana do Mundaú (Tabela 04). A redução observada para Campestre, culminando com a inexistência de internações por DRSAI em 2013 deve estar relacionada à redução de internações em geral para seus municípios, conforme já demonstrado.

Figura 08 – Tendência temporal das internações por Doenças Relacionadas ao Saneamento Ambiental Inadequado (DRSAI). 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 09 – Proporção de internações por Doenças Relacionadas ao Saneamento Ambiental Inadequado (DRSAI), segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 04 – Proporção e tendência temporal de internações por Doenças Relacionadas ao Saneamento Ambiental Inadequado (DRSAI), segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Tendência	R ²
3ª RS	11,28	13,05	12,04	13,97	9,68	6,90	7,17	Redução	0,562
Branquinha	10,45	8,66	8,78	7,09	3,91	4,13	5,01	Redução	0,828
Campestre	13,79	3,85	7,55	3,23	4,92	2,33	0,00	Redução	0,656
Colônia Leopoldina	10,53	7,35	5,74	10,42	13,18	1,65	2,05	-	0,264
Ibateguara	3,78	3,99	3,63	2,19	2,28	2,66	1,23	Redução	0,785
Joaquim Gomes	14,75	17,79	14,89	12,86	10,02	9,08	8,83	Redução	0,817
Jundiá	33,72	6,38	9,42	6,43	1,40	4,96	4,76	-	0,477
Murici	10,67	17,11	17,27	21,38	17,62	13,02	8,25	-	0,065
Novo Lino	10,42	6,68	8,24	12,02	6,03	4,85	5,05	-	0,381
Santana do Mundaú	8,25	8,64	5,98	5,78	3,75	4,42	2,72	Redução	0,898
São José da Laje	16,25	17,77	18,90	17,75	14,93	8,08	15,15	-	0,325
União dos Palmares	8,84	12,23	10,45	14,41	7,32	5,43	6,16	-	0,338

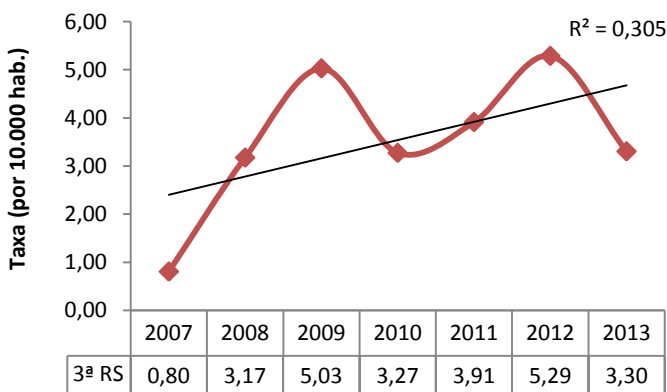
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

DOENÇAS E AGRAVOS RELACIONADOS AO TRABALHO (DART)

Foram consideradas, para análise, as dermatoses (L98), as pneumoconioses (J60-J64) e os efeitos tóxicos de substâncias de origem predominantemente não-medicinal (T51-T65), sendo calculadas taxas de internação. É importante destacar que essas doenças/agravos podem não estar relacionados ao trabalho, entretanto, sinaliza para uma eventual necessidade de maior articulação com as unidades hospitalares, no sentido de detectar e esclarecer, por meio de investigação epidemiológica, a sua relação com a atividade laboral.

No período (2007 a 2013), foram realizadas 538 internações de residentes na 3ª RS por tais doenças/agravos, iniciando uma tendência de crescimento, porém não significativa ($R^2=0,305$) (Figura 10). Entre os municípios, há tendência de redução, inclusive com inexistência de casos internados desde 2009, entre residentes de Campestre ($R^2=0,628$) e tendência de aumento em União dos Palmares ($R^2=0,565$) (Tabela 05). Considerando o ano de 2013, as taxas de internação de Branquinha e União dos Palmares são as mais acentuadas da região (7,39/10.000 hab. e 6,41/10.000 hab., respectivamente).

Figura 10 – Tendência temporal das taxas de internação por Doenças e Agravos Relacionados ao Trabalho (DART). 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 05 – Taxas de internação e tendência temporal de internações por Doenças e Agravos Relacionados ao Trabalho (DART), segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.

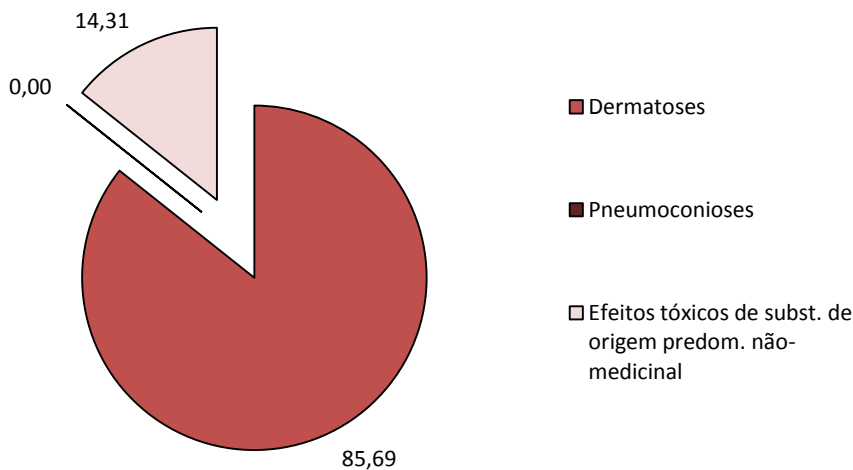
LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Tendência	R ²
3ª RS	0,80	3,17	5,03	3,27	3,91	5,29	3,30	-	0,305
Branquinha	0,85	1,65	23,74	21,73	6,65	21,01	7,39	-	0,102
Campestre	1,66	1,62	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	Redução	0,628
Colônia Leopoldina	0,52	0,50	0,99	1,50	0,00	0,00	0,00	-	0,225
Ibateguara	0,65	1,90	3,15	0,00	0,00	0,00	2,54	-	0,005
Joaquim Gomes	2,30	0,45	1,78	0,44	0,88	0,00	0,84	-	0,345
Jundiá	2,19	2,13	0,00	0,00	2,40	4,83	0,00	-	0,002
Murici	0,77	13,09	4,46	3,74	1,12	1,48	2,13	-	0,162
Novo Lino	1,68	0,82	1,61	2,49	2,46	8,13	2,40	-	0,314
Santana do Mundaú	0,86	1,67	3,32	2,74	10,11	1,85	1,80	-	0,059
São José da Laje	0,45	2,62	2,16	1,76	1,32	1,31	2,94	-	0,130
União dos Palmares	0,16	2,56	7,49	3,69	8,62	11,28	6,41	Aumento	0,565

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

A imensa maioria das internações é decorrente das dermatoses (85,69%) (Figura 11), totalizando 461 internações em todo o período analisado. As internações por pneumoconioses – enquanto diagnóstico para emissão da Autorização de Internação Hospitalar (AIH) – são inexistentes.

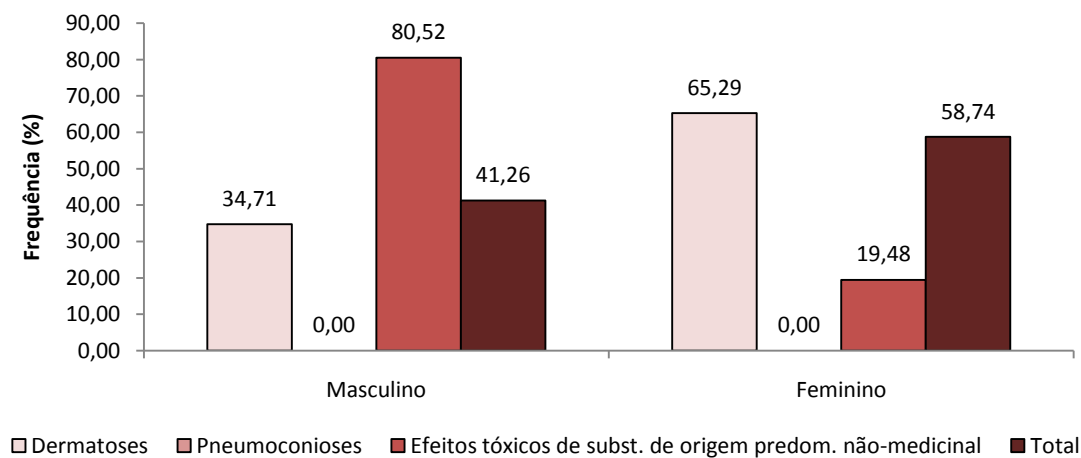
As mulheres são maioria (58,74%) considerando-se todas as DART, inclusive, ao estratificar cada doença/agravo, percebe-se que as mulheres também são maioria entre as dermatoses (65,29%), enquanto que os homens são maioria entre os casos de intoxicações (80,52%) (Figura 12). Considerando ainda as faixas etárias, para as dermatoses, as mulheres são mais frequentes apenas dos 20 aos 49 anos (Figura 13). As intoxicações ocorrem predominantemente entre crianças, adolescentes e adultos jovens, com maior intensidade entre homens de 20 a 39 anos e entre meninas, o pico ocorre entre 10 e 14 anos (Figura 14), podendo ser decorrente de acidentes domésticos, trabalho infantil ou ainda envolvendo animais peçonhentos.

Figura 11 – Proporção de internações por Doenças e Agravos Relacionados ao Trabalho (DART), segundo doença/agravo. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



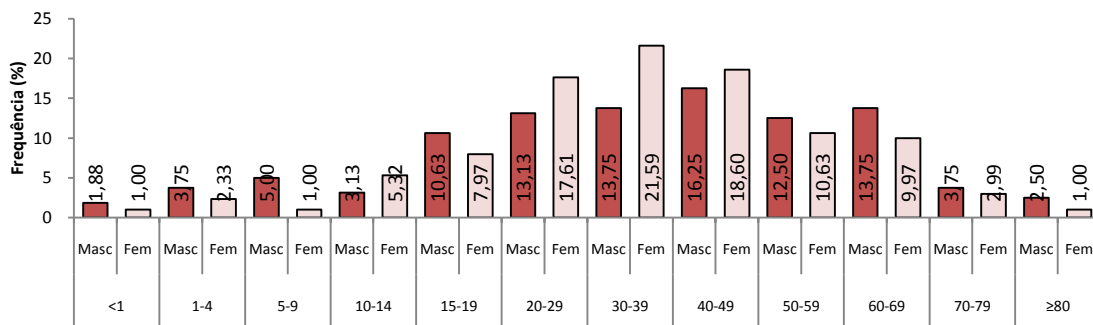
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 12 – Proporção de internações por Doenças e Agravos Relacionados ao Trabalho (DART), segundo doença/agravo, estratificado por sexos. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



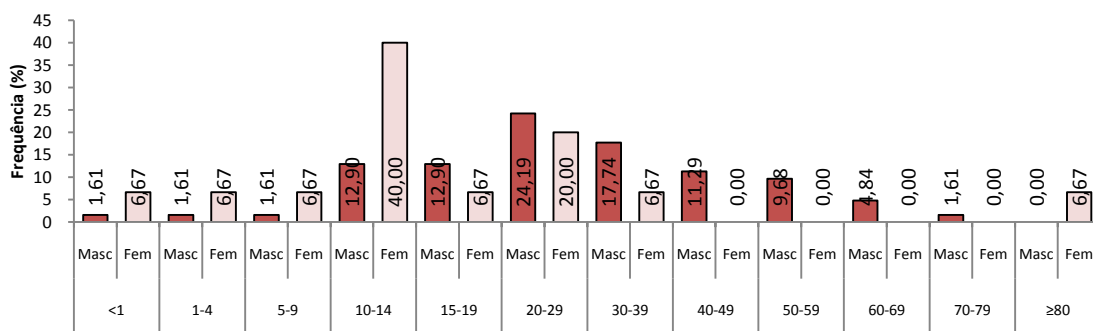
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 13 – Internações por Dermatoses segundo sexos e faixas etárias, entre os residentes da 3ª Região de Saúde, nos anos de 2007 e 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 14 – Internações por Intoxicações segundo sexos e faixas etárias, entre os residentes da 3ª Região de Saúde, nos anos de 2007 e 2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS (DCNT)

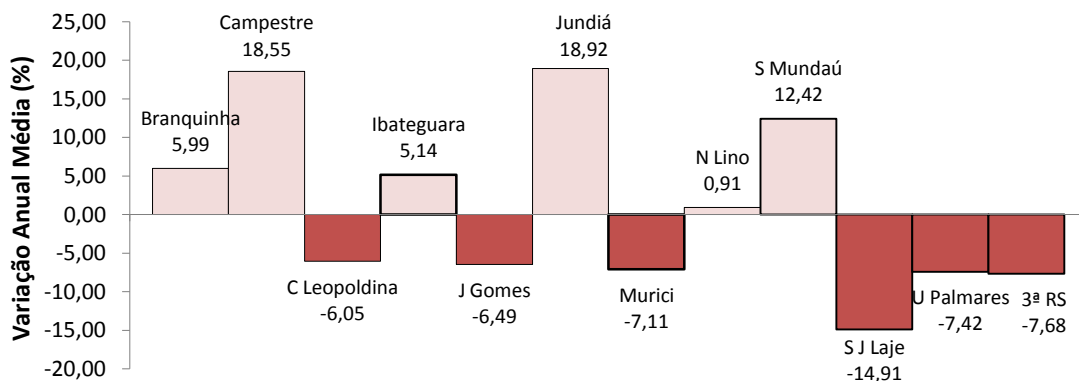
Para a análise das internações por algumas DCNT, foram calculadas taxas de internação e foram selecionadas as doenças cerebrovasculares (I60-I69), o diabetes (E10-E14), a hipertensão primária (I10), as doenças isquêmicas do coração (I20-I25), os cânceres (C00-C76; C80-C97; D45-D47), as doenças crônicas das vias aéreas inferiores (J40-J47) e os transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de substância psicoativa (F10-F19). Além disso, foram desconsideradas as internações para a realização de partos.

Analisando-se a dinâmica das internações por DNCT entre os residentes da 3ª RS, verifica-se redução média de -7,68% nas taxas de internação, no período analisado (2007 a 2013), apresentando uma taxa de 37,27/10.000 hab. em 2013, entretanto, os municípios de Branquinha, Campestre,

Ibateguara, Jundiá, Novo Lino e Santana do Mundaú apresentam variações positivas (aumentos) (Figura 15).

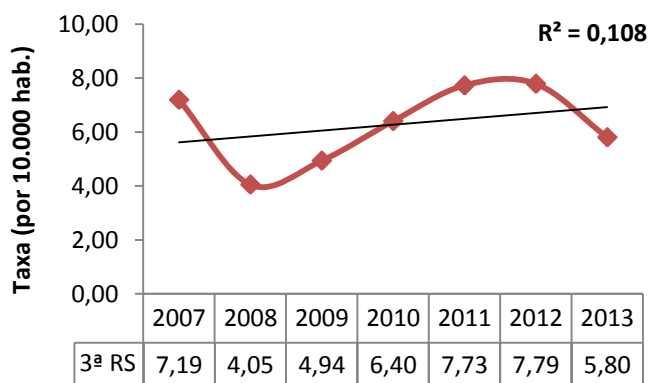
Ao desagregar as DCNT segundo doenças selecionadas, observa-se aumento médio anual de apenas 0,66% nas taxas de internação por doenças cerebrovasculares, não havendo, ainda, significância estatística quanto à tendência de aumento (Figura 16). Também ocorre aumento médio em todos os municípios da região, com exceção de Campestre, Ibateguara, Murici e Santana do Mundaú, que possuem, em média, reduções no período (Tabela 06).

Figura 15 – Variação proporcional média das internações por Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 16 – Tendência temporal das internações por Doenças Cerebrovasculares. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

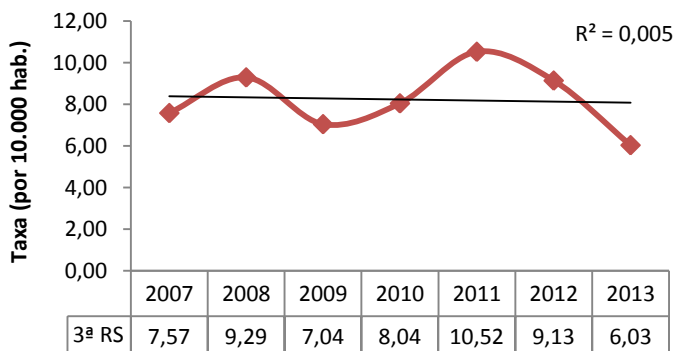
Tabela 06 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Doenças Cerebrovasculares, segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIAÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R ²
3ª RS	7,19	4,05	4,94	6,40	7,73	7,79	5,80	0,66	-	0,108
Branquinha	10,17	2,47	3,27	6,61	9,50	1,91	11,09	83,83	-	0,024
Campestre	0,00	0,00	4,86	1,52	4,53	3,01	0,00	-0,92	-	0,041
Colônia Leopoldina	6,71	2,01	2,97	2,50	7,42	7,84	7,04	25,79	-	0,260
Ibateguara	8,46	4,43	5,67	6,61	6,59	5,93	5,08	-4,63	-	0,137
Joaquim Gomes	5,98	1,79	4,90	3,54	3,52	7,44	6,30	28,60	-	0,184
Jundiá	6,57	0,00	2,13	19,04	11,98	12,07	0,00	111,62	-	0,023
Murici	10,78	9,35	4,09	4,49	8,56	8,88	3,91	-3,57	-	0,209
Novo Lino	3,36	0,82	3,21	5,80	10,67	10,57	5,61	55,83	-	0,483
Santana do Mundaú	4,29	5,00	9,14	9,12	6,44	6,49	0,90	-2,60	-	0,070
São José da Laje	10,32	1,31	2,16	3,53	7,46	6,55	3,77	16,34	-	0,008
União dos Palmares	6,27	5,61	6,86	9,78	8,78	9,22	7,94	5,87	-	0,479

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Em relação ao diabetes, que também é uma condição sensível à APS, as taxas de internação vêm sofrendo reduções desde 2012, entretanto, ainda com previsão de manutenção em patamares elevados ($R^2=0,005$) (Figura 17). Os únicos municípios que apresentam redução média nas taxas de internação ao longo do tempo são Branquinha (-15,90%) e São José da Laje (-10,75%), porém, chama atenção o aumento médio observado em Ibateguara (123,47%), Santana do Mundaú (81,86%) e Jundiá (58,33%). Já Joaquim Gomes, Novo Lino e Murici possuem as maiores taxas da região em 2013: 15,12/10.000 hab.; 12,82/10.000 hab.; e 10,65/10.000 hab. (Tabela 07).

Figura 17 – Tendência temporal das internações por Diabetes Mellitus. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 07 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Diabetes Mellitus, segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.

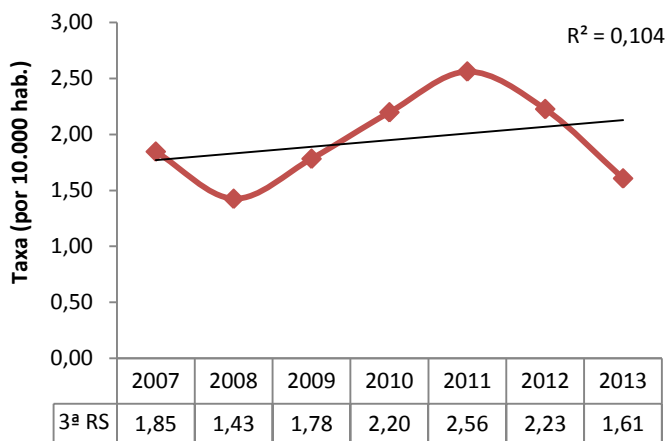
LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIAÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R ²
3ª RS	7,57	9,29	7,04	8,04	10,52	9,13	6,03	-0,61	-	0,005
Branquinha	2,54	2,47	3,27	3,78	2,85	0,00	0,00	-15,90	-	0,433
Campestre	0,00	0,00	1,62	4,55	3,02	1,50	1,44	23,28	-	0,173
Colônia Leopoldina	3,62	3,51	2,97	4,99	5,94	4,41	2,82	1,13	-	0,025
Ibateguara	1,30	6,96	0,63	2,64	4,62	5,93	4,44	123,47	-	0,138
Joaquim Gomes	14,26	15,20	14,26	14,17	15,41	17,94	15,12	1,53	-	0,290
Jundiá	2,19	8,51	6,39	7,14	14,38	16,90	9,36	58,33	Aumento	0,517
Murici	8,09	8,60	6,32	11,23	10,42	8,51	10,65	9,55	-	0,266
Novo Lino	5,04	4,89	7,23	6,63	9,03	9,75	12,82	18,70	Aumento	0,900
Santana do Mundaú	0,86	5,00	2,49	1,82	5,52	2,78	0,90	81,86	-	0,002
São José da Laje	21,09	24,85	21,20	23,80	26,76	22,26	5,45	-10,75	-	0,258
União dos Palmares	6,76	8,17	4,62	3,53	8,78	6,52	3,21	4,35	-	0,118

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Considerando a hipertensão primária, observa-se, em média, aumento de 0,20% nas taxas de internações, sem grandes variações no período (Figura 18). É importante destacar que Colônia Leopoldina, Joaquim Gomes, Jundiá, São José da Laje e União dos Palmares apresentam variação média positiva, entretanto, apenas Joaquim Gomes e União dos Palmares possuem tendências de aumento ($R^2=0,536$ e $R^2=0,693$, respectivamente) (Tabela 08).

É observado aumento considerável nas taxas (14,73% ao ano) devido às doenças isquêmicas do coração, e com significância estatística ($R^2=0,838$) (Figura 19). Os residentes de Branquinha, Ibateguara, Joaquim Gomes e União dos Palmares apresentam tendência de aumento em tais internações (Tabela 09). As maiores taxas em 2013 encontram-se em Joaquim Gomes (9,24/10.000 hab.), União dos Palmares (6,26/10.000 hab.) e São José da Laje (5,03/10.000 hab.) (Tabela 09).

Figura 18 – Tendência temporal das internações por Hipertensão Primária. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



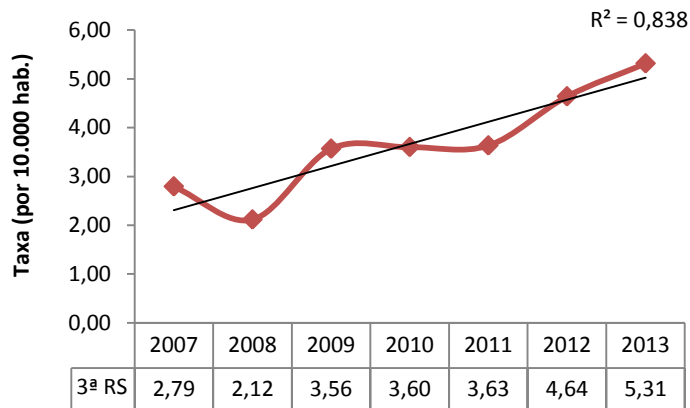
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 08 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Hipertensão Primária, segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIAÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R²
3ª RS	1,85	1,43	1,78	2,20	2,56	2,23	1,61	0,20	-	0,104
Branquinha	0,85	0,00	0,82	0,94	0,00	0,00	1,85	-61,54	-	0,059
Campestre	1,66	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	-100,00	-	0,375
Colônia Leopoldina	5,16	1,00	5,45	4,00	1,98	0,00	1,41	37,17	-	0,361
Ibateguara	0,65	0,00	0,00	0,00	0,66	0,00	0,00	-100,00	-	0,097
Joaquim Gomes	1,84	1,34	4,01	5,76	6,16	7,88	4,20	33,94	Aumento	0,536
Jundiá	0,00	2,13	4,26	7,14	4,79	4,83	2,34	16,82	-	0,183
Murici	7,70	8,60	5,20	5,62	8,19	7,40	3,55	-5,95	-	0,244
Novo Lino	0,00	0,00	0,00	3,31	4,10	3,25	1,60	-15,89	-	0,436
Santana do Mundaú	0,00	0,00	0,00	0,00	0,92	0,00	0,00	-100,00	-	0,041
São José da Laje	0,45	0,44	0,87	0,44	1,75	0,00	0,00	48,93	-	0,028
União dos Palmares	0,16	0,16	0,00	0,32	0,32	0,64	1,22	17,61	Aumento	0,693

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 19 – Tendência temporal das internações por Doenças Isquêmicas do Coração. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 09 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Doenças Isquêmicas do Coração, segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIAÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R²
3ª RS	2,79	2,12	3,56	3,60	3,63	4,64	5,31	14,73	Aumento	0,838
Branquinha	0,85	0,82	0,82	1,89	4,75	3,82	4,62	46,68	Aumento	0,804
Campestre	4,99	0,00	1,62	0,00	1,51	0,00	0,00	-100,00	-	0,398
Colônia Leopoldina	4,65	2,01	5,45	4,99	1,98	4,41	3,29	23,93	-	0,022
Ibateguara	1,30	2,53	2,52	2,64	3,96	3,95	4,44	26,79	Aumento	0,912
Joaquim Gomes	3,68	1,34	4,01	3,99	3,52	7,88	9,24	44,03	Aumento	0,674
Jundiá	0,00	2,13	0,00	0,00	0,00	0,00	2,34	-100,00	-	0,038
Murici	1,16	2,62	3,34	5,62	3,35	3,33	4,97	38,44	-	0,455
Novo Lino	3,36	1,63	1,61	2,49	4,92	4,06	4,01	13,50	-	0,369
Santana do Mundaú	0,00	0,00	5,81	2,74	0,00	0,93	4,49	77,24	-	0,093
São José da Laje	3,59	2,18	5,62	6,61	6,14	6,55	5,03	18,78	-	0,397
União dos Palmares	3,46	3,05	3,35	2,56	3,99	5,24	6,26	13,48	Aumento	0,622

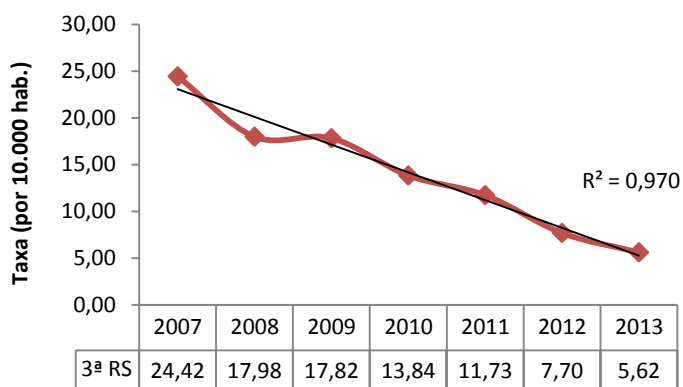
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Ao contrário das doenças isquêmicas do coração, há uma redução importante (-21,02%) nas taxas de internação por doenças respiratórias crônicas das vias aéreas inferiores e com forte tendência de decréscimo ($R^2=0,970$) (Figura 20). Todos os municípios da região, com exceção de Branquinha, Colônia Leopoldina, Jundiá e Santana do Mundaú apresentam redução média nas taxas, no entanto, tendências significantes de decréscimo são verificadas para Joaquim Gomes, Murici, Novo

Lino, São José da Laje e União dos Palmares (Tabela 10). Joaquim Gomes e Murici são as localidades com maiores taxas de internação na série histórica.

As taxas de internação por câncer reduzem entre os residentes da 3ª RS (-0,62%), mantendo certa estabilidade entre 2010 e 2012, e aumentando em 2013, permanecendo, em geral, estável ($R^2=0,109$) (Figura 21). Apenas Campestre apresenta variação percentual negativa no período, devendo ter cautela nesse resultado, devido às reduções das internações em geral entre seus residentes (Tabela 11).

Figura 20 – Tendência temporal das internações por Doenças Respiratórias Crônicas das Vias Aéreas Inferiores. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



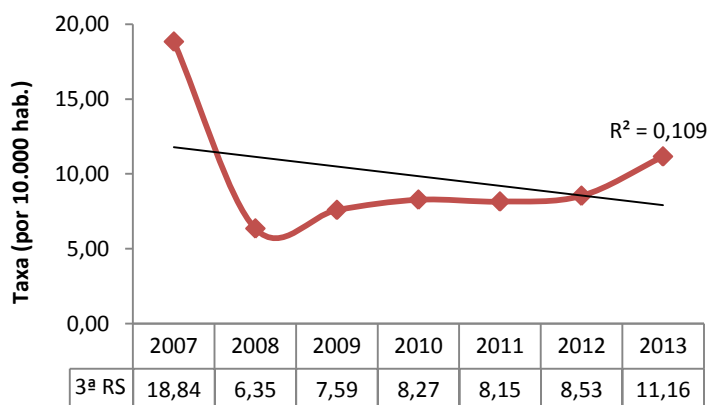
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 10 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Doenças Respiratórias Crônicas das Vias Aéreas Inferiores, segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R²
3ª RS	24,42	17,98	17,82	13,84	11,73	7,70	5,62	-21,02	Redução	0,970
Branquinha	8,48	4,12	12,28	2,83	5,70	1,91	2,77	24,94	-	0,335
Campestre	0,00	0,00	0,00	0,00	3,02	0,00	0,00	-100,00	-	0,041
Colônia Leopoldina	19,63	1,00	4,96	4,99	4,95	0,98	1,41	43,76	-	0,414
Ibateguara	9,77	4,43	3,78	2,64	4,62	5,27	0,63	-16,42	-	0,468
Joaquim Gomes	61,19	51,42	62,40	39,41	34,78	24,50	15,54	-18,22	Redução	0,880
Jundiá	8,75	6,38	2,13	11,90	4,79	9,66	4,68	59,24	-	0,004
Murici	36,20	27,31	25,63	20,22	11,91	11,10	11,36	-16,22	Redução	0,920
Novo Lino	11,76	7,34	4,02	7,46	7,39	4,06	2,40	-14,00	Redução	0,593
Santana do Mundaú	5,14	1,67	6,65	6,39	3,68	4,63	2,69	28,16	-	0,033
São José da Laje	50,26	40,97	25,96	19,39	20,62	7,42	7,13	-23,68	Redução	0,925
União dos Palmares	14,85	12,98	12,12	11,38	8,62	5,88	3,82	-19,41	Redução	0,961

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 21 – Tendência temporal das internações por Câncer. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Tabela 11 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Câncer, segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.

LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIAÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R ²
3ª RS	18,84	6,35	7,59	8,27	8,15	8,53	11,16	-0,62	-	0,109
Branquinha	15,26	10,71	3,27	6,61	9,50	19,10	20,33	25,64	-	0,214
Campestre	6,65	0,00	8,09	0,00	9,05	0,00	0,00	-100,00	-	0,116
Colônia Leopoldina	5,68	11,03	3,47	9,49	10,39	4,41	5,63	29,80	-	0,026
Ibateguara	10,42	13,29	11,98	4,63	13,19	25,03	17,13	33,28	-	0,303
Joaquim Gomes	11,04	4,92	6,69	10,63	10,56	6,13	8,40	5,66	-	0,002
Jundiá	10,94	4,26	2,13	7,14	7,19	4,83	4,68	14,85	-	0,117
Murici	20,80	7,11	10,40	7,86	10,79	12,95	17,05	7,50	-	0,000
Novo Lino	36,97	3,26	4,02	6,63	3,28	1,63	4,81	15,31	-	0,379
Santana do Mundaú	13,72	0,83	5,81	21,90	5,52	12,05	12,57	138,07	-	0,043
São José da Laje	14,81	6,10	7,79	7,05	5,26	6,55	11,32	5,22	-	0,074
União dos Palmares	28,54	4,97	9,09	7,69	6,39	5,72	10,99	8,29	-	0,255

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

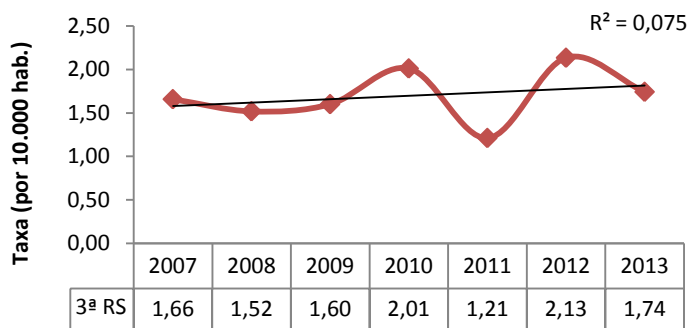
Finalmente, em relação aos transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de substância psicoativa, há variação positiva, ou seja, aumento médio anual nas taxas de internação entre moradores de Branquinha (40,01%), Colônia Leopoldina (41,08%), Murici (93,20%), Novo Lino (61,13%), São José da Laje (16,52%) e União dos Palmares (10,32%) (Tabela 12). Para Jundiá se verifica tendência de redução, estando relacionada à não ocorrência de internações desde 2011, merecendo cautela nesses resultados. As maiores taxas em 2013 estão em Novo Lino (4,01/10.000 hab.), São José da Laje (3,77/10.000 hab.) e Colônia Leopoldina (3,29/10.000 hab.) (Tabela 12). Para a região, a maior taxa ocorreu em 2011 (1,21/10.000 hab.) e a menor em 2012 (2,13/10.000 hab.), fazendo com que a região tenha estabilidade nessas taxas ao longo do tempo ($R^2=0,075$) (Figura 22).

Tabela 12 – Taxas de internação, variação percentual anual e tendência temporal de internações por Transtornos Mentais e Comportamentais Devidos ao Uso de Substâncias Psicoativas, segundo município de residência. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.

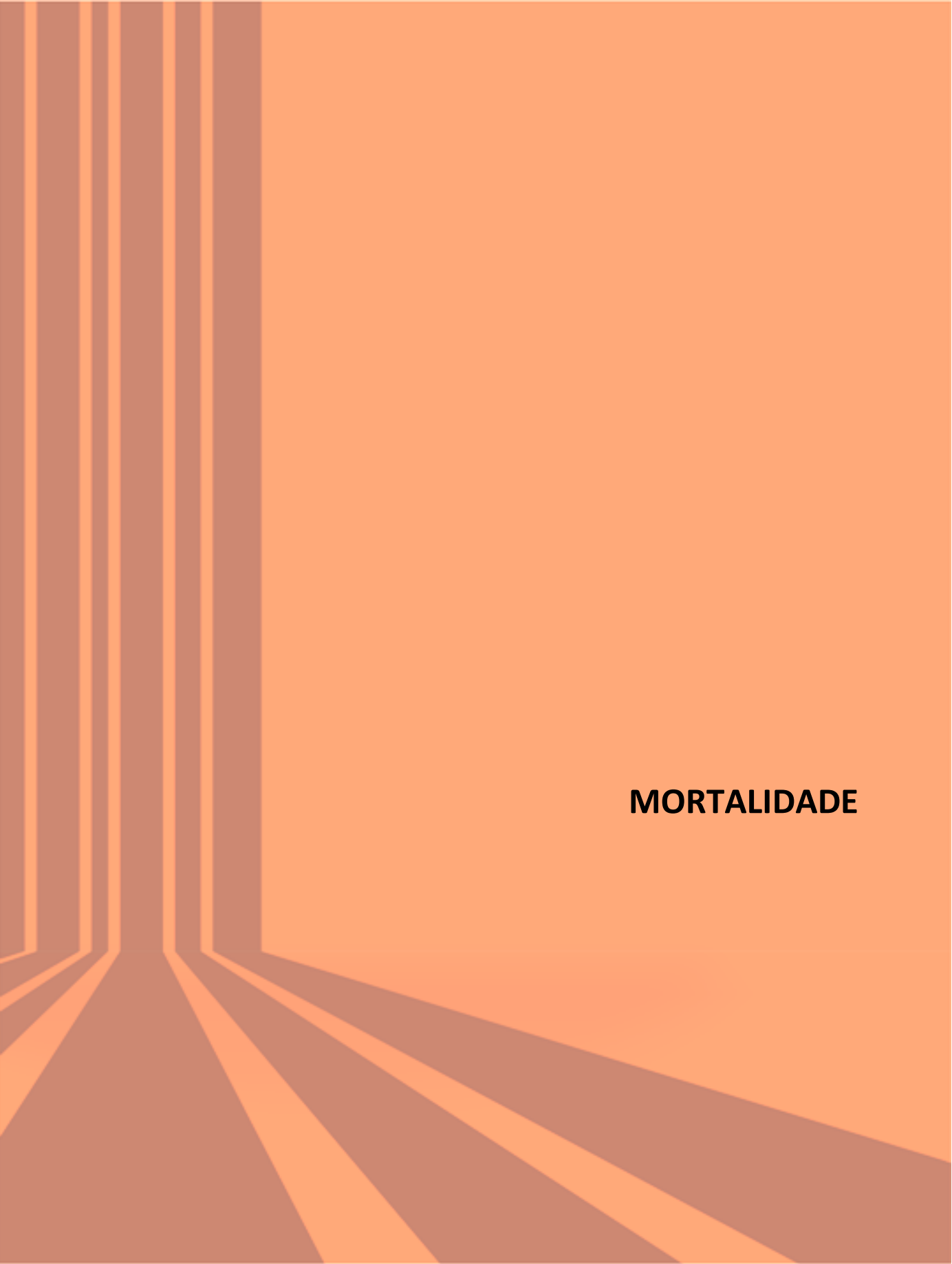
LOCAL DE RESIDÊNCIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VARIÇÃO PERCENTUAL ANUAL (%)	TENDÊNCIA	R²
3ª RS	1,66	1,52	1,60	2,01	1,21	2,13	1,74	6,79	-	0,075
Branquinha	1,70	0,82	1,64	0,94	1,90	5,73	1,85	40,01	-	0,238
Campestre	0,00	4,85	0,00	3,03	0,00	1,50	0,00	-100,00	-	0,071
Colônia Leopoldina	3,10	3,01	2,97	3,00	0,49	0,98	3,29	41,08	-	0,159
Ibateguara	0,00	0,00	1,89	2,64	1,98	1,98	0,63	-13,35	-	0,183
Joaquim Gomes	0,92	0,00	1,78	0,89	0,88	1,31	1,26	-21,17	-	0,148
Jundiá	6,57	6,38	0,00	4,76	0,00	0,00	0,00	-67,60	Redução	0,609
Murici	0,39	2,24	1,86	1,12	0,00	0,74	1,78	93,20	-	0,004
Novo Lino	2,52	1,63	2,41	3,31	0,82	0,81	4,01	61,13	-	0,006
Santana do Mundaú	1,71	0,83	0,00	0,91	0,00	0,93	0,00	-87,85	-	0,340
São José da Laje	4,04	2,62	2,16	1,76	1,75	5,24	3,77	16,52	-	0,055
União dos Palmares	1,15	0,80	1,12	2,24	2,08	2,38	1,07	10,32	-	0,206

Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

Figura 22 – Tendência temporal das internações por Transtornos Mentais e Comportamentais Devidos ao Uso de Substâncias Psicoativas. 3ª Região de Saúde, 2007-2013.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em 23/06/2014 e sujeitos à revisão.

The background of the page is an abstract composition. On the left side, there are several vertical stripes in shades of brown and orange. These stripes converge towards the bottom left, creating a perspective effect that suggests a hallway or a path leading into the distance. The right side of the page is a solid, light orange color. The word "MORTALIDADE" is printed in a bold, black, sans-serif font in the lower right quadrant of the page.

MORTALIDADE

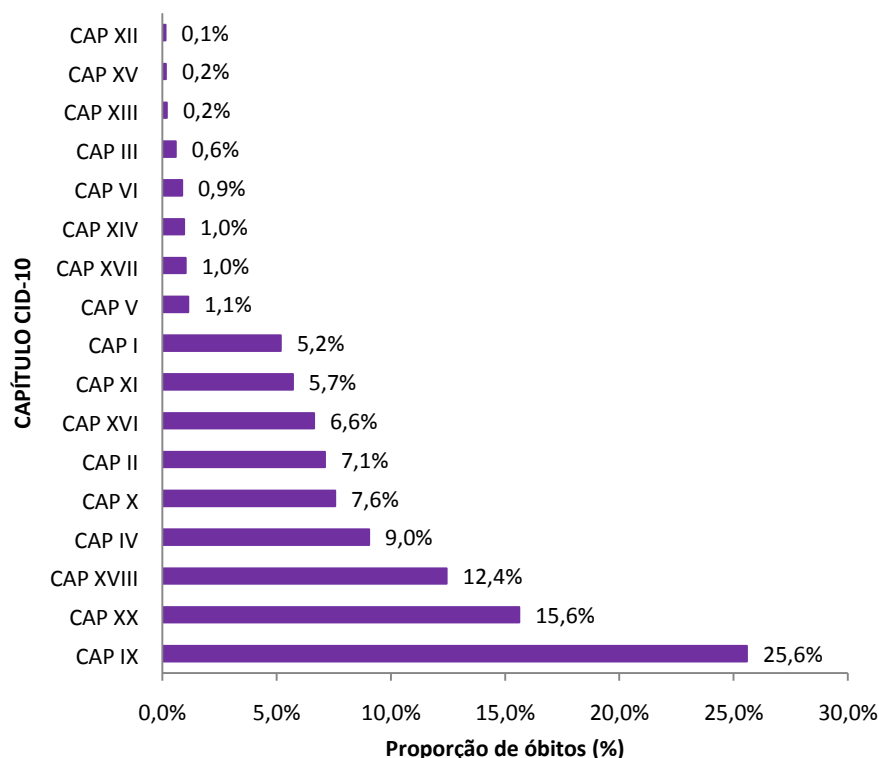
Nos últimos sete anos, as causas de óbitos mais frequentes na 3ª RS do estado de Alagoas foram aquelas codificadas no Capítulo IX (2.401: 25,6%), seguida do Capítulo XX (1.466: 15,6%) e XVIII (1.168: 12,4%) (Tabela 01; Figura 01).

Tabela 01 – Frequência de óbitos por grupo de causas (CAP CID-10) na 3ª RS do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.

GRUPO DE CAUSAS	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	TOTAL
CAP I	101	68	70	56	70	54	68	487
CAP II	98	90	79	94	92	104	111	668
CAP III	11	07	10	05	06	10	06	55
CAP IV	145	118	111	107	137	113	118	849
CAP V	14	12	15	18	16	13	19	107
CAP VI	17	10	12	05	11	09	17	81
CAP VIII	01	00	00	00	00	00	00	01
CAP IX	367	310	323	341	325	350	385	2.401
CAP X	95	91	93	107	121	90	113	710
CAP XI	68	62	86	75	71	88	86	536
CAP XII	01	02	03	01	01	02	03	13
CAP XIII	03	01	04	03	03	03	02	19
CAP XIV	8	17	09	14	19	14	09	90
CAP XV	01	03	00	02	02	05	02	15
CAP XVI	105	76	89	78	86	90	99	623
CAP XVII	09	10	12	15	16	20	14	96
CAP XVIII	108	132	192	190	187	189	170	1.168
CAP XX	196	177	181	220	233	218	241	1.466
TOTAL	1.348	1.186	1.289	1.331	1.396	1.372	1.463	9.385
GRUPOS DE CAUSAS SEGUNDO CAPÍTULO DO CID-10								
I. Algumas doenças infecciosas e parasitárias								
II. Neoplasias								
III. Doenças do sangue e órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários								
IV. Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas								
V. Transtornos mentais e comportamentais								
VI. Doenças do sistema nervoso								
VII. Doenças do olho e anexos*								
VIII. Doenças do ouvido e da apófise mastóide								
IX. Doenças do aparelho circulatório								
X. Doenças do aparelho respiratório								
XI. Doenças do aparelho digestivo								
XII. Doenças da pele e do tecido subcutâneo								
XIII. Doenças sistema osteomuscular e tecido conjuntivo								
XIV. Doenças do aparelho geniturinário								
XV. Gravidez, parto e puerpério								
XVI. Algumas afecções originadas no período perinatal								
XVII. Malformações congênicas, deformidades e anomalias cromossômicas								
XVIII. Sint., sinais e achados anormais de ex. clínicos e de laboratório não classificados em outra parte								
XIX. Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas*								
XX. Causas externas de morbidade e mortalidade								
XXI. Fatores que influenciam o estado de saúde e o contato com os serviços de saúde*								

*Excluídos por não ter ocorrido casos no período avaliado. Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Figura 01 – Mortalidade proporcional por grupo de causas (CAP CID-10) na 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.

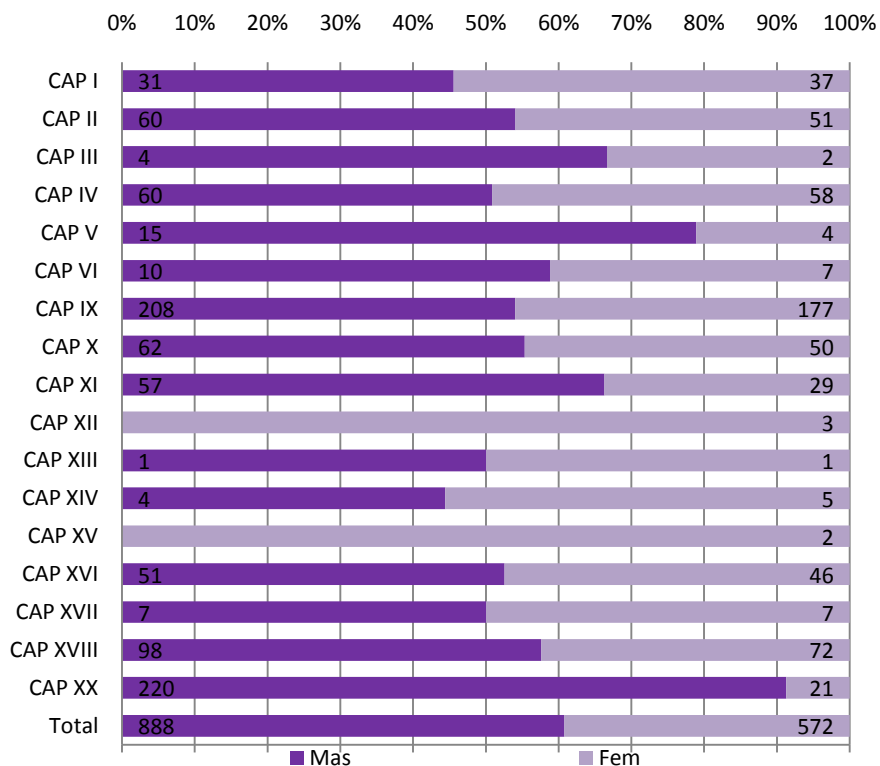


*Excluídos os capítulos VII, VIII, XIX e XXI por não apresentarem casos no período ou não possuírem frequências significativas. Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Avaliando os grupos de causas de óbitos por sexo na 3ª RS, verifica-se uma diferença mais significativa quando observadas as causas codificadas no Capítulo XX (Causas externas de morbidade e mortalidade) e V (Transtornos mentais e comportamentais), onde, respectivamente, aproximadamente 90% e mais de 80% dos óbitos ocorrem entre os indivíduos do sexo masculino (Figura 02). Assim como observado quando avaliado todo o Estado, observa-se nesta RS uma maior ocorrência de óbitos por causas externas entre os indivíduos do sexo masculino, principalmente aquelas relacionadas a acidentes e homicídios entre os indivíduos do sexo masculino. Com exceção das causas codificadas no capítulo XV (Gravidez, parto e puerpério – associadas exclusivamente as mulheres), nenhum outro grupo de causas de óbitos foi observado em apenas um dos gêneros (masculino ou feminino) (Figura 02).

Entre os indivíduos do sexo feminino, observa-se no capítulo I (Algumas doenças infecciosas e parasitárias) e capítulo XIV (Doenças do aparelho geniturinário) que as mulheres representam mais de 50% dos indivíduos que evoluíram para óbito devido a este grupo de causas (Figura 02).

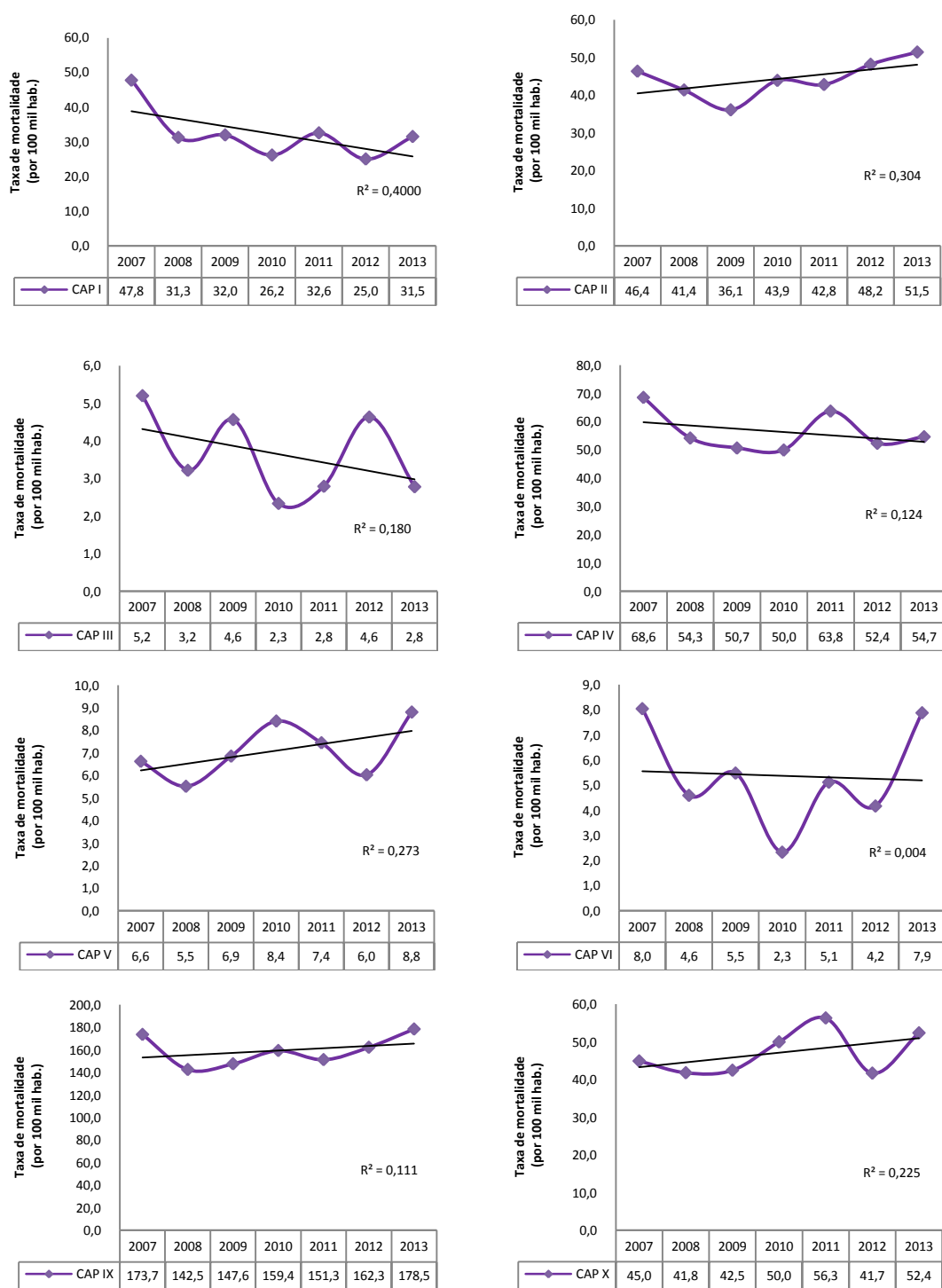
Figura 02 – Frequência de óbitos por grupo de causas (CAP CID-10) na 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas, segundo sexo, 2013.

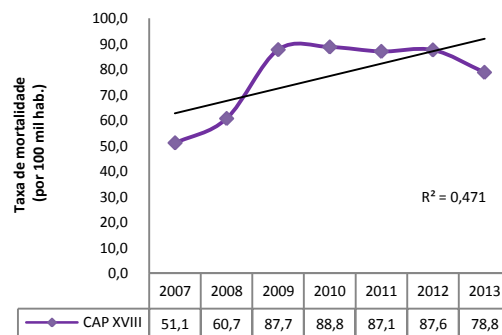
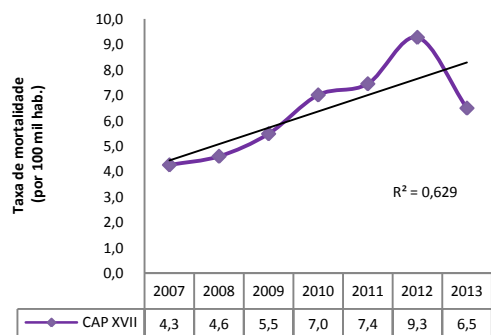
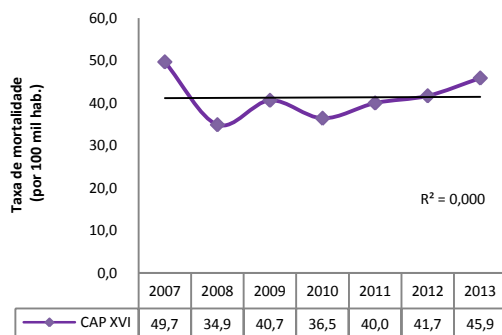
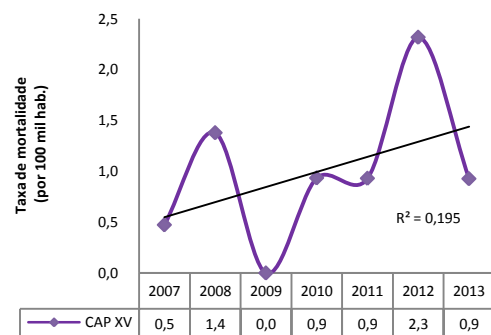
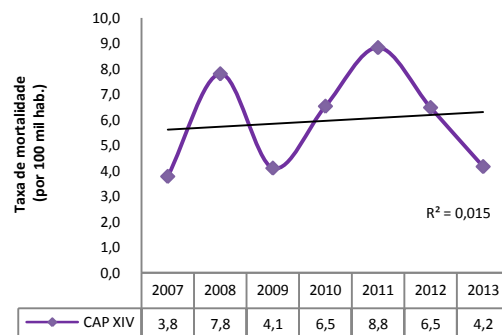
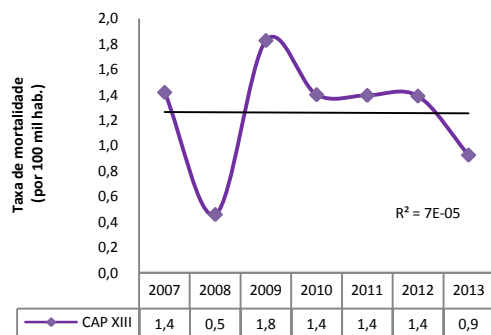
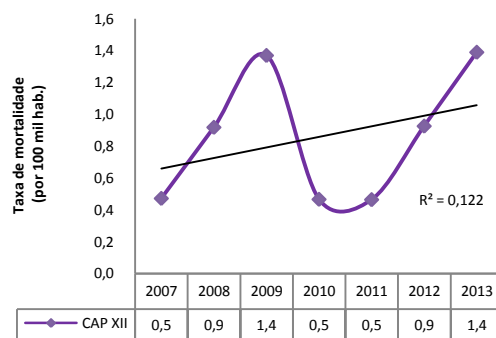
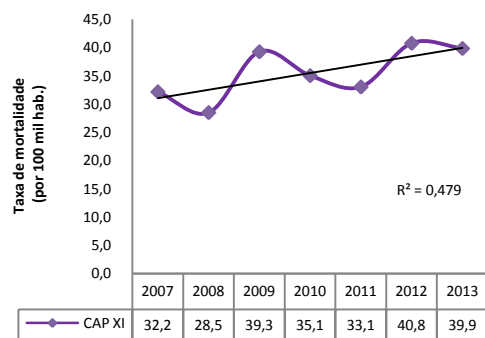


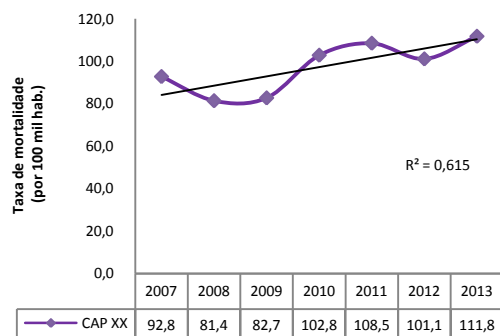
*Excluídos os capítulos VII,VIII, XIX e XXI por não apresentarem casos no período avaliado. Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 03/06/2013 – Dados sujeitos a alterações.

Observa-se na figura 03 a tendência temporal da taxa de mortalidade para cada grupo de causas codificadas no CID-10. Entre os três grupos de causas apontados como sendo responsáveis pelas maiores proporções de óbitos na 3ª RS (Capítulos IX, XX e XVIII), as causas mal definidas (CAP. XVIII) e as causas externas (CAP. XX), apresentaram tendência de crescimento em suas taxas (Figura 03 - CAP. XVIII e XX), sendo na primeira, tendência moderada. Das taxas observadas nesta RS, apenas os óbitos provocados por doenças infecciosas e parasitárias apresentaram tendência de declínio (Fig. 03 - Cap. I).

Figura 03 – Tendência temporal da taxa de mortalidade segundo os grupos de causas (CAP. CID-10*) na 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.





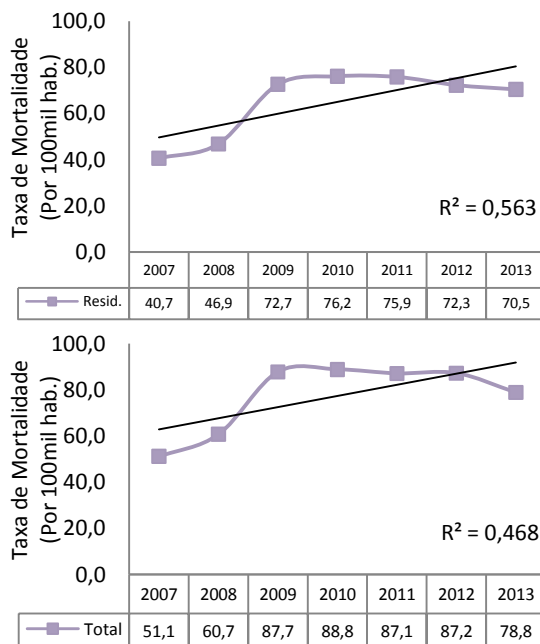
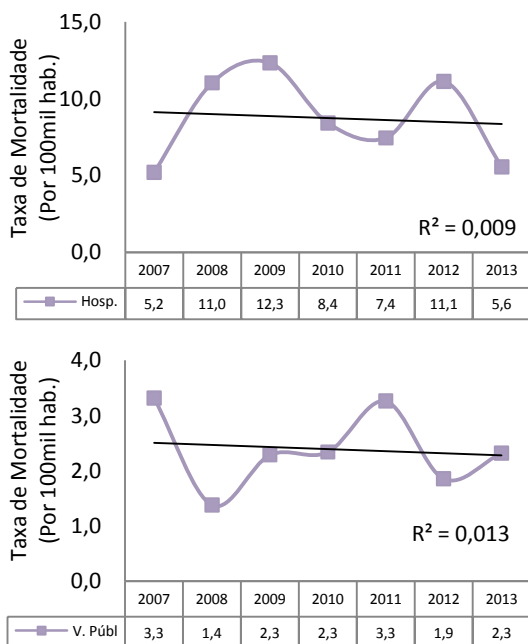


*Excluídos os capítulos VII, VIII, XIX e XXI por não apresentarem casos no período ou não possuírem taxas significativas.
 Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Os óbitos decorrentes das causas codificadas no capítulo XVIII, refletem, mesmo que indiretamente, o acesso e a disponibilidade da atenção à saúde para com a população, e ainda, a qualidade dos serviços responsáveis por diagnóstico e esclarecimento das causas de morte. É importante ressaltar que regiões que apresentam grande frequência de óbitos com causas não esclarecidas, pode interferir na análise do perfil epidemiológico do território analisado.

É recomendado que o número de óbitos classificados como mal definidos apresente uma diminuição progressiva. Na 3ª RS, observa-se nos últimos sete anos, que a taxa de mortalidade por este grupo de causas apresenta uma fraca tendência de crescimento ($R^2=0,4685$) (Figura 04 - Total).

Figura 04 – Tendência temporal da taxa de mortalidade devido às consequências codificadas no Capítulo XVIII (CAP CID-10), segundo local do óbito, observado na 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Ainda na figura 04, em relação ao local, observa-se que os óbitos que ocorrem no domicílio (tendência moderada de crescimento; $R^2=0,6958$) provavelmente são os responsáveis pelo aumento desta taxa de mortalidade por causas mal definidas nesta RS. A falta, ou a dificuldade no acompanhamento dos pacientes pela atenção básica de saúde pode estar contribuindo com a deficiência de elucidação dos casos de óbitos ocorridos no domicílio, seja pelo acompanhamento deficiente ofertado ao paciente, ou por qualquer outro mecanismo da atenção em saúde dos municípios da região. Os óbitos que ocorrerem nos hospitais e vias públicas não apresentaram tendência definida quando avaliados no período de 2007 a 2013 (Figura 04).

Entre as causas definidas de óbitos observadas na 3ª RS do estado de Alagoas, as causas mal definidas apresentaram a maior frequência nos últimos sete anos, seguidas de homicídios e doenças cerebrovasculares (Tabela 02).

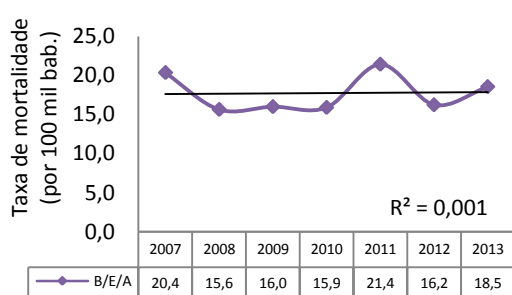
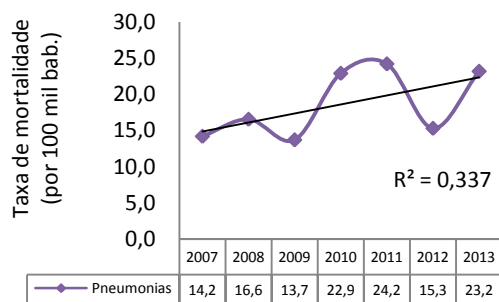
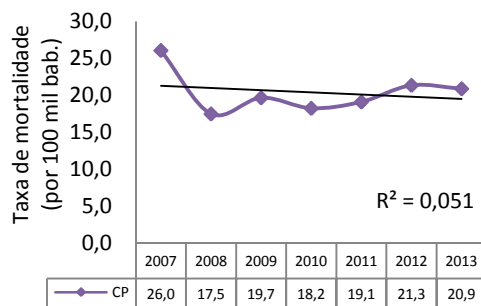
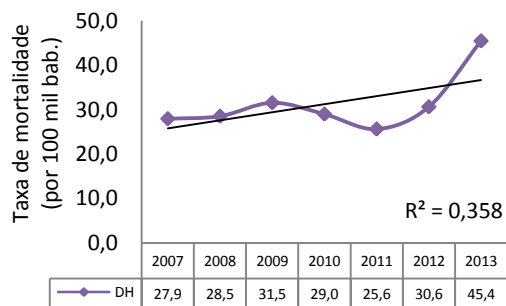
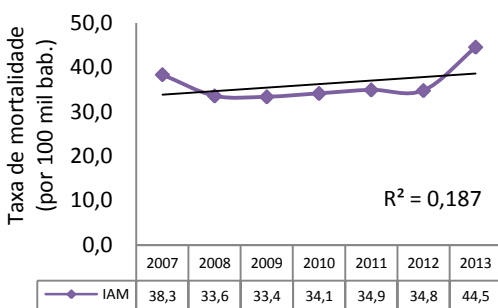
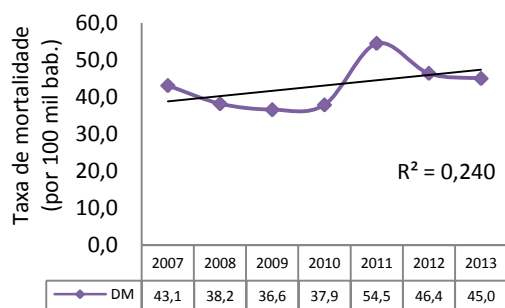
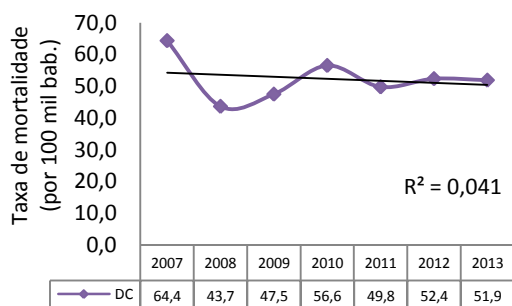
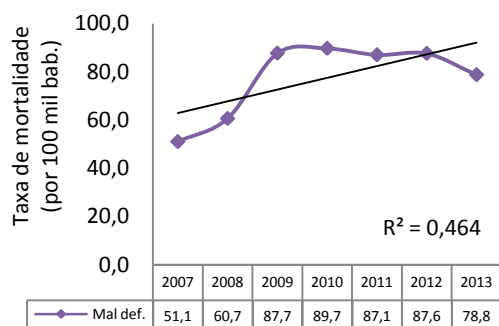
Tabela 02 – Frequência das principais causas de óbitos definidas na 3ª Região de Saúde do Estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.

CAUSAS DEFINIDAS	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	TOTAL
Mal definidas	108	132	192	192	187	189	170	1.170
Homicídios	108	117	104	119	139	145	157	889
Doenças cerebrovasculares	136	95	104	121	107	113	112	788
<i>Diabetes mellitus</i>	91	83	80	81	117	100	97	649
Infarto agudo do miocárdio	81	73	73	73	75	75	96	546
Doenças hipertensivas	59	62	69	62	55	66	98	471
Acidentes de trânsito e transporte	57	23	38	52	68	50	45	333
Causas perinatais	55	38	43	39	41	46	45	307
Pneumonias	30	36	30	49	52	33	50	280
Bronquite, enfisema, asma	43	34	35	34	46	35	40	267

Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Das causas definidas de óbitos mais frequentes, destacam-se no período avaliado as taxas de óbitos por causas mal definidas (Mal def.) por ser a únicas que apresenta tendência de crescimento (Figura 05 - Mal def.). Nenhuma das demais causas definidas de óbitos apresentou tendência significativa.

Figura 05 – Tendência temporal da taxa de mortalidade devido às principais causas determinadas de óbitos observadas na 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013 (Mal. Def.-Mal Definidas; DC-Doenças Cerebrovasculares; DM-Diabetes Mellitus; IAM-Infarto Agudo do Miocárdio; DH-Doenças Hipertensivas; CP-Causas Perinatais; B/E/H-Bronquite, enfisema, asma).



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

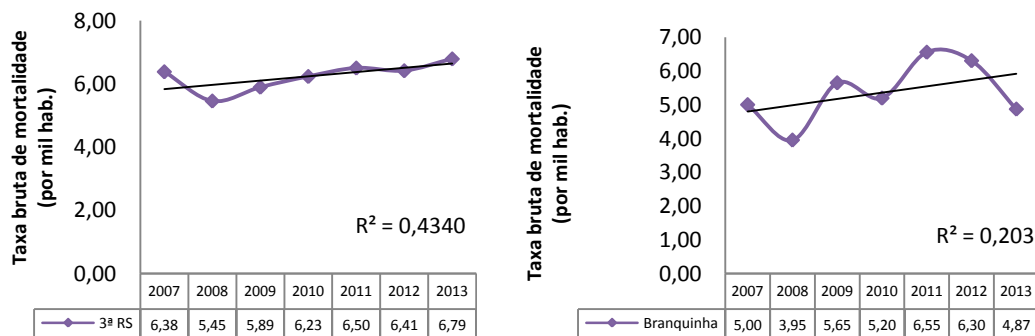
Observa-se na tabela 03 a Taxa Bruta de Mortalidade da 3ª RS do Estado e de seus respectivos municípios. Considera-se que esta taxa pode estar elevada devido às baixas condições socioeconômicas ou ainda ser reflexo de uma elevada proporção de pessoas idosas na população geral. No entanto, apesar do evidente crescimento observado da população idosa do Estado, acredita-se que a taxa bruta de mortalidade também esteja sofrendo influência em seu crescimento devido ao grande número de óbitos prematuros ocorridos por acidentes e homicídios (Figuras 07 e 08).

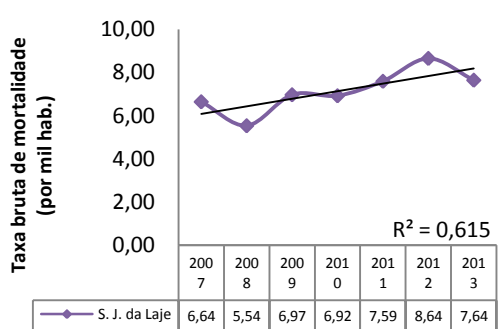
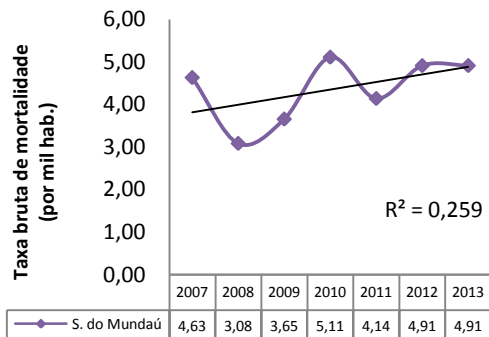
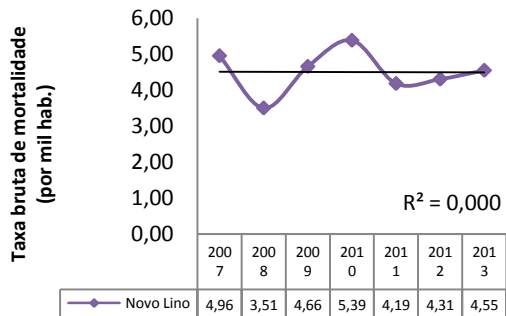
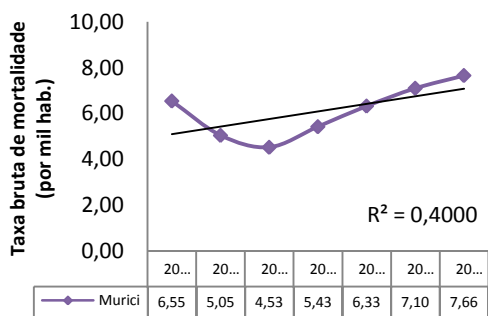
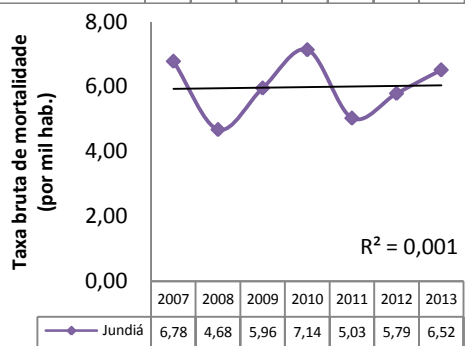
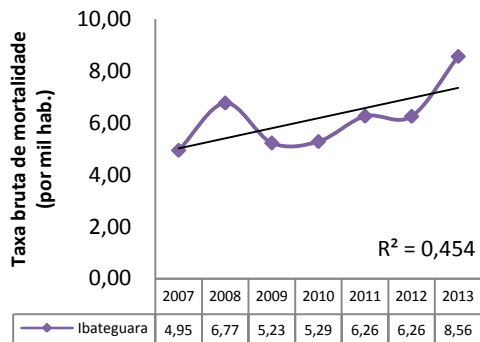
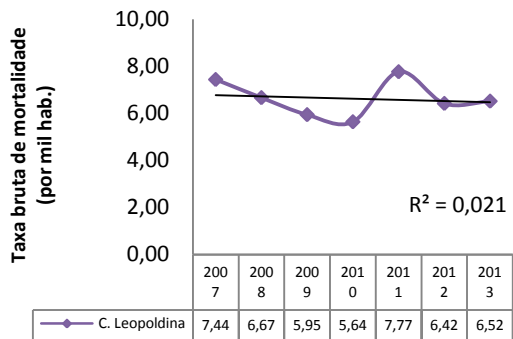
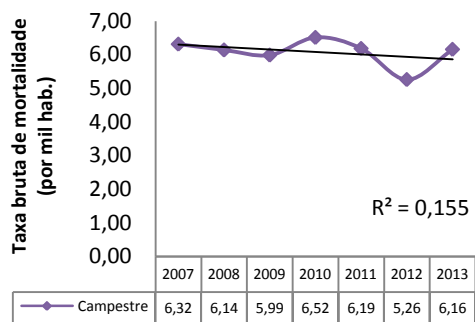
Tabela 03 – Taxa Bruta de mortalidade (por mil habitantes) observada na 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.

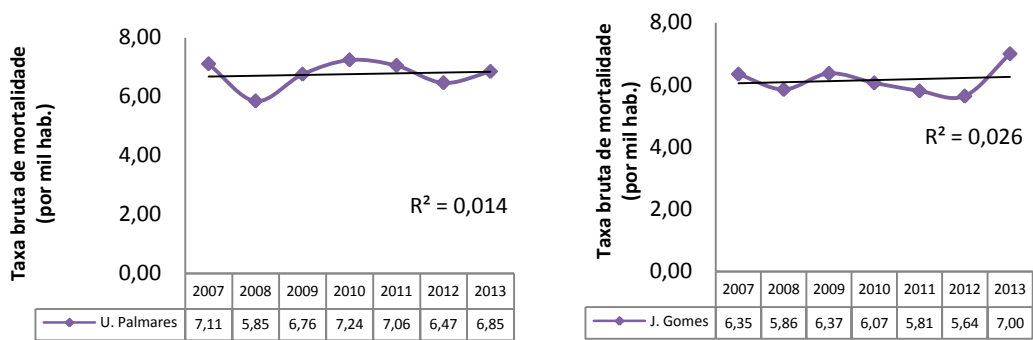
LOCALIDADE	ANO						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
3ª RS	6,38	5,45	5,89	6,23	6,50	6,41	6,79
Branquinha	5,00	3,95	5,65	5,20	6,55	6,30	4,87
Campestre	6,32	6,14	5,99	6,52	6,19	5,26	6,16
Colônia Leopoldina	7,44	6,67	5,95	5,64	7,77	6,42	6,52
Ibateguara	4,95	6,77	5,23	5,29	6,26	6,26	8,56
Joaquim Gomes	6,35	5,86	6,37	6,07	5,81	5,64	7,00
Jundiá	6,78	4,68	5,96	7,14	5,03	5,79	6,52
Murici	6,55	5,05	4,53	5,43	6,33	7,10	7,66
Novo Lino	4,96	3,51	4,66	5,39	4,19	4,31	4,55
Santana do Mundaú	4,63	3,08	3,65	5,11	4,14	4,91	4,91
São José da Laje	6,64	5,54	6,97	6,92	7,59	8,64	7,64
União dos Palmares	7,11	5,85	6,76	7,24	7,06	6,47	6,85

Os municípios de Branquinha, Campestre, Colônia Leopoldina, Jundiá, Novo Lino, Santana do Mundaú, União dos Palmares e Joaquim Gomes não apresentaram tendência significativa na variação da taxa bruta de mortalidade no período avaliado. Apenas os municípios de Ibateguara, Murici e São José da Laje apresentaram tendência de crescimento para sua taxa bruta de mortalidade (Figura 06). É importante chamar atenção que o aumento desta taxa pode ser devido a uma baixa condição socioeconômica apresentada pela população.

Figura 06 – Tendência temporal da Taxa bruta de mortalidade (por mil habitantes) observada na 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas, segundo seus respectivos municípios, período de 2007 a 2013.





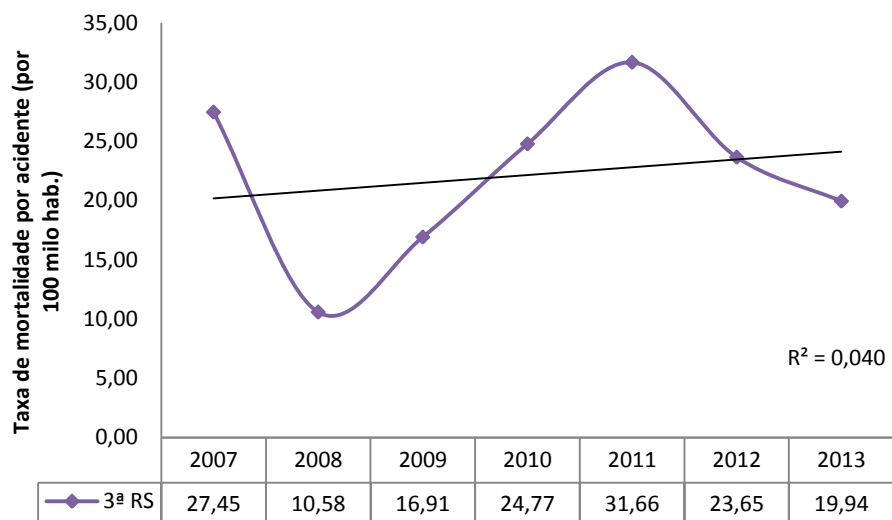


Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Entre os óbitos ocorridos devido às causas externas, os homicídios e acidentes de trânsito figuram como os mais importantes no estado. Na 3ª RS sua taxa média de mortalidade por 100 mil habitantes nos últimos sete anos foi de $59,0 \pm 9,3$ (homicídios) e $22,1 \pm 7,0$ (acidentes de trânsito). A análise temporal das taxas de óbitos ocorridos por acidentes de trânsito não demonstrou uma tendência de crescimento ($R^2 = 0,0409$), conforme pode ser constatado na Figura 07.

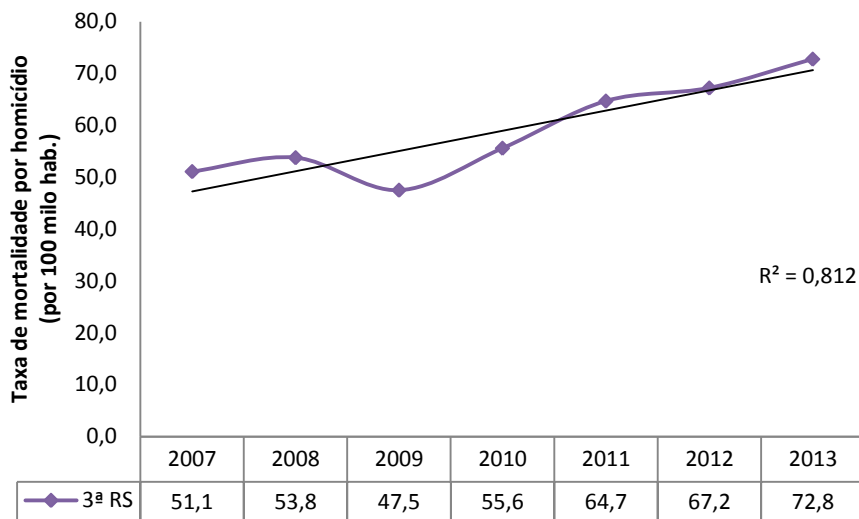
A taxa de homicídio observada na 3ª RS do estado de Alagoas apresentou uma forte tendência de crescimento quando avaliados os últimos sete anos (2007 a 2013) (Figura 08). Mesmo tendo sofrido aumento em relação ao ano de 2011, é importante destacar que a taxa observada no último ano (2012) pode estar sendo influenciada devido à dificuldade de diagnóstico oficial das causas de óbitos por causas externas (mortes violentas) enfrentadas durante a greve dos médicos legistas do IML em Alagoas.

Figura 07 – Tendência temporal da taxa de mortalidade por acidentes de trânsito observados na 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Figura 08 – Tendência temporal da taxa de mortalidade por homicídios observados na 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Os óbitos por causas externas representam para a 3ª RS do estado de Alagoas um prejuízo de mais de 54 mil anos de vida perdidos precocemente quando avaliados todos os óbitos ocorridos no período de 2007 a 2013. Avaliando especificamente as causas externas, conclui-se que os homicídios geram um impacto negativo aproximadamente três vezes maior, no que se refere aos anos potenciais de vida perdido, do que os acidentes de transporte. Verificam-se na tabela 04 os anos potenciais perdidos de vida, a média de anos de vida perdidos por indivíduo e a média de idade que ocorreram os óbitos.

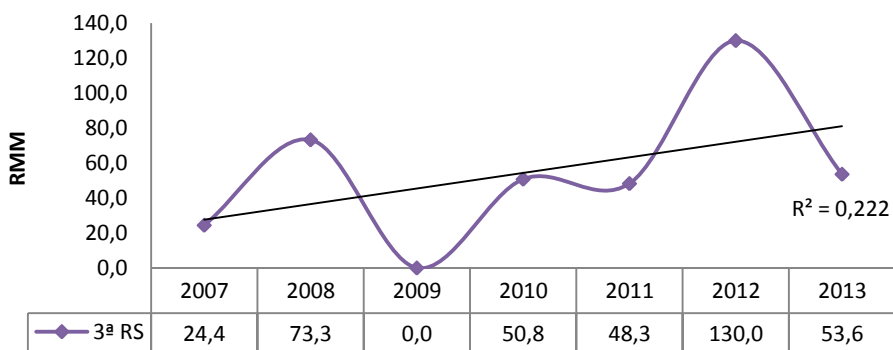
Tabela 04 – Anos potenciais de vida perdido segundo algumas causas de óbito observado na 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas, referente aos óbitos acumulados do período de 2007 a 2013.

LOCALIDADE	ANOS POTENCIAIS DE VIDA PERDIDOS (APVP) - ANOS		
	APVP GERAL	APVP MÉDIO	MÉDIA DE IDADE AO MORRER
Causas Externas	54.519,5	39,0	31,0
Homicídios	35.142,5	40,5	29,5
Doença do Aparelho Circulatório	18.642,5	15,1	54,9
Acidentes de Transporte	11.176,5	35,9	34,1
Câncer Primário	7.567,0	19,3	50,7
Diabetes Mellitus	3.590,0	12,1	57,9
Afogamento	3.327,5	40,6	29,4
Queda	798,5	30,5	39,3

Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

Na 3ª RS a Razão de Mortalidade Materna (RMM) não apresentou uma tendência significativa de crescimento quando avaliado o período de 2007 a 2013. Contudo, verifica-se um aumento bastante significativo quando observado o ano de 2012 (Figura 09).

Figura 09 – Tendência temporal da Razão de Mortalidade Materna (RMM) observada na 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.

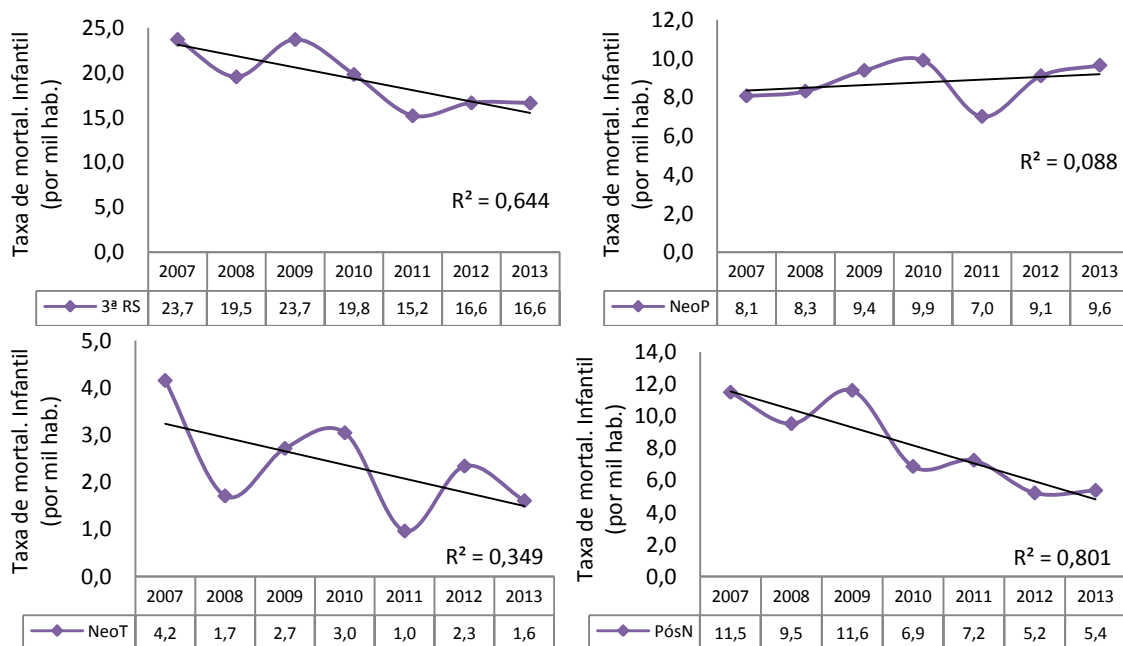


Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

A análise da Taxa de mortalidade infantil (TMI) observada entre os anos de 2007 a 2013 reflete em uma moderada tendência de declínio ($R^2=0,6441$), revelando, entre os extremos do período, uma queda de 30,4% (Figura 10).

Com exceção do componente Neonatal Precoce, todos os outros apresentaram uma queda quando comparados os extremos do período, contudo, só se observa uma tendência significativa de declínio no componente Pós Neonatal (Figura 10).

Figura 10 – Tendência temporal da Taxa de Mortalidade Infantil (TMI), segundo seus componentes: Neo Precoce (NeoP); Neo Tardia (NeoT); Pós Neonatal (PósN). 3ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2013.



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 23/06/2014 – Dados sujeitos a alterações.

